

OS AVULSOS VERSOS DO MEU REVERSO

Joaquim Cesário de Mello



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

Ao íntimo das coisas invisíveis

Sobre o autor

JOAQUIM CESÁRIO DE MELLO, natural de Recife (PE), psicólogo, psicoterapeuta, bacharel em Direito e professor universitário. Sócio e membro do CTCR – Centro de Terapia Clínica do Recife, foi também responsável pelo Setor de Psicologia do CTP – Comunidade de Tratamento Psiquiátrico (PE) e participante do IAF – Instituto de Apoio à Família (PE). Pós-graduado em Pedagogia (UPE) e Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Manteve coluna literária no Encarte Cultural do Jornal do Commercio (1998 – 2001), e é autor do Blog Literalmente

Escritor e poeta, Foi ator infantil de teatro e em meados dos anos 80 integrou o Movimento de Escritores Independentes, tendo participado de várias antologias literárias, entre elas Ensaio V, Grupo Poeco Só Poesia/SP (1981), Banco de Talentos (FEBRABAN, 1995) Poesia Viva do Recife (CEPE, 1996), Nouveaux Brésils Fin de Sciècle (Caravelle nº 75, Universidade de Toulouse, França, 2000),) e Cronistas de Pernambuco (Carpe Diem, 2010). Autor dos livros Dialética Terapeuta (Litoral, 2003), A Alma Humana (Labrador, 2018), A Psicologia nos Ditados Populares (Labrador, 2020), A Vida Como Um Espanto (Labrador, 2022) e No Cemitério das Nuvens (Editora Folheando, 2022)

resumo

NÃO HÁ MAIS GALOS NA CIDADE

VERSOS & NETOS

A VIDA COMO ESPANTO, ASSOMBRO E ENCANTAMENTO

NUNCA MAIS

PROLONGADA MADRUGADA

POEMA AZUL

BELA ADORMECIDA

NO CORAÇÃO DA SOLIDÃO DA CIDADE

O FUTURO DOBROU A ESQUINA

ALÉM DOS BEIJOS DE MISTRAL

CACHIMBO, WHISKY E PIANO

BREVE VIAGEM ALMA ADENTRO

MEMÓRIAS FEITAS DE PAREDES, JANELAS E TELHADO

CADÊ?

HOJE

E SE...

NUVENS VESTIDAS DE GENTE

A SOMA DE TODOS MEUS POETAS

AS NUVENS DO ONTEM

UM HOMEM ATEMPORAL

AS PALAVRAS QUE TRAGO POR DENTRO

DO QUE SONHAM OS POSTES

UM ESTRANHO NO INTERIOR DE MIM

(DES)ENCONTROS

TRAVESSEIROS ACORDADOS

A CADEIRA QUE VIROU LITERATURA

O DESTINO DAS NUVENS

O MISTÉRIO NO GUARDA-ROUPA DE MINHA MÃE

ANTES DE IR EMBORA

DE QUE SÃO FEITOS OS POEMAS

MEU MUNDO PENETRADO

POEMA PARA MAIORES DE 60 ANOS

MANIFESTO ANTIPOÉTICO

O ROSTO DO TEMPO

O DEUS DAS COISAS MORTAS

A CASA DA INFÂNCIA

DOMINGO SINCOPADO

CIRQUE DE LA VIE

CRÔNICA DE UMA JANELA APAIXONADA

QUANDO AQUI CHEGUEI

RABISCOS NA AREIA

SE EU SOUBESSE FALAR FRANCÊS

MÃOS CIGANAS

SE UM DIA EU ME TORNAR ADULTO

CICLO DE VIDA

NO MERIDIANO METAVÉRSICO DE MIM

NEVERLAND

A CADEIRA VAZIA

SOBRE CHÃOS E ASSOALHOS

CIDADE DOS SONHOS

UM POEMA NO ESPELHO

SEU MÁRIO

POEMA PARA UM TOLO

PENSAMENTOS PENSADOS

ABSURDOS DE UM HOMEM DESMEDIDO

SAPATOS LARGOS

MANIFESTO MASCULINISTA

O TAPETE PERSA

NO INTERIOR DO BOLSO ESQUECIDO POR MIM

O AMANHÃ, DEPOIS DE MIM

PROCURA-SE UMA LEMBRANÇA

COM AMOR, JOAQUIM

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

O QUE OS OUTROS VEEM

A POESIA ROUBADA

AMORES CIDADINOS

O INFINITO REVISITADO

POETA DE UM VERSO SÓ

BOM DIA, DIA

ROSTOS, SEMBLANTES E FACES

SEGUINDO OS NÚMEROS

BOLINHOS FEITOS DE ONTEM E FEIJÃO

UM MINUTO ANTES DA NOITE

CÉU DAS MEMÓRIAS

O VERSO E O POEMA

O DIA SEGUINTE

O INVENTOR DE MEMÓRIAS

NESTE MOMENTO, NO OUTRO LADO DA VIA LÁCTEA

EU E O CIGARRO

A METAMORFOSE

PASSAGEIROS DA PAISAGEM

O DESTINO DOS LIVROS

A ÚLTIMA CEIA

JORNADA NAS ESTRELAS

OLHANDO PARA TRÁS

VERSOS ÍNTIMOS

SEIS GRAUS DE SEPARAÇÃO

DE MANHÃ, LOGO CEDO

O LAMENTOSO DESTINO DAS SOMBRAS

CANTILENAS DE UM POETA

O MAR INTERIOR DE MIM

...E ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

CEMITÉRIO DOS VIVOS

O DANÇAR NO TEMPO DE UM CORPO EM MOVIMENTO

POEMA SEM NOME

TODO POETA É UM LADRÃO

POEMAS INSONES

VOU ME ESCONDER DO TEMPO

SONHOS URBANOS

FARELOS DE CALENDÁRIOS

OLHANDO PARA TRÁS

PARA SE LER OUVINDO RAVEL

PORTA-RETRATO

A MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI

QUER CASAR COMIGO?

A TACITURNA LINGUAGEM DOS SILÊNCIOS

MEU QUERIDO DIÁRIO

O BOM POETA

TE AMO

VOU VOLTAR PRA CASA

POEMA SEM FIM

O DESTINO DOS LIVROS

PENSAMENTOS NOSSOS DE CADA DIA

O SAL DAS ÁGUAS

AOS PÉS DA MESA POSTA

CANTILENAS DE UM VELHO POETA

A MAIS ESCURA DAS NOITES

O CÉU ESTRELADO DE ALFA CENTAURO

NO INTERIOR DO MEU COMPUTADOR

POR POUCO, QUASE POUCO

UMA CARTA MATURADA DE TEMPO

ESTOU VOLTANDO PARA TRÁS

NO CÉU DA MINHA MÃE

AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA
QUANDO TUDO ACABAR
SE TIVESTES NASCIDO... EU SERIA...
UM HOMEM ALAGADO
QUANDO MINHA ALMA JÁ NÃO ESTIVER MAIS LÁ
NA PERIFERIA DO UNIVERSO
TEU PRÍNCIPE ENCANTADO
AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA
A IMORTALIDADE REPENTINA DOS MINUTOS
A ETERNIDADE
UMA PONTE QUE O RIO AINDA NÃO LEVOU
COM ASAS DE BORBOLETA
ERA UMA VEZ UMA CASA AZULADA
QUE É QUE É ISSO?
O QUE É QUE VOU FAZER
QUASE NADA
NO ANONIMATO CÉU DAS RECORDAÇÕES EXILADAS
DANS LE MIROIR
SAÍDAS E VINDAS
CRÔNICA PARA UM RETRATO INACABADO
PARA CASA AGORA EU VOU
NO LADO ESQUERDO DO PEITO
ESTOU ATRASADO
A RODA DO TEMPO
CEMITÉRIO DAS NUVENS

COISAS QUE ACONTECEM NAS MADRUGADAS

OS AROMAS DA ALMA

A BOCA DO TEMPO

SOU CONSERVADOR

OS DIAS EM QUE ACORDO

COMO POEIRA SOBRE OS MÓVEIS

AH! AS QUARTAS-FEIRAS

MEU QUERIDO DIÁRIO

NO INTERIOR DO MEU FUTURO CADÁVER

A RUA DOS OITIZEIROS

A VÍRGULA QUE MUDOU A VIDA

UM LUGAR CHAMADO INFÂNCIA

RELÓGIOS NÃO FALAM

POEMA AUSENTE

O COLÓQUIO CALADO DOS CORPOS

RÉQUIEM PARA OS DIAS

UM POEMA CONFSSIONAL

NO INTERIOR DOS RELÓGIOS

VAGALUMES

VIAJANTES DO TEMPO

NO FUNDOS DOS CALENDÁRIOS

ALÉM DE MIM

A DELICIOSA MÁQUINA DO TEMPO

O QUE AINDA QUER A VIDA DE MIM

QUARTO ESCURO

NO INTERIOR DOS LIVROS

NO DIA EM QUE O GALO NÃO CANTOU

CARRUAGEM DE FOGO

A VERDADE, AFINAL

NA SAÍDA DA CAVERNA DE PLATÃO

PARA FRENTE...

APRENDENDO A APREENDER

PENSAMENTOS ILETRADOS

DEUS É CULPADO

O SOL ROSADO

NO DIA EM QUE ME TORNAR MILIONÁRIO

O TRISTE FUTURO DOS DOCUMENTOS DE IDENTIDADE

ENQUANTO O TEMPO PASSA...

O AVÔ, O NETO E O MAR

O ÚLTIMO POETA

AI...

O UNIVERSO E AS PALAVRAS

COLÓQUIO DE OUTONO

QUANDO CHEGAR À MATURIDADE

VERSOS ACHADOS POR AÍ - Lançamento Livro

O PRIMEIRO A MORRER

CARTÃO POSTAL

LADRÃO DE VERSOS

UM MINUTO A MAIS

POEMA ABORTADO

SEPULCRÁRIO DOS MORTOS VIVOS

QUARTAS À NOITE

BRINCANDO DE DEUS

VOYEUR DE SONHOS

AOS MEUS FIÉIS LEITORES

CEMITÉRIO DOS MORTOS VIVOS

O DESAPARECIMENTO DO DIA

MIUQAOJ OIRÁSEC ED OLLEM

O DIA INCOMPLETO

SOU ALGUÉM QUE VEIO DO SÉCULO PASSADO

A ESTRADA DOS TIJOLOS NÃO AMARELOS

UM QUASE SONETO NU

JOAQUIM E EU

A HISTÓRIA DOS MEUS ESPELHOS

SONETO EM LINHA RETA

CANÇÃO DO AMOR ANTIGO

A NOITE BAGUNÇADA

A LINGUAGEM SILENCIOSA DAS ESTRELAS

O VIDENTE

O ACENDEDOR DO DIA

QUANDO AS TARDES CHORAM

AS CEROULAS DO MEU AVÔ

O TEMPO INTERROMPIDO

BLUE SKY

MEU ANJO DA GUARDA

NADA MAIS SERÁ COMO ANTES
O OLHAR INVERTIDO DAS ESTRELAS
DEPOIS DAS NUVENS...
MINUTO GOSTOSO
LEMBRE-ME
AS PAREDES BRANCAS DO MEU QUARTO
UM DIA EU CHEGO LÁ
QUANDO FOR PARA O INFINITO
BISSEXTO
DE QUANTAS VIDAS SE FAZ UMA MORTE
APENAS UM BOTÃO
DIAS FEIOS
ADÃO E EVA
#@%£@§&*¥
ESTOU COM SONO, MAMÃE
POEMA PSICANALÍTICO
PUER AETERNUS
MEUS DITADOS NÃO POPULARES
THE BOOK IS ON THE TABLE
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE AMOR
ENTRE O MENINO E O VELHO
O MAIS BELO POEMA
VOU, AMOR, VOU...
O CONTADOR DE HISTÓRIAS
VOU TE AMAR COMO NO CINEMA

SOBRE UM POEMA INACABADO

O MUNDO VISTO PELO UMBIGO

O CERTO, A VERDADE E O INDUBITÁVEL

ESCRAVO DO ONTEM

AMOR SEM ECO

NO ÚLTIMO DIA DE MARÇO

CANÇÃO DO AMOR INFINDÁVEL

APENAS HUMANO, POR DEMAIS HUMANO

HOJE VOU LEVANTAR COM O PÉ ESQUERDO

A HISTÓRIA DE TUDO

UMA TARDE COMO AQUELA

A PROPÓSITO

SOBRE O TEMPO EM QUE HAVIA TEMPO

MUDADIÇO TEMPO

O QUE OS RELÓGIOS NÃO VEEM

O SONHO QUE FUGIU DO QUARTO

POEMA RASGADO

A VIDA É FEITA EM SEGUNDOS

O SONHADOR DOS SONHOS

TODO DIA

PARA NUNCA MAIS DIZER ADEUS

E...

AULAS DE CATECISMO

SE EU FOSSE DEUS

A AMNÉSIA DOS NEURÔNIOS

HÁ QUASE UM CLIQUE PARA ENTRAR
REVELAÇÕES ASSERTIVAS
EM NOVEMBRO...
A INÚTIL ORAÇÃO DA IMORTALIDADE
CADA VEZ MAIS
POR DETRÁS DAS PORTAS FECHADAS
UM ARMÁRIO QUASE LOTADO
DE VOLTA AOS QUINZE
O LÁZARO RESSUCITADO
A TRISTEZA DO QUARTO AO LADO
MIL LIVROS, OU MAIS
EU HOJE VOU LER UM LIVRO
BRINCANDO DE FAZ DE CONTA
AGORA QUE TODOS ESTÃO MORTOS
JOAQUIM
FIOS DO TEMPO
FELIZ ANIVERSÁRIO, JOAQUIM
NO BAILAR RITMADO DAS CONFISSÕES
ONTOGENIA DE UMA ALMA
MÍNIMOS DETALHES
ESPELHO MÁGICO
AOS QUE VIERAM DEPOIS DE MIM
REGRESSO ÀS ORIGENS
MERCİ MON PETIT GARÇON
A PRECISÃO INCERTA DAS CERTEZAS

DEPOIS DE AMANHÃ

O LADO OCULTO DOS RETRATOS

REM

VOU DEIXAR AQUELA VIDA DE LADO

GARIMPEIRO DO TEMPO

NO AGITADO MAR DOS PENSAMENTOS

PARADOXO DO AMOR

PEQUENO POEMA ONÍRICO

O DESTINO DAS CALÇADAS

MINHA MOCIDADE

DE SEGUNDO EM SEGUNDO

A GÊNESIS ESQUECIDA

NO FIM DA VELHICE

AMNÉSIA DOS DIAS

PUER AETERNUS

PARADOXO DO ERRO

ANDRÔMEDA

ÁRVORE GENEALÓGICA

POESIA NÃO PAGA AS CONTAS

DIAS DIFÍCEIS

ANJO DA GUARDA

CHOROS, CHORAMINGOS E LÁGRIMAS

AGORA

COMO JÁ DIZIA SARTRE

NO MEIO DAS MULTIDÃO

TE AMO PORQUE NÃO TE AMO

TE CONHEÇO, MENINO

O SEIO DA MINHA MÃE

OLD MAN

A ETERNA INSATISFAÇÃO INCONCRETA DAS COISAS

QUASE POESIA

O ANTES E O DEPOIS

LE BRUIT ET LE SILENCE

DOMINGO COM CARA DE QUARTA-FEIRA

INVASORA DO TEMPO

INVASORA DO TEMPO

A LINGUAGEM ONÍRICA DA ALMA

FASCÍNIO

BALBUCIOS VOLUNTÁRIOS

MEDO DO QUARTO ESCURO

METAMORFOSE

A CASCA DO OVO

A LONGEVIDADE DOS DIAS

COMETA HALLEY

O CALENDÁRIO INVISÍVEL DE DEUS

2001 UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

SISTEMA LÍMBICO

SISTEMA LÍMBICO

A PEQUENA LEVEZA DO SER

MISTUREBA DESVAIRADA

POEMAS ROUBADOS

NO ÍNTIMO DO DIA

A GATA DA DONA FRANCISCA

SE O MUNDO ACABAR NUMA SEXTA-FEIRA

NO OUTRO LADO DA RUA

O TEMPO DE MATUSALÉM

ESQUECIMENTO

ETNERF OA OHLEPSE

O CICLO DA VIDA

O DEIXAR DOS DIAS

DOMINGO COM CARA DE QUARTA-FEIRA

O UIVO

POR ONDE PASSO

SIMULAÇÕES E SIMULACROS

ADEUS, NOITE

PRA ALÉM DA MARRAKESH

CONVERSA DE ELEVADOR

ORFANDADES

TEMPO MALGRADO

PORTA ENTREABERTA

DA CARÊNCIA DE QUE SOMOS FEITOS

DA CARÊNCIA DE QUE SOMOS FEITOS

NÃO HÁ MAIS GALOS NA CIDADE

Não há mais galos nas cidades, João
apenas prédios, asfaltos e calçadas cimentadas
a receber o manto esfriado das madrugadas
Não há mais casas nem quintais
os terrenos baldios foram sepultados
e as minhocas saíram da terra despejadas
Não há mais tanajuras nos dias de chuva
nem centopeias andando nos gramados
sequer se ouve hoje o cantarolar dos canários
Certa vez um pombo tolo se encantou
com sua imagem refletida na janela
espelhada de um elevador empresarial
e se espatifou caindo no chão da garagem
As poucas lagartixas que ainda há
não atravessam ruas para não serem atropeladas
e crianças brincam com sapatos nos playgrounds
Não há mais galos na cidade, João
e as manhãs vão se tecendo sozinhas
desamparadas e silenciosamente abandonadas

Uma homenagem a João Cabral de Melo Neto e seu poema "Tecendo a Manhã".

VERSOS & NETOS

Ao depois de amanhã
deixarei versos e netos
Assim como as roupas
e os demais íntimos objetos
meus versos serão apagados
pela borracha anônima da História
Quanto aos meus netos
espero que me guardem
em algum canto miúdo da memória

A VIDA COMO ESPANTO, ASSOMBRO E ENCANTAMENTO

Espanto-me

como os peixes não morrem afogados
com os músculos das formigas-cortadeiras
com os ouvidos aguçados dos morcegos
e com as sete vidas dos gatos
logo eu que só tenho uma

Admiro

a filosofia concreta das pedras
o jogo de cintura das águas
o gratuito perfume dos lírios
as sombras futuras das sementes
e o peito sempre estufado dos ventos

Encanta-me

a dança parada das cadeiras
a eternidade emoldurada nos retratos
a memória dos livros fechados
o confessionário fiel dos travesseiros
e os fios de cabelos ainda nos pentes encontrados

Assombra-me

as mímicas corporais das sombras
a rapidez demorada dos segundos
a quantidade de gente que cabe na palavra humanidade
que por fora todo mundo seja vulto
e por dentro todo mundo seja diferente

Surpreendo-me

que hoje já seja segunda-feira
daqui a pouco é de novo Natal
como os espelhos envelhecem mais cedo

(em breve teremos outro aniversário)
e que eu esteja atrasado para a imortalidade

NUNCA MAIS

Nunca mais te vi passar
pelos entremeios dos minutos
cortando os recintos como as tardes
que por mim sempre passam
Nunca mais teu olhar noturno
me viram dormir alheio
aos fantasmas do quarto
que tu antes havias enxotado
Nunca mais teus dedos afiados
escorreram pelos meus cabelos
oxigenados de auroras e mocidade
penteando-os com finos dentes de eternidade
Nunca mais teu cheiro de bergamota
encorpado de jasmíns e rosas
adocicaram o ar respirado
perfumado agora de vãos e vácuos
Nunca mais teu rosto ao espelho
poderá me avistar a te mirar
nas vezes em que me vejo te olhando
nos fundos esverdeados dos meus olhos
que são de ti minha mais fiel e leal lembrança
Nunca mais te ouvi falar
com o timbre firme das vozes claras
a me aconselhar para ter cuidado
para não me perder, cair ou me machucar
Nunca mais vou te ver ir embora
deixando-me aqui tonto e desacompanhado
pois da vida só se some uma vez
e depois, mãe, nenhuma vez mais
nunca mais

PROLONGADA MADRUGADA

Meus pêsames
o galo morreu

Quem acordará a manhã das madrugadas?
Quem tricotará o novo alvorecer
e o desnudar da escuridade?

Como o Sol saberá a hora de se levantar
e o mundo voltar a despertar?

E se a noite nunca mais for embora
ou se até a luz também acabar?

Que será de nós sem as auroras
e os almoços de meio-dia?

De que serventia terá o horizonte ao mar
se todas as praias ficarem mulatas?

Que acontecerá com o calor dos verões
se nem os corpos serão mais bronzeados?

O que faremos em uma noite assim tão dilatada
cuja boca fechada nos manterá encobertos
detendo os fios das matinadas?

Se à noite todos os gatos são pardos
como saberei distinguir você da sua sombra
sua silhueta da sua alma?

Como enxergarei com quem durmo
se nem mesmo tenho para quem acordar?

Uma madrugada que não termina
jamais será uma noite apressada
e se a claridade nos for proibida
desaparecerei despercebido
tão incógnito como um absoluto nada

As insônias noturnas serão imensas
e todos viveremos sonâmbulos
perambulando por um quarto
do tamanho maior que uma cidade

O galo morreu e nenhum sino dobrou
em que cemitério ele foi sepultado?

...

Mas galos nunca deveriam morrer
e nem pelos vizinhos serem assassinados
pois sem eles os universos seriam
apenas infinitas massas desalumiadas

Quem agora acordará a manhã
depois desta prolongada madrugada?

POEMA AZUL

**Tem dias que a gente acorda blue
um blue tão azul como um céu sem nuvens
em um dia pleno só coberto de verão**

**Que bom se todos os dias fossem azuis
as casas, as calçadas, os pés de manga,
as ruas, os lixeiros, os cemitérios
até a cabeça do meu avô seriam azuis**

**Tem dias que a gente nasce
vivendo no planeta de Gagarin
feito as bolinhas de gude
com as quais pigmentava de azul
o solo fertilizado da minha infância**

**Ah! que bom seria
se as paredes fossem feitas de azuis
que as mãos ficassem azuis
as noites se tornassem azuis
os pais virassem azuis
e não precisaríamos mais pintar os sapatos, Carlos
pois todos os sapatos já seriam azuis**

**Tem dias que a gente acorda blue
um blue tão azul como aquele distante vestido
que ela usava no natal de 78**

**Tem dias que até o amor e o arco-íris
são assim completamente azuis**

BELA ADORMECIDA

Um dia vou dormir
como uma Bela Adormecida
por mais de mil anos
em que tudo em mim vai passar

Ao meu redor edificar-se-á um castelo
que os séculos irão encobrir
de arbustos matos e espinhos
e toda uma floresta infinda me isolará
do mundo em que serei alheio
e ao qual já não mais irei pertencer

Nem sequer meu túmulo
resistirá a minha ausência
e tudo que uma vez conheci
desaparecerá até mesmo
depois do meu próprio esquecimento

Em breve vou fazer
muito mais que mil anos
e nenhum beijo poderá
voltar-me sequer a acordar

Um dia vou dormir
como uma bela adormecida

NO CORAÇÃO DA SOLIDÃO DA CIDADE

Estou no centro da solidão da cidade
enquanto a noite debruçada sobre o teto das casas
repousa indiferente ao sono dormente dos quartos

Nos arredores de mim ouço apenas
o cochicho murmuroso dos postes
e o zzzzz zum zum dos mosquitos
a me apoquentar os ouvidos
(acima da noite que nos encobre
tudo deve ser tão silencioso
como um infinito prolongado)

Às três da manhã da noite
até as estrelas não brilham mais
e a lua se esconde do sol
por detrás dos prédios e das árvores

Se precisasse de sonhos
bastaria fechar as pálpebras
e deixar pesar por cima delas
o pó da poeira dos meus cansaços

Mas de sonhos já sou feito
- Necessito conhecer o que penso
e quem sou além dos disfarces

Abaixo dos meus telhados
reside um Joaquim clandestino
que viaja comigo
sem ter comprado passagem

Este Joaquim sigiloso

é alguém que não conheço
pois, como Pessoa, nem bem entendo
que alma tenho e que crenças
são estas que não fui eu quem fiz
e nem sei quem em mim as plantou

Por sob os pensamentos que herdei
e que tamparam as lacunas das paredes
deste cubículo em que me encontro aprisionado
existe um sou eu mais aprofundado
um sou eu nunca dantes meditado
um sou eu ainda não tocado ou experimentado
um sou eu que nem eu mesmo sei quem sou

Às três da manhã da noite pareço libertado
sozinho no coração da solidão da cidade

O FUTURO DOBROU A ESQUINA

Meu futuro passou à frente
e eu estava distraído olhando o celular

O futuro atravessou à rua
seguindo no outro lado da calçada
e eu olhando para o lado oposto
não vi quando ele dobrou a esquina
com seu lindo vestido vermelho
e os cabelos castanho-claros
escorrendo pelos ombros
como se fosse uma serena
tarde silenciosa de domingo

Eu jamais mais vi o futuro
que nunca vi
e ele de mim sumiu
como somem todas as tardes

ALÉM DOS BEIJOS DE MISTRAL

Nem todos os beijos de Mistral
chegam aos pés dos lábios teus

Neles fui condenado ao silêncio das línguas
onde todas as palavras são afogadas
pelo diálogo molhado das salivas
e nenhum te amo necessita ser pronunciado
nas cavidades profundas e ecoantes das bocas

A voz que em ti encontro por dentro
comigo fala o linguajar dos afetos
que em nenhum dicionário haverei de achar
pois o amor que o beijo que tua boca me dá
não tem sintaxe, predicado, sujeito ou verbo

No confidenciar acariciante dos lábios
não há espaço para mais nada
que não se resuma a fluidez líquida
da mistura dos desejos entremeados

No infindável tempo em que tu me beijas
tudo que o tinha para se dizer já se foi contando
e é no calado surdo dos nossos beijos
que todos os segredos do Universo são revelados

Que me perdoe Gabriela Mistral
mas a boca que meus lábios beijam
me ensinou um beijo que nenhum poeta
poderia antes ter sequer imaginado

Inspirado a partir do poema Beijos da poeta chilena Gabriela Mistral, Nobel de Literatura em 1945

CACHIMBO, WHISKY E PIANO

Meu pai era baixinho, careca
e fumava cachimbo
Meu pai virou pai quando nasci
tinha 50 anos
usava paletó de linho branco
era míope, sorridente, barrigudo
e tinha jeito mais parecido com avô
Meu pai fazia versos
sentado em sua escrivaninha
encurvado sobre a máquina de escrever
e os tec tec tec tec tec que emitia
ainda ressoam distantes no tempo
como recitais nostálgicos de piano
Meu pai era professor, advogado e poeta
escrevia em jornais e tinha livros
frequentava saraus e consulados
bebia whisky com gelo
e queria que eu fosse embaixador
Meu pai me durou apenas 10 anos
alguns meses,
um tanto de semanas
um amontoado de poucos dias
e toda uma eternidade retirada
antes d'eu terminar a infância
Em sua escrivaninha tem uma ausência
e já não sinto o cheiro do cachimbo
mas toda vez que digito versos no computador
estou como se estivesse a dedilhar
notas musicais em um piano
*"Nunca mais (agora
que tudo é silêncio)
diante do amor e do vinho*

teu rosto jovem revelará segredos"

(meu pai, 1951)

BREVE VIAGEM ALMA ADENTRO

Trago ecos dos meus pretéritos
a ressoar no interior das costelas
com sons distantes de menino

Se me cheirasse por dentro
sentiria o perfume da minha mãe
misturado ao aroma de café coado
que ela sempre fazia nas manhãs de domingo

Tivesse a alma epiderme
talvez estivesse mais delgada
que minha pele amarrotada pelo tempo

No céu da minha boca
não existem luas e estrelas
mas nele tenho o sabor das Madeleines
que em mim tem gosto de chicletes de menta

No dormir sonolento das pálpebras
enxergo fragmentos de espelhos
a refletir as noites que levo por dentro

Todos os meus sentidos
não teriam sentidos se não fossem
as lembranças duradouras dos meus sentimentos

MEMÓRIAS FEITAS DE PAREDES, JANELAS E TELHADO

Será que a casa em que morei pequeno com meus pais
ainda se lembra de mim
daquele menino magro de costelas à mostra
de cabelos rigorosamente penteados
sempre de calças curtas acima dos joelhos
que brincava sozinho na imensidão dos corredores
onde lá deixou sua única e remontada infância?

Será que em suas paredes engorduradas de décadas
manteve no escapar vaporoso dos anos
as marcas dos meus dedos encardidos de criancices
sujando de inocências a brancura dos tijolos tingidos
como um pré-histórico nômade doméstico
a pincelar de pinturas rupestres a sua passagem no tempo?

Será que suas solapadas fendas e discretas frestas
conservam os tesouros que ali enterrei
caprichosamente embrulhados dentro de um baú de sonhos
como aquelas conchas e os búzios que trouxe da praia
naquela furtada tarde de um sábado de novembro?

Será que suas abertas janelas verdes de madeira
reconhecerão por detrás deste corpo gasto
o garoto que nas noites em claro nelas debruçado
olhava espantado o néon azulado dos fogos fátuos
que emanavam do cemitério que lhe ficava à frente?

Será que as telhas do telhado que me acobertaram
até hoje recordam dos meus aniversários
nos quais a cada ano as velas aumentavam
no desaparecer gradual da minha meninice?
(Não sabia que aniversários eram celebrações de despedidas)

Será que a casa em que morei pequeno com meus pais
ainda se lembra de mim?

CADÊ?

Cadê o mar que a janela mostrava
e as gaivotas voando no ar
pingando o céu amanhecido de branco?

Cadê o cheiro matinal dos sargaços
a me impregnar as narinas
já acostumadas ao odor nauseante
das moribundas algas marinhas?

Cadê a zoadas das pessoas
animadas de sol e sal
a bronzear a camada córnea da pele
como se todo dia fosse manhã de domingo?

Cadê o vai-e-vem dos sorveteiros
vestidos em camisas amarelas suadas
com seus carrinhos oxidados de tempo
adocicando o interior sedento das crianças?

Cadê o sussurrar das ondas
perturbando o sossego das areias
no lambar molhado dos seus beijos?

Cadê aquele oceano inteiro
a se estender até o firmamento
misturando os azuis no horizonte?

Cadê a praia dos meus anteontens
e eu mesmo nela me banhando?

HOJE

Em um hoje de novembro
de meados do século passado
eu nasci
e no hoje de um ano depois
eu andava

Alguns hoje após
já falava
e não tardou chegar no hoje
em que lia, escrevia e estudava

Foi em um hoje na década de 70
que pedi em namoro Luíza
mas no hoje do final do ano
o amor terminava

De hoje em hoje fui crescendo
sofrendo
caindo
levantando
plantando
colhendo
magoando
e sendo magoado

À medida que os hoje se transformavam
em lembranças de hoje passados
cheguei a este hoje em que escrevo
às vezes pensando no hoje do ontem
outras vezes devaneando em sonhos
um hoje ainda não alcançado

Mas haverá um hoje não desejado
que no agora de hoje é amanhã
ao tempo em que no hoje do futuro
será o hoje do instante
em que todos meus hojes irão sumir
no hoje em que eu serei sepultado

E SE...

E se eu tivesse acordado mais cedo
saído na hora e não chegasse atrasado?
E se eu não furasse o semáforo
e esperasse o sinal verde ficando parado?
E se eu andasse na outra calçada
e não tivesse pela rua esburacada atalhado?
E se eu não fosse afoito, avexado e afobado
e vivesse manso, pacato e sossegado?
E se eu me tornasse um rapaz comportado
não perdesse o emprego ou do colégio fosse expulsado?
E se eu tivesse o juízo por todos compartilhado
e deixasse de ser para eles errado e insensato?
E se eu usasse sapatos pretos e calça apertada
ao invés de jeans desbotado com o tênis alaranjado?
E se eu me portasse um pouco menos destrambelhado
gostasse de novelas e não de versos nem sempre rimados?
E se eu fosse engenheiro, prático ou advogado
e não me tornasse poeta e um sonhador inveterado?
Eu seria ilustre, importante e reputado
e a História do mundo seria outra
e o Universo estaria mudado
mas não passaria as noites olhando
você cochilando sentada ao meu lado

NUVENS VESTIDAS DE GENTE

Um poeta não se mede
pelos centímetros de sua altura,
nem pela circunferência de seu abdômen
ou pelo peso de sua massa corporal.
Não há poetas altos ou baixos,
gordos ou magros,
esbeltos, franzinos ou pesados,
porquanto são como nuvens
formadas pelos suspiros dos homens
e pelo suor da terra evaporados,
que voejam no céu sem asas,
indo além dos horizontes olhados.
Todo poeta é um tanto enviesado,
inquieta, buliçoso e desassossegado,
que às vezes atravessa semáforos fechados
e veste sua máscara, colocando-a ao contrário.
O poeta é alguém que atira pedras
catadas no interior dos dicionários.
Os poetas são nuvens vestidas de gente

A SOMA DE TODOS MEUS POETAS

Meu primeiro poeta foi meu pai
sentado em sua escrivaninha
com o cachimbo acesso ao lado
datilografando na máquina de escrever
versos que na época eu não entendia nada

No colégio em que estudava
conheci Cecília Meireles
que no poema Ou Isto ou Aquilo
já me fez escolher seguir na vida
sendo curioso, diferente e singular

Na juventude me chegou Vinicius
com seus poemas e seu violão
e com ele descobri que o infinito
só é interminável enquanto dura

Quem viveu os anos que vivi
amava ler Neruda e citar
Fernando Pessoa
Mário de Sá-Carneiro
Hilda Hilst, Adélia Prado
Manuel Bandeira e Ferreira Gullar
além de Carlos Drummond de Andrade
e tudo o que era underground

Porém foi nas madrugadas despertadas
que vieram os poetas que escreviam em inglês
mas como I don't speak English
apenas os conhecia se fossem traduzidos
para o meu bom e velho brasileirês

Agora que leio Mia Couto
Louise Glück, Wislawa Szymborska
Manuel António Pina e tantos outros
desejo que meu neto me olhe
sentado em frente ao computador
com um cigarro aceso ao lado
escrevendo versos nos dias do agora
em que ele ainda não entende nada

AS NUVENS DO ONTEM

Pela janela onde o tempo passa
ainda vejo as nuvens do ontem
sendo empurradas ao horizonte
que se estende além do que agora
é para hoje antigamente

O esvoaçar das nuvens de antes
era moroso como as tardes
que vinha após o almoço
na casa da minha avó
em que se servia macarrão de forno
onde se mastigava também os domingos

As nuvens que ainda contemplo
vagueiam por sobre telhados
de residências que não mais vejo
como se limpassem do céu a tristeza
deixando-o com um azul mais azul
que o azul turquesa do anel da minha mãe

Pela janela onde o tempo passa
continuo assistindo o adejar
interminável das nuvens do ontem
que para mim sempre foram
as asas de deus nos sobrevoando

UM HOMEM ATEMPORAL

Lavou o rosto com a liquidez dos segundos
escovando os cabelos com a pontualidade dos minutos
Encobriu-se das horas necessárias
e saiu para as ruas como se fosse um dia
Nas esquinas dos calendários
se encontrou com as semanas que o aguardavam
e juntos passearam pelos meses das praças
comemorando aniversários atrasados
Voltou arrastado pelo se ir da tarde
banhou-se com o frio do crepúsculo
no aguar dos resíduos sobranes das manhãs
e se encobrimdo com lençóis de noite
adormeceu o sono secular dos milênios
no aprofundar eterno dos sonhos passageiros

AS PALAVRAS QUE TRAGO POR DENTRO

Sou feito de palavras
que me vieram dos livros
e das bocas dos homens
que habitam as ruas

Em meu vocabulário
tenho diversos vocábulos
como liberdade, igualdade
fraternidade e solidariedade

Trago em mim gírias nordestinas
muitas sabedorias populares
e em meu pernambucês
falo melhor do que em português

Meu léxico é miscigenado
mestiço, negro e mulato
salpicado e temperado
com termos nativos e europeizados

Tagarelo com dicionários filosóficos
escrevo poemas em poetês
e quando penso o que penso que penso
penso com as palavras que penso

É com a nudez das palavras mágicas
que preencho meus vazios e vácuos
pois sem conversas por dentro
meus olhos seriam cheios de neblina e vento

Com as palavras formo frases
com as frases formulo parágrafos

e no conjunto conjugado do texto
sou um livro incompleto e um tanto vago
sempre em busca de novas e outras palavras

Quem me vê assim silente e calado
não sabe o tamanho do meu glossário
que com ele vejo a dimensão do mundo
injusto, truncado, inacabado e imperfeito

*"Quem não vê bem uma palavra
não pode ver bem uma alma"*
Fernando Pessoa

DO QUE SONHAM OS POSTES

Vai poste, dorme
dorme o sono matinal dos justos
pois a claridade das manhãs
escurece a mais perfeita
imperfeição dos impuros

Vai poste, é hora
é hora de cerrar as esquentadas pálpebras
e descansar teu pescoço cansado
que reclinado presenciou
o perambular vacilante dos bêbados
o urinar territorial dos cachorros
e o encontrar das ruas no beijo
nem sempre molhado das esquinas

Vai poste, repousa
que a noite foi longa
os vampiros já se recolheram aos castelos
e os fantasmas não assustam mais ninguém

Vai poste, sossega
logo teus pés fincados ao solo
te levarão a passear
por calçadas não cimentadas
feitas apenas de nuvens
por onde irás flutuar
acima das cabeças da cidade e dos homens
esquecendo-te dos pecados testemunhados
e da solidão a que estás predestinado
no que é tua sina e vocação

Vai poste, inverna

e sonhas o sonho dos namorados
que no amor escuro das noitadas
encontram o esconderijo protegido
do alumiar recatado dos teus abraços

Vai poste, dorme
que a seguir outra noite te espera
e com ela seus acordados

UM ESTRANHO NO INTERIOR DE MIM

Hoje acordei suspeito de mim
como um estranho a ocupar
meu lugar no interior do corpo

Quem é este que agora me aloja
e que aqui não estava na década passada?

O que aconteceu comigo ao longo dos anos
para desaparecer como era, sem nem me avisar?

A minha anterior exata face o espelho já não revela
e embora ainda que pareça um pouco comigo antigo
não consigo me reconhecer no hoje em que me vejo

(Os lagos encolheram
ou será que foi meu Narciso
que diminuiu de tamanho?)

Até o amor eterno foi destronado
e em seu lugar impera o amor terno
afinal a perenidade tem seu prazo de validade
enquanto o que é terno germina, cresce,
floresce, matura, continua e permanece

(A ternura é bem mais dilatada e prolongada
que a ilusão passageira da eternidade)

Que aconteceu com minhas crenças
minhas certezas e outras tantas veridades
que em uma década em mim se dissiparam?

(Talvez esteja certo Karl Marx ao afirmar
que tudo que é sólido se desmancha no ar)

Eu não me dei conta da mudança

que em mim revogou meus passados decretos
que anulou o que antes era o absoluto certo
que suprimiu meus perfeitos indubitáveis
e que foi além das inabaláveis verdades

Em dez anos dez anos se passaram
e quando me dei conta
acordei suspeito de mim
como se fosse um estranho
a me ver nos espelhos do ontem

(DES)ENCONTROS

Nada acontece por acaso
nem o acaso

Se não te percebi do outro lado da calçada
é porque nasci torto e inclinado a olhar o oposto.

Se não te vi sentada na mesa em frente
é porque tenho mania de me sentar de costas

Se não te encontrei ali
é porque eu estava aqui

Se não nos esbarramos ou nos tropeçamos
é porque ando constantemente atrasado
ou um segundo adiantado

Se não te conheci na festa
é porque naquele dia estava acamado

Se nunca fomos apresentados
é porque teus amigos não são meus amigos

Quando passastes à porta
eu me encontrava à janela
Quando passastes à janela
eu me achava fechando a porta

Quando entrei na rua
tu dobravas a esquina
Quando dobrei a esquina
tu entravas na loja

Quando passavas na faixa de pedestre
eu vislumbrava o semáforo
Quando enxerguei a faixa de pedestres
tu já tinhas ido embora

Quando finalmente me vistes
eu amarrava os sapatos
Quanto enfim te vi
tu olhavas as vitrines

Se hoje vivemos outros amores
e somos felizes com netos e filhos
foi porque nosso destino
estava escrito nas estrelas erradas

Nada acontece por acaso
nem o acaso

Originalmente publicado no livro **A VIDA COMO UM ESPANTO**, de autoria de Joaquim Cesário de Mello, pela Editora Labrador (SP), em 2022.

O mesmo também se encontra disponível em vídeo, no site **Palavra's**, com declamação de Marcos Antônio Terras, através do link: www.youtube.com/watch?v=8fd-0w0aRwI

TRAVESSEIROS ACORDADOS

Todas as noites acordo os travesseiros
com o burburinho buliçoso dos meus sonhos

Se meus travesseiros falassem
revelariam íntimos segredos
que neles confesso como a nenhum padre

Meus travesseiros na escuridade do quarto
se transformam em escudos do guerreiro
em naves espaciais que perfuram galáxias
nas caravelas singrando mares de ventos
ou macios braços que me enlaçam
como os seios aconchegantes dos enamorados

Entre a cabeça e os travesseiros tudo posso
e em tudo sou isento e desculpado
enquanto gotejo em suas fronhas molhadas
salivas latentes dos meus febris encantamentos

Quando não estou meus travesseiros dormem
o sono algodoadado das almofadas

(...)

Porém quando não mais existir
quem desadormecerá os travesseiros
e herdará os chumaços dos meus sonhos
no interior deles depositados?

A CADEIRA QUE VIROU LITERATURA

Vai poema

busca no interior dos dicionários
as palavras que darão vida
a vida que vive no íntimo da cadeira
pois tolos são aqueles que pensam
que ela é só feita de madeira

Vai poema

desoculta dela os sentimentos
e faz de cada um deles versos
trazendo de volta as saudades
que sentem as cadeiras
quando se lembram que um dia
foram troncos e ramos de uma árvore

Vai poema

mostra que a cadeira
não é apenas uma cadeira,
mas sim literatura
que só mesmo ti, poema
aos tolos, como eu, revela

O DESTINO DAS NUVENS

Às vezes penso como a vida corre e é breve e passageira. Mas logo percebo que ela já existia bem antes de eu chegar e permanecerá muito além do meu mais absoluto desaparecimento. Não é a vida que me foge, sou eu quem dela há de se retirar.

Todos viemos dos escuros líquidos dos ventres maternos e iremos desvanecer soterrados pelo negrume do manto sinistro que fatalmente nos encobrirá no chegar indesejado da hora incerta.

Todos queríamos a imortalidade, mas nem os deuses da Mesopotâmia foram assim tão eternos. A perpetuidade não nos cabe nos estreitos limites de nossas carnes. Não há matéria, substância ou corpo que não se desgaste, deteriore ou apodreça. Os fétidos odores que exalamos de dentro são como antecipações do cadáver que um dia nos tornaremos.

Não são raros os instantes em que invejo os crentes e os ingênuos, os beatos e as crianças. Aos piedosos, aos fervorosos e aos míticos são deles o Reino do Céu. Aos infantes e aos acriançados são deles a magia pueril e ingênua da perenidade. Os pequenos não sabem que a infância tem seu prazo de validade.

Somos transitórios como as nuvens que parecem flutuar lentas atravessando o espaço azul que nos acoberta, mas que logo são engolidas pela boca faminta do horizonte. Meu futuro termina quando acaba o firmamento. Queria o céu cristão de minha mãe, porém ela morreu afogada aos 45 anos. Se eu estiver enganado, como acho que não estou, talvez a reencontre nos jardins dos seus santos em meio à multidão de anjos.

Mas por que nos é tão contraditório lidar com a finitude, visto ser ela é a única certeza que temos? Aliás, tenho duas certezas. Primeiro que irei morrer. E como não morri ainda, então estou certo de que estou vivo. De nada sei o que havia antes de mim, assim como nada sei o que virá depois de mim. O que apenas sei, e já não me é pouco, é que existo, continuo existindo, até que me transforme em um nada ? que ao humano é algo suprimido de se pensar. Não há espaço para o nada em nossa mente. Mesmo os vazios que sinto trazer eles são preenchidos de saudades ou de desejos.

Decerto desviver se opõe à alma, que em grego chama-se psyché. Na Antiguidade dos gregos antigos, a alma (psique) era representada por uma vestal com asas de borboleta. Reza o mito que Psique era uma mortal filha de um rei que se apaixonou reciprocamente pelo deus Eros, e com ajuda de Zeus tomou ambrosia e se tornou imortal. E é isso o que somos, almas humanas em busca de suas ambrosias. Somos animicamente alados, embora, de fato, existimos como criaturas provisórias e breves.

Às vezes me encontro pensando como a vida passa. Mas não é a vida que me passa, sou eu quem passo. A vida nos é tão somente paisagem.

O MISTÉRIO NO GUARDA-ROUPA DE MINHA MÃE

No interior do guarda-roupa de minha mãe
havia uma caixa de madeira com fechadura
cuja chave nunca achei, por mais que procurasse
Era larga, retangular, alta e folheada
com desenhos barrocos nela entalhada
que para mim lembravam gravuras de outro mundo
que eu não entendia, mas também me diziam nada
No fundo escuro do guarda-roupa
por detrás dos seus vestidos e blusas
minha mãe parecia resguardar segredos
em meio a confidências e intimidades
livre dos olhares intrusos e curiosos
assim como eram também os meus
Quantos mistérios aquela caixa reservava
quantas histórias para mim jamais reveladas
se escondiam no habitat intestinal da arca?
Seria minha mãe uma outra oculta mulher
a amar um homem ao invés de uma criança
logo eu que em minha orfandade paterna
pensei ter herdado o vago da cama ao seu lado?
No interior do guarda-roupa de minha mãe
havia uma caixa de madeira com fechadura
que apenas um dia de lá desapareceu
assim que ela de mim se foi e morreu
Fui um garoto feliz e afortunado
pois tive duas mães enquanto menino:
a que conheci andando pela casa
e a outra em tempo algum desvelada
que passou minha infância dentro da caixa

ANTES DE IR EMBORA

Vou comer com a boca dos livros
mastigando cada instante
com os dentes afiados das palavras
Vou sorver os segundos ocultos
por detrás dos minutos
tragando-os ao interior dos pulmões
no inalar das lembranças vindouras
Vou fotografar o piar dos pássaros
que a mão do vento aos ouvidos me traz
como uma esponja a absorver o mar
Vou beber o mundo que me cerca
e me embriagar de extremo gozo
na vertigem do dia que me acolhe
Vou tatear as paredes do tempo
seguindo o destino das portas
e percorrer os corredores da vida
até onde eles lá se encerram
Vou mergulhar no céu que me encobre
e nadar com as nuvens entre horizontes
tornando-me anjo antes da hora
Vou cheirar o aroma do invisível
sentindo o sabor do oxigênio
vendo o amanhã que se forma
no formar do breve ontem que carrego
e mais adiante ainda levo
Vou colher das árvores que plantei
em sítios que já não existem mais
os frutos com cujas sementes semearei
os desertos em que meus netos irão pisar
E quando tudo isso tiver passado
e não houver em mim passados
vou para o celeiro das almas

ler os versos que foram por mim
aqui deixados

DE QUE SÃO FEITOS OS POEMAS

Nenhum poema é feito apenas para ser lido.
Poemas são feitos para serem vistos,
cheirados, tocados, degustados, sentidos
Poemas são compostos para serem lambidos
com a língua nem sempre macia dos sentimentos,
mastigados, degustados e engolidos.

Poemas têm gosto de chocolate amargo,
misturado com amêndoas adocicadas
retiradas do seio das pedras e dos cascalhos
do que ainda restou dos nossos meninos.

Poemas são imagens táteis, sensíveis,
que devem ser apalpados sem pressa,
como um acariciar dos enamorados virgens.

Poemas têm a alma das aves,
mas nem sempre cantam como cotovias.
Tem versos que são estridentes
esganiçados, agudos e contundentes.
Poemas são pássaros que de cima olham
o telhado das casas e a sujeira dos asfaltos,
deixada pelas apetências passageira dos homens.

Poemas têm cheiros de tintas,
com que pincelamos o branco dos vácuos
e descolorimos as ruas para pintá-las de novo
(todo poema tem o aroma dos ventos
e do que ele nos traz ao interior
ofegante das narinas).

Nem todo poema é assim comestível,

têm os encruados e os indigestos,
os espinhentos e os penosos,
os azedos, os ácidos e os coalhados,
tem até poema picante e ardido,
e aqueles que são feitos com o sal da terra,
com o suor da carne e do chorar dos anjos.

Poemas são paisagens que olham
o desejo das janelas e o ocultar das persianas,
que entende o falar moscado das orquídeas
e o tagarelar anunciante dos grilos.

Poemas traduzem o linguajar das paredes,
os segredos sigilosos dos sapatos
as lamúrias dos óculos abandonados,
as confidências dos desnudar das roupas íntimas,
o sussurrar saudoso dos fantasmas,
o voejar desalado das nuvens
e os alaridos infantis do passado.

[A poesia é a língua preferida dos silêncios]

O que seria dos poemas sem as palavras?
O que seria dos poetas sem os poemas?
A poesia é como uma criança órfã
que anda por aí em busca
de um autor para ser adotada.

Mas os poetas não fazem poemas.
São os poemas que nos acolhem,
e escolhem a gente.

MEU MUNDO PENETRADO

Tenho a fome dos ouvidos
a sede dos olhos
e o paladar dos dedos

As esquinas têm mais sussurros
que minha boca fechada
enquanto inalo a maresia que vem dos mares
e saboreio o alcalino salgado dos sargaços

Acaricio livros com a luxúria dos amantes
embriagando-me da fragrância das tintas
e do aroma adocicado das celulosas

Nos breus das noites
escuto o tingido mudo das cores
com o olhar surdo dos óculos escuros
e como se lambesse as madrugadas
mastigo a vida pelas beiradas
bem antes mesmo de terminar o prato

Em minhas calejadas mãos
não suporto todos os afetos do mundo
apenas carrego todos os sentimentos meus

O redor cósmico infiltra-se integralmente
pelas brechas do meu corpo
estas janelas e portas por onde se entra
o que de mim fora habita
e pelos quais transpiro os suores
vaporizados dos pasmos interiores
da minha espantada alma

...

Se acaso fosse um sistema fechado
seria tão insulado, isolado e seco
como os mistérios findos
de um universo morto e consumado

[Nada em mim tem sentido
se não vier e for pelos sentidos
e pela essência íntima
desta minha inquieta
subjetividade]

POEMA PARA MAIORES DE 60 ANOS

Na infância meninos se divertiam em carrinhos de rolimã
feitos de madeira com que corriam ladeiras abaixo
enquanto meninas ninavam Suzis e Barbies
e todos jogavam cinco marias e pião
Nos meus tempos de criança
soltava-se barquinhos de papel nas chuvas
assoprava-se bolinhas de sabão
joelhos eram ralados em polícia-ladrão
e se chegava ao céu pulando de uma perna só
em cima de amarelinhas pintadas no chão
Lá
latinhas, pneus velhos
barbantes, jornal e arames
tudo era motivo de recreação
Ali
empinávamos papagaios e pipas
jogava-se bolinhas de gude
pulávamos cordas e fazíamos adivinhação
E atravessávamos as tardes
passando anel
fiando dedos em camas de gato
cantando cantigas de roda
correndo em pega-pegas
melando as roupas de barro
sujando de lama os pés descalços
e depois levando carão
Na infância de então
até Estrela era brinquedo
e a gente tinha medo de bicho-papão

MANIFESTO ANTIPOÉTICO

Quero a poesia profunda
as das hemácias
as das palavras chulas
e as ocultas nas solas dos sapatos

Quero a poesia suja
pelos batons das prostitutas
pelas mãos dos mendigos
e pelo lodo salgado dos manguezais

Quero a poesia sombria
pelos sustos das madrugadas
pelos assombros dos cemitérios
e pelo silêncio que vem do nada

Quero a poesia dos embriagados
da interminável boemia dos bares
do cheiro urinado dos postes
e dos dejetos humanos nas calçadas

Quero a poesia dos opostos
dos contrários das flores
dos adversos dos versos
do antilirismo dos amores contrariados

Quero a poesia das febres
dos delírios dos alucinados
do fogo dos apaixonados
e das chamas queimantes dos cigarros

Quero a poesia imperfeita
da incompletude das almas

da fome insaciável dos desejos
e das rimas mancas tropeçadas

Quero a poesia ácida das salivas
dos orgasmos sufocados nos quartos
dos beijos clandestinos roubados
e da aridez solar dos sertões nordestinos

Quero a poesia triste dos melancólicos
do risco que vem da navalha
do voar dos anjos desesperados
e dos soluços molhados dos abandonados

Quero a poesia com sabor de groselha
misturada em litros de leites coalhados
com pitadas amargas de sonhos frustrados
e com o odor exalado dos centros das cidades

Quero a poesia de cabeça pra baixo
que me revele também o outro lado
que esbofeteie meu rosto lavado
e que me rompa os véus
rasgue minhas fantasias
me desnude da ilusão das fachadas

Quero a poesia como ela é
pois o resto é só quimera e disfarce
e nada mais

O ROSTO DO TEMPO

Eu hoje vi o tempo. Ele estava na superfície das coisas findas: as demoradas, as tardias, as breves e as apressadas, as longas, as precoces, as morosas, as decorrentes e as ligeiras.

Vi o tempo escapado dos relógios e dos anuários, que corre afastado dos horóscopos e dos jornais, dos números e dos ponteiros, o tempo oculto dos calendários, translúcido e diáfano como são os átomos e os segundos.

Vi o tempo na porta descascada do quarto, na mancha de mofo na parede que ali ontem não estava, na rua esburacada de chuvas e tráfegos, no choro da filha recém-nascida do vizinho, e no rastro de pó de madeira deixado pelos cupins. E ele estava tão guardado nas caixas onde conservo retratos e que ali me disfarço de furtivas imortalidades ainda não roídas pelas traças do tempo.

Vi o tempo no homem comendo melancia enquanto dobrava a esquina, e também na mosca que mora na cozinha e estava crescendo. Vi o tempo sendo carregado nas folhas que as formigas levam aos formigueiros, nas nuvens se decompondo ao vento, no murchar gradual dos crisântemos, no marrom das bananas na fruteira, nos besouros-de-maio que os peixes se alimentam.

Vi o tempo no espelho do banheiro. Ele estava ressecado, flácido e enrugado, e eu estava nele aos poucos desaparecendo como o escuro dos poucos cabelos que ainda me restaram e que agora estão ralos, encanecidos e reduzidos de melanina. E assim como Cecília Meireles, este rosto não era ontem assim tão árido, fatigado, nem meus olhos estavam engordurados de dias e as pálpebras arriadas como se estivessem amargas, tristes e vazias. Também não me dei por esta transição e provisória mudança.

Vi o tempo na latência do mundo, espremido no exíguo espaço entre o antes e o depois. Ele tem o cheiro amendoado dos livros velhos e o sabor azedo do leite esquecido na geladeira. Eu o vejo no silêncio mastigante das traças e no toque endurecido e enferrujado das tesouras. O tempo é líquido, constante e fluido - se fosse feito de água seria um rio a desaguar em um oceano vazado, abissal e seco.

Vi o tempo se prolongando na memória, multiplicando-se de passados colados nas amuradas mais remotas das minhas entranhas. Um tempo inchado, abundante e dilatado como uma bolha a se agigantar até o espinho do meu último momento. Este é o tempo que vive a se infiltrar em meus repentinos presentes.

Eu hoje vi o tempo. Ele bateu no vidro da janela me acordando

O DEUS DAS COISAS MORTAS

Ao futuro depois de mim não chegarei
a imortalidade dura o intervalo permitido
pelo sangue que pulsa em minha carne
No amanhã em que não acordarei
o Sol não me encontrará no quarto
e as roupas penduradas nos cabides
jamais serão por mim utilizadas
Deixarei tudo como tudo estava
nos seus devidos territórios e lugares
enquanto a Terra continuará girando
e criando outros anos e aniversários
Nunca mais irei me rever nos retratos
esses pequenos pedaços de espelhos de papel
onde lá ficaram aos olhares vindouros
todas minhas repentinas eternidades
Aos que hão de vir e chegar
doarei o montante dos objetos colecionados
que durante muitos anos me acompanharam
como vestígios além de mim preservados
Após concluído meu inventário
espalhar-me-ei pelo mundo inteiro
em novos cômodos, quartos e salas
onde serei cultuado pela memória das coisas
quase como se fosse um deus invisível
desconhecido, extinto e esquecido
pelo futuro que chegará depois de mim
quando nem pelos versos serei lembrado

A CASA DA INFÂNCIA

Todos se foram
uns de morte morrida
muitos de velhice
alguns até cedo demais
outros porque se mudaram
e até a eternidade partiu
e nunca mais foi encontrada

Do menino apenas tenho notícias
das vezes que lembro dele
ou lendo gibis na soleira da porta sentado
ou correndo atrás das lagartixas
que ali também habitavam

Nada mais ficou
nem os móveis, os tapetes e os retratos
mas talvez ainda exista
o pé de feijão que no quintal
um dia lá atrás foi plantado

O que resta são as paredes descascadas
olhando o silêncio dos espaços desocupados
e se elas tiverem a memória que tenho
deverão estar agora chorando
lágrimas disfarçadas de mofo e umidade

Certa tarde passei na frente da casa
em que todos erámos felizes e morávamos
e vi formigas carregadeiras levando
pedaços da minha infância
que apressado acabei deixando
esquecida por lá no chão em algum lugar

nos tempos da infância das minhas idades

DOMINGO SINCOPADO

Hoje é domingo, e tudo parece tão diferente do ritmo e dos sons dos outros dias. Domingo tem ares de nostalgia e de melancolia para alguns, enquanto para outros cheira a churrascos e a salinidade das praias. Ainda há aqueles que reservam o domingo para ver os pais ou avós. Para estes o domingo tem sabor de macarronada e lasanha. Decididamente domingo é um dia desigual e discordante.

Há uma inquietante lentidão nas horas dominicais onde se subverte a ordem natural das coisas. Porém quando o domingo acaba tudo volta a continuar na mesma. Então por que existem os domingos? Kafka já dizia que os outros dias é que são cruciais para se preparar para a chegada deste dia em que somos lançados no confundir dos nossos hábitos e rotinas. Inimaginável uma semana sem domingo. Domingo é um mal (ou um bem?) necessário.

Certo estava Proust quando afirmou que os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem. Creio que se os calendários pudessem falar diriam estranhar os domingos.

Uma existência humana não é feita de dias, meses ou anos, mas de intervalos entre os domingos. Nossa alma não envelhece. Quem envelhece são os domingos da alma. Há domingos chatos e domingos alegres ou divertidos. Há domingos sonolentos e preguiçosos, e há domingos agitados e buliçosos. Existem aqueles que exalam aromas de livros, enquanto outros emanam olências de cravos. Todo domingo é igual, todavia todo domingo não é igual. Semelhantes são as missas e os jogos de futebol. Domingo não. Domingo é indisciplinado e rebelde. Representa a insurreição do tempo. Devia-se nascer e morrer aos domingos.

Domingo é dia de coçar pentelhos, tomar cervejas, rezar terços e rogar pragas. Domingo é um dia para esconder nosso anonimato e desaparecer.

Os pássaros voam e cantam diferente. O vento sussurra segredos inaudíveis. O sol é mais quente e a chuva mais fria. Até o tédio é mais poético. Não há bocejos que não sejam ruidosos, ou cochilos que não sejam prolongados. A solidão dos domingos é a nossa melhor companhia, inclusive os minutos se tornam indiferentes. Nada se repete nos domingos que se repetem.

As pessoas param mais para conversar. As pessoas param mais para se isolar. Tem os que meditam e os que fogem. Tem os que acordam e os que adormecem. Os homens das segundas, das quintas e dos sábados não são os mesmos das horas dominicais. Até os beijos ficam mais deliciosos.

Devia-se nascer e morrer aos domingos.

Originariamente publicado no livro A VIDA COMO UM ESPANTO, Joaquim Cesário de Mello, Editora Labrador (SP), em 2022.

CIRQUE DE LA VIE

Senhora e senhores
vai começar o maior espetáculo da Terra
O palhaço chorou
O elefante fugiu
O trapezista caiu
O equilibrista partiu
A bailarina se machucou
O mágico gripou
O leão morreu
Senhoras e senhores
o show não pode parar
e a vida enfim tem que continuar
Quando o circo se for
e a prefeitura chegar
vão lavar a superfície do chão
onde ficou a última serragem
dos restos esfarelados dos meus
remontados encantamentos
Quando o amanhã reiniciar
vou comprar logo as entradas
do circo que exhibirá
o reprisar acriançado
do ontem ameninado
que hoje se encontra soterrado
no subsolo de algum isolado lixão
Senhoras e senhores
vai recomeçar o maior espetáculo da Terra
e eu espero ainda estar lá

CRÔNICA DE UMA JANELA APAIXONADA

Seria uma janela como outra qualquer, não fosse seu enorme prazer de sentir-se um olho a observar a cidade em cima do céu do vigésimo andar.

Acreditava-se onipresente naquele quarteirão de poucos metros quadrados. Na onisciência do que tudo via se considerava um deus a espreitar o mundo que não criara, através do buraco na parede por onde o vento passava, arejando o quarto onde vivos dormiam, acordavam, trocavam de roupas e em algumas vezes se amavam. Um quarto está para um lar como uma guarita sigilosa e privada está para um castelo. É onde os reis podem se despir de seus trajes majestosos, e, aliviados das cintas, dos espartilhos e das armações metálicas, podem respirar na soltura proeminente e flácida dos abdomens relaxados.

Prisioneira em sua solidão paredada dialogava com as demais janelas na linguagem das ventanas, no entreabrir piscante das cortinas e persianas, em um confidenciar silencioso no bailar dos ventos que só as janelas sabem. Triste das janelas descortinadas e as dos apartamentos desocupados, pois vivem a mudez como fendas fechadas e reprovadas.

A janela do vigésimo andar olhava o passar dos transeuntes pelas calçadas. Conhecia-os no seu ir-e-vir cotidiano. Acaso soubesse as horas saberia com exatidão o instante em que cada um passaria ou indo para o trabalho, escola, compras, ou voltando dos compromissos repetitivos do dia a dia. Havia os madrugadores passeando cedo com seus cães e aqueles que vinham de longe para os trabalhas mais braçais e menos remunerados. A janela, assim, apreciava do alto a romaria continuada dos homens.

Dos apartamentos em frente observava como um voyeur privilegiado a vida íntima das moradas. Os cafés da manhã e os jantares, o conviver nem sempre harmônico das famílias. Já vira de tudo um pouco: brigas, traições, separações, sexo, choros e várias e diferentes formas humanas de se amar e de odiar. A privacidade de uma casa é o esconderijo onde os seres humanos dispõem suas máscaras e revelam suas verdadeiras faces.

Mas o que mais ela gostava de olhar era a janela direita do décimo quarto andar do edifício defrente, a janela do quarto dela que ficava próximo da esquina onde havia um semáforo. Foi lá, na distância métrica que atravessa as ruas, que conheceu pela primeira vez o amor das impossibilidades. A outra janela era bela e bem cuidada, ornada com lindas cortinas rosas claras de algodão mesclado, com finos bordados florais que lhe davam um ar tímido de feminilidade clássica e sedutora, que lhe fazia pulsar as artérias de alumínio no ofegar frio da vidraça.

E assim se amaram por anos e décadas. Muitos moradores se mudaram, os transeuntes já não eram mais os mesmos, os cachorros eram outros, mas a janela do vigésimo andar com nenhuma outra janela jamais se encantara.

E viveram feliz para sempre, até que a demolição um dia as separe.

QUANDO AQUI CHEGUEI

Quando aqui cheguei
as ruas eram feitas de casas
e os poucos prédios
eram de três andares de escada

Quando aqui cheguei
os galos chamavam o Sol
espantando as estrelas nas madrugadas
e o dia amanhecia encantado

Quando aqui cheguei
não havia supermercado
as mercearias e as quitandas vendiam fiado
com moedas se comprava dezenas
de confeitos como se fossem sonhos caramelados
e tudo lá parecia confeccionado
em um amontoado de secos e molhados

Quando aqui cheguei
as meninas usavam trancinhas
lacinhos e vestidos babados
enquanto os meninos só usavam calça comprida
em dias santos, aniversários e feriados

Quando aqui cheguei
minha avó tinha cabelo nevado
era surda do ouvido esquerdo
e como os outros velhos que tinham minha idade
passava horas nas cadeiras de balanço
embalando o final moroso das tardes

Quando aqui cheguei

lagartixas andavam serelepes nas calçadas
as mangas do vizinho eram mais adocicadas
em dias de chuva caíam tanajuras molhadas
e as minhocas se arrastavam sorridentes
antes de serem soterradas embaixo de asfaltos

Quando aqui cheguei
aprendi a escrever em Português na escola
lá se ensinava também Francês
(je suis un petit garçon)
e de inglês e de relógios eu não sabia nada

Quando aqui cheguei
o mundo era pequeno do tamanho do meu bairro
havia menos carros a atrapalhar as peladas
e dos terrenos baldios voltávamos às casas
cheios de areias, barros e gargalhadas

Quando eu aqui cheguei
tudo estava pronto, concluído e acabado
a vida parecia constante e infundável
até compreender que o que é permanente
Dura pouco e é para ser sempre mutável

Quando aqui cheguei
todos estavam presentes
e posavam às fotos nos dias
dos meus primeiros aniversários

RABISCOS NA AREIA

Antes a Terra era o centro do Universo
e nove esferas giravam em torno dela
No Cosmos tudo volteia e rodopia
como um imenso bailar de piões
e luas circulam planetas
e planetas orbitam estrelas
e estrelas piruetam em torno de si mesmas
Na geometria dos espaços infinitos
o círculo tem a forma mais perfeita
e é nele que se expande o tempo
onde mora a eternidade
essa coisa imorredoura
que não tem princípio, meio ou desfecho
Quando uma criança
risca no chão da praia um círculo
ela está desenhando Deus na areia

SE EU SOUBESSE FALAR FRANCÊS

Ah! se eu soubesse falar francês
iria visitar a Torre Eiffel
ficar mais perto das nuvens no céu
e quem sabe lá não veja um anjo
que gentilmente me pergunte
comment allez-vous
e eu lhe responda
três bien et vous

Ah! se eu soubesse falar francês
andaria pelos boulevards de Paris
olharia todas translúcidas vitrines
compraria canetas Montblanc
dois relógios de pulso Cartier
e me sentaria comigo em uma cafeteria
Et me parlerait como eu me sinto

Ah, se eu soubesse francês
visitaria Borgonha
para me embebedar de Pinot Noir
e dançar com minha fada madrinha
uma coreografia mais que divina
ao som de O Último Tango em Paris

Ah, seu eu soubesse falar francês
iria ser amigo de Asterix
tomar a porção mágica em lugar de Obelix
e chegaria em teu ouvido esquerdo
sensualmente quase cantando
pronunciar na língua que sei
Je t'aime mon amour
com sotaque de um velho gaulês

Ah! se eu não tivesse abandonado o francês
que minha mãe na Aliança Francesa me levou
e que em um tempo juvenil depois
foi tomar banho de mar e nunca mais voltou

Ah! se soubesse falar francês

MÃOS CIGANAS

Se tuas mãos falassem
ouviria o idioma dos deuses
mas mãos não falam
apenas dialogam caladas
afagando docemente os céus
feito nuvens roçando macias
o azul do ar em que respiro

Em tuas mãos ciganas
perambulam todos meus futuros
e como um bêbado cansado
adormecido em travesseiros sonhados
vou voar em afetos alados
pela amplidão daqueles céus
que amorosamente acaricias

Em tuas mãos
prolongo, então, meu destino

SE UM DIA EU ME TORNAR ADULTO

Quando era criança não entendia
o que os adultos falavam
quando era adolescente eles é que não
compreendiam o que eu pensava

Agora que tenho os cabelos pintados de tempo
e sou mais velho que meu pai
escuto-os com ouvidos de menino
e eles me veem como se eu fosse rapaz

Às vezes é muito chato
ser que nem uma ilha
cercada de adultos
por todos os lados

Mas se um dia eu me tornar adulto
vou trazer minha infância comigo
levando-a até meu último futuro
e conversar com as crianças
pois são elas quem sabem
das coisas encantadas que há no mundo

Não nasci para ser gente grande
surgiu mesmo foi para ser pequeno

CICLO DE VIDA

Não há mais testemunhas
no céu da infância
- Do menino sou
seu único legado

Em seguida espichei
meio metro em mim se somou
e todos ao redor me chamaram de rapaz

Vivi agudamente
os anos da mocidade
e não morri jovem

Depois vieram as décadas
em que ninguém mais celebrava
com bolos os meus aniversários
- Quando logo me vi
já estava na meia-idade

Perdi cabelos
fomes e desejos
e no espelho do banheiro
tudo se modificava
- Joguei no lixo
o diploma de datilografia
que não mais prestava

Minha memória
sempre aumentava
até que um dia
se tornou maior do que eu

Agora

que após o depois do amanhã

só espero o escuro e o nada

vou brincar de volta

com meu menino

até quando terminar

esta prolongada

e derradeira madrugada

NO MERIDIANO METAVÉRSICO DE MIM

Vou voar como um Ícaro ressuscitado
vestindo minhas asas de cera
com tecidos de roupa de bombeiro
Vou para o outro lado do Sol
onde tudo é sombra e gelo
e seguindo o brilho da próxima estrela
chegar na curva do Universo
e de lá atravessar a fronteira
Vou morar como se fosse no espelho
me ver arrumando o cabelo
e no interior desse sonho imaginado
levantar da cama com o pé direito
No paralelo oposto de mim
não vou deixar que aquele segundo
mude de novo minha vida inteira

NEVERLAND

Vivo no relógio do meu pai
onde o tempo não passa
com suas horas apressadas
nem os ponteiros assinalam
o virar consumido dos dias
Nele brinco de criança sem cansar
como se vivesse numa Terra do Nunca
em que meu imortal menino
escapou de ser adulto amanhã
No relógio do meu pai
não coabitam vindouros
esses lugares em que o amanhecer
e o aclarar das noites
são sempre impregnados de ontem
No interior do relógio do meu pai
não se contam os minutos
não existem cemitérios
as roupas não crescem
e todos meus primos estavam lá
No Mido do meu pai
o Universo não era digital
e se movia redondo e animado
que nem um pião alegre e brejeiro
puxado e liberto das suas cordas
Naquele relógio do meu pai
minha infância corria entre os números
que iam de um a doze
com a rapidez dos milênios
enquanto o eterno e o imutável
eram simplesmente infindáveis

O relógio do meu pai

parou no dia em que ele morreu

A CADEIRA VAZIA

Com quem dialogo neste instante
na cadeira vazia à minha frente?

Será com meus finados
ecos de um passado que se encontra
no silêncio no Universo aqui fora?

Quem me olha sentado na cadeira vazia?
Meu menino desaparecido
meu adolescente crescido
ou meu adulto renitente e inconformado?

E se for eu mesmo
pousado em meu leito de morte
como um velho mais velho a me encarar
querendo balbuciar algo aos meus ouvidos
que moucos não entendem direito o que ele fala?

O que diria eu mais adiante
a mim preso neste presente
a tramar na surdina a velhice do amanhã
ou o póstumo das antecipadas orfandades?

Que críticas trago do ontem
Esse lugar que nenhum hoje apaga
a me julgar com serventia tolerância
o adulto vivido que aqui se faz?

Ou tornei-me um Quixote desvairado
a conversar com a vazia de uma cadeira
ocupada apenas por moléculas de oxigênio
e pelo silêncio oco do bafejo dos ventos?

(Quem me dera meu pai ali sentado
discutindo comigo um poema inacabado)

Só sei que nesta noite
em que dialogo com a cadeira à frente
minha filha, casada, mora em outro bairro
e minha esposa dorme tranquila no quarto
que fica no final do corredor à direita da sala

SOBRE CHÃOS E ASSOALHOS

Passei pelo passado
e eu sei que por lá passei
pisando em chãos e assoalhos
em que meus antepassados pisaram
Vim de dias terminados
de velhas folhinhas de calendários
que já não existem mais
e de pretérito em pretérito
construí este meu atual itinerário
No ontem de mim
fui o que até aqui não consegui ser
e o que consegui ser
hoje é o meu todo utilizado
Meus anteriores futuros viraram passados
e os meus passados já passados
caminham comigo e com meus passos
que tão logo dobrar a esquina
me serão meus mais recentes passados
Quanto tempo me resta de estrada
não sei e nem me importa
afinal sou um amontoado de lembranças
pisando em chãos e assoalhos
em que meus antepassados pisaram
Ao final de tudo é isso que seremos
um passado que passa passante
até ao dia em que não haverá mais passado
e outros andarão por onde passamos
criando e fazendo transcorridos passados

CIDADE DOS SONHOS

Quero de volta
a alegria das calçadas matinais
o sorriso ventilado das janelas abertas
a língua amolada das ruas pavimentadas
de pedras, granitos, cimentos
areias, paralelepípedos e poeiras

Quero de volta
o mascate das miudezas
das bolachinhas de vento
que mercadejava bijuterias
como se fossem lindos brilhantes
iguais aos olhos claros da minha mãe

Quero de volta
os sábados sem aulas e deveres
que eram os dias que íamos às feiras
ver sapotis acastanhados feito madeiras
misturados ao calor suante dos itinerantes
com a zoeira desentoadada e desafinada das barraqueiras

Quero de volta
a brisa do sombrear dos cajueiros
os quintais das minhocas soterradas
as lagartixas pousadas na frieza das paredes
o sono das camas encobertas pelos mosquiteiros
o cair das tanajuras nas noites defumadas de São João

Quero de volta
o anjo da guarda que fugiu de casa
as novenas do mês de maio extraviadas
as missas em latim que eu não entendia nada

a coleção de escapulários da tia beata e solteira

Quero de volta

as bicicletas Calois e Monarks

o olhar zarolho da sobrinha do bicheiro

os fiteiros das gaivotas e dos continentais

a matinê dos cinemas de bairro onde se assistia

Noviça Rebelde, Tom & Jerry e os Três Mosqueteiros

Quero de volta

o Recife depois de Bandeira

azulado como o de Carlos Pena Filho

que nos escorregos do Parque Treze de Maio

vou me reencontrar com meu menino travesso

do meu querido Recife hoje longevo

saudoso, imortal e tão brasileiro

UM POEMA NO ESPELHO

Hoje eu vi um poema no espelho
ele estava escondido por detrás dos olhos
despidos dos óculos de manhã logo cedo
Era feito de versos guardados nas costelas
onde os minutos se calcificam grisalhos
no acumular das lembranças e do tempo
Na cacofonia desafinada dos meus interiores
descubro inusuais sinfonias que sequer sabia
haver se tornado esse amontoado de versos
que trago espalhados em mim por dentro
O poema que se revela no espelho
não se parece com meu rosto
que dali retiro nas manhãs que saio
como se fosse uma máscara colada
ao vulto cujo mundo se acostumou a conhecer
Um poema assim tão verdadeiro
que me mostra a me exhibe por inteiro
necessita ainda ser composto e escrito
mas antes é preciso atravessar o espelho

SEU MÁRIO

Conheci Seu Mário
na segunda metade do século passado

Ele tinha uma banca de revistas
que ficava no fim da rua da infância
no meio da esquina em que naquela época
para o outro lado eu nunca dobrava

Seu Mário era um homem velho
um pouco mais velho do que hoje sou
de cabelos grisalhos desgrenhados
parecidos com sua eterna camisa
branca, encardida e suada
e tinha um dente postiço de ouro
no lugar do segundo incisivo superior
que em dias de sol sempre brilhava
e ele orgulhoso sorrindo nos mostrava

Nas tardes após os deveres de casa
saía correndo para onde estava Seu Mário
comprava figurinhas de álbum
confeitos, chicletes e bombons
e quando as moedas não davam
ele me deixava ler os gibis de graça

Invejava Seu Mário
que passava os anos cercado
de Tios Patinhas, Mickeys
Bolinhas e Luluzinhas
chupando o adocicado da vida
por detrás daquele dente dourado
(Quando crescer

quero ser como Seu Mário)

Até então não sabia
que as tardes, os meses, os anos
que até os séculos passam
e depois que a esquina do fim da rua me dobrou
eu nunca mais vi Seu Mário
com sua camisa grisalha
a cabeleira toda arrugada
e o dente de ouro na frente estampado

Para onde foi Seu Mário?

POEMA PARA UM TOLO

Vou me esconder do tempo
ficar por detrás dos relógios
e nunca mais olhar os espelhos

Vou fugir dos dias
evitar as horas
me atrasar para os minutos
e todo e qualquer segundo
vou logo tratar de apanhar com as mãos
como se eu pudesse congelar o momento

Vou deixar de morar
na vida lá fora e me refugiar
quietinho aqui por dentro
pois só se envelhece quem vive
e só morre quem está vivendo

Pensando melhor
vou me revelar ao tempo
enquanto tempo ainda tiver

PENSAMENTOS PENSADOS

O que penso quando penso, logo eu que penso tantas coisas?

Mas o que penso são pensamentos meus?

Eu nunca pensei por que a lua não cai ? quem pensou foi Isaac Newton.

Nem fui eu quem pensou que soma dos quadrados dos catetos
é igual ao quadrado da hipotenusa.

Pensava que quem descobriu o Brasil foi Pedro Alvares Cabral,
mas leio que o espanhol Vicente Pizón chegou primeiro.

Acho que alguém me disse que o maior índice de suicídio no mundo é na Suécia,
porém jamais vi qualquer estatística a respeito.

Será que pensar é pensar pensamentos que não são meus?

Portanto, de onde brotam os pensamentos?

Há pensamentos certos ou menos certos?

Errados ou menos errados?

O outro pensa diferente de mim ou será que sou eu que penso diferente dele?

Se houver pensamento certo então ele é imutável.

Mas já mudei de tantos pensamentos, talvez eu só pense errado.

Todavia se eu penso errado é porque o outro pensa certo.

Discordo.

Não acho que haja pensamentos certos ou errados,
mas pertinentes ou equivocados.

Melhor mesmo é não pensar em nada. Contudo, o que é o nada?

Nunca pensei nisso.,, Nunca pensei sobre nada.

Mas será que pensar em nada é ausência de pensamentos,
ou pensamentos que não estão sendo pensados?

ABSURDOS DE UM HOMEM DESMEDIDO

Eu tenho a fome dos saciados
a lucidez dos embriagados
a certeza dos incautos
e a insanidade dos homens normais
Eu tenho a alegria de ser triste
a inquietude dos acomodados
a pressa lenta dos afobados
e as mãos parecidas com as do meu pai
Eu tenho a rebeldia dos mais jovens
os cabelos brancos da minha idade
e se nasci com o cérebro pequeno
minha alma já se achava grandiosidade
Eu tenho a coragem dos medrosos
que dormem calados nos quartos escuros
rezando terços escondidos
para um deus mais ateu do que eu
Eu tenho a confusão da ambiguidade
a oscilação dos equilibristas descompensados
o desvario quixotesco dos congruentes
e a ponderação dos insensatos
Eu tenho em mim o amor da minha mãe
as palmadas que devia ter levado
a inocência original dos culpados
e a trela disfarçada dos meninos comportados
Eu tenho a avidez desejante dos pacatos
o contrassenso dos sensatos
a incosequência dos comedidos
e a bisbilhotice dos desinteressados
Continuo o mesmo por ter mudado
ainda uso calças e camisas apertadas
em um corpo envelhecido e engordado
e trago no meu futuro meu presente passado

E se penso com as mãos
escrevendo com a cabeça
foi porque meu anjo da guarda
ficou manco caindo da escada
Minha esposa sempre diz
que eu sou todo errado

SAPATOS LARGOS

Quando era miúdo
do tamanho que tinha meu menino
calcei os sapatos usados do meu pai
e com eles andei pelo assoalho do mundo
que estava na superfície segura da sala

Meus pequenos pés voavam
na imensidão funda e vasta dos calçados
e na abundância folgada dos espaços
eu neles brincando de adulto flutuava

Soubessem meus acanhados pés
que muitos chãos haveriam de andar descalços
guardaria a infância no interior recolhido dos sapatos
que um dia albergaram os enormes pés do meu pai

Os sapatos usados dos crescidos
têm o tamanho dilatado das galáxias

MANIFESTO MASCULINISTA

Nasci menino de nascença
e a vida me fez masculinista
Tenho pelos nos sovacos
tomo cervejas em gargalos
falo palavrões feito quem fala palavrez
e arroto bafos com cheiros de cigarros
De minha mãe usei sutiãs escondido
até já cai de seus sapatos altos
e o anjo que por dentro trago
usa batom vermelho e maquiagens
por detrás das máscaras e dos disfarces
Na cama sou heterossexual
e no chão do mundo sou pluriafetivo
não me importo com as divergências
só não gosto das desavenças
e de diferenças bem entendo
pois entre elas sou o mais desigual
Não sou sexista nem racista
e de gênero prefiro filmes de drama
suspenses, cults e tramas de tribunal
Amo mais o distante do que o próximo
que comigo pensa semelhante
só não amo quem se acha superior
acima do amor da cristandade
e sem nenhuma ou qualquer alteridade
Herdei dos meus pais o respeito
a igualdade e o gosto pela reciprocidade
e do meu parentesco com a humanidade
tenho aqui e acolá alguma verdadeira amizade
Minha virilidade é feminina
que não afeta minha masculinidade
e se hoje sou letrado, culto e intelectual

foi porque os livros me chegaram
logo que saí de lá do berçário
aprendendo a ler depressa e cedo demais
Sou masculinista a me olhar em espelhos
e me vejo refletido ao contrário
e tenho mais empatia e sensibilidade
do que músculos, barba e cabelos
Tenho pelos nos sovacos
tomo cervejas em gargalos
falo palavrões feito quem fala palavrez
e arroto bafos com cheiros de cigarros

O TAPETE PERSA

Na casa da minha avó
existia um tapete mais velho do que ela

Diziam que era persa
e que fora herdado da mãe da mãe de sua mãe
que deve ter comprado em alguma quermesse
ou nas feiras beneficentes das remotas igrejas

Sobre o tapete da casa da minha avó
passei com meus pequenos pés de infância
e parei por cima de cidades que nunca vi
salvo na lucidez delirante do meu maravilhado menino

Na casa da minha avó
havia um tapete que era voador
onde amei flutuar de olhos fechados
junto ao algodão doce das nuvens
no céu dos anjos da infância

Dele não conheci seu paradeiro ou destino
apenas o tenho nos álbuns em preto e branco de fotografias
e no colorido pintando da memória
que nem as cores das guloseimas, dos dropes e das jujubas

O tapete da casa da minha avó
era mágico e eu não sabia

NO INTERIOR DO BOLSO ESQUECIDO POR MIM

Aconteceu há tantos anos atrás
que eu já não me lembro mais
A vida tem disso
quantas coisas ocorreram
no desfiar moroso dos dias
mas depois se perderam
no interior mesclado e confuso
dos escaninhos da memória?
Tenho em mim mais esquecimentos
do que este novelo de lembranças
de onde retiro o enredo das minhas histórias
Não sou quem me lembro
pois quem sou não se acha
nos momentâneos instantes
gravados em minhas paredes
como toscos desenhos rupestres
Em mim habita um imenso Joaquim
microscópico, invisível e calado
que nem às fotos revelo
feito de intervalos e lapsos
que se encontra nas rachaduras
esburacadas do passado
um Joaquim inarrável e encoberto
desconhecido, clandestino e secreto
Eu sou a maquiagem que vejo
e o somatório de toda minha desmemória

O AMANHÃ, DEPOIS DE MIM

O que se verá no amanhã
abaixo do céu em que não estarei?
Quem pisoteará os caminhos porque passei
cujas pegadas ficaram soterradas
no aterrar dos dias e do esquecimento?
Que mundo viverá os instantes
que jamais em meus sonhos imaginei
e quem herdará meus óculos
que ao partir deixei em cima do criado mudo
que fica à esquerda da cama
em que presenciei o amanhecer dos meus anos
e o findar das noites no cobrir das pálpebras
que de mim afastavam os sonâmbulos fantasmas
que continuam a perambular nos quartos como muriçocas
a assustar a infância dos recentes meninos?
De que morrerão os velhos longevos
e por onde se acharão os filhos dos meus netos
se quando tudo o que aqui deixei
se for como também se vão
os finais das tardes de domingo?
O que se verá no amanhã
que eu não verei
pois acima do céu que abraça a vida
tudo é tão obscuro como será o escuro
em que vou somente me ausentar
e desaparecer

PROCURA-SE UMA LEMBRANÇA

Eu tinha uma lembrança
eu sei que tinha
só não sei onde ela está
Já remexi por todo canto e recanto
escaninhos e esconderijos da memória
no fundo das suas gavetas
no interior dos seus armários
até nos encaixotados fupei
mas nada dela encontrei
Eu tinha uma lembrança
eu sei que tinha
só não sei onde ela está
Procurei por aqui
procurei por lá
procurei por todos os lugares
até debaixo da cama dos meus pais
que é a imagem que tenho
daquela noite de tempestade chuvosa
em que acordei com medo dos trovões
e dormi aninhado com eles
no leito que cheirava a lavanda
alecrim e a pétalas de rosas
Eu tinha uma lembrança
eu sei que tinha
só não sei onde ela está
Percorri corredores pouco revisitados
entrei em salas que nem mais recordava
vasculhei minhas lacunas e meus lapsos
pensei até em meus atos falhos
mesmo assim minha lembrança continuava
perdida, desaparecida e extraviada
Reencontrei outras tantas lembranças

as antigas, as novas e as remotas
lembranças de todos os tamanhos
espécie, gênero, tipo e variedade
as reais, as fantasiadas e as misturadas
mas, no fim, tudo isso acabou em nada
Eu tinha uma lembrança
eu sei que tinha
só não sei onde ela está
Cheguei até as portas do Inconsciente
que é onde fica as memórias proibidas
as censuradas, as reprimidas e as recalcadas
porém um guardião me impediu de lá entrar
Mas do que me lembro
da lembrança que não me lembro
é que ela existia e por aqui estava
e uma lembrança que era lembrada
não pode ter sido desautorizada
desmaiada, esvaída ou ter sido desbotada
Terá ela fugido, morrido ou sequestrada?
Será que ela foi de mim desterrada?
Aonde foi que ela se escondeu
ou será que ficou camuflada
encoberta nas entranhas do interior
de uma outra qualquer memória?
Só sei que desde então
sinto falta de um pedaço da minha história
e carrego comigo um oco fincado
no lugar daquela esquecida memória
...
Procura-se uma lembrança perdida
Quem achar favor devolver à minha alma
que será por ela bem recompensado

COM AMOR, JOAQUIM

Quisera escrever uma carta
que sei jamais farei
para revelar murmurante
meus segredos mais miúdos

Confesso
espreito-te pelas frestas do cotidiano
(naquele dia em outubro passado
sem que sequer desses conta
furtei de ti o olhar de entardecer
com que absortas miravas o céu
como quem cata naturalmente anjos)

Até mesmo
nos momentos dos teus banhos
tantas vezes escutei por detrás da porta
o teu adornar de essências e espumas
e invejei
(ah, deus sabe como invejei!)
a água que percorria
acariciante teu corpo
como um amante em abraços
tão íntimos e úmidos
que nunca dei

Quisera escrever esta carta
que sei jamais farei

Originariamente publicado no livro A VIDA COMO UM ESPANTO, Joaquim C. de Mello, (ed. Labrador/SP, 2022)

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

Ainda espero da vida
a derradeira despedida
de tantas que me fez passar
Ela me levou o menino
com ele meus bolos de aniversários
mas me deixou no fundo dos tímpanos
o cantarolar dos muitos anos de vida
que minha memória perdeu a soma ao contar
Depois me retirou aos poucos os vivos
que estavam no mundo quando aqui cheguei
logo foram os transeuntes com quem esbarrei
e quando me dei conta dos anuários
já me tinha levado o século passado
e com ele quatro décadas de história
havia virado algumas dúzias de retratos
Do fino fio que ainda me resta
caminho como um equilibrista espantado
por sobre este arame bastante esticado
olhando de cima minha entrelaçada memória
como se fosse uma rede de nuvens a me resguardar
Mas quando o circo da minha vida se for
quero dar o último adeus às lembranças
que construíram comigo meu espetáculo
recolher a lona, meus trecos e ir embora
Senhoras e senhores
o show da vida vai continuar...

O QUE OS OUTROS VEEM

Sou um homem comum e habitual
desses que a gente normalmente esbarra
e deles não levamos nada
nenhuma lembrança, nome
rosto, jeito ou presença
pois, como eles, sou banal demais

Sou tão corriqueiro que acordo todo dia
levanto, tomo banho, escovo os dentes
dou bons dias aqui e acolá
cumpro meus roteiros como se fossem destino
carrego minhas pedras até quase ao topo
e quando elas escorregam adormeço
para no dia seguinte voltar a levá-las

Sou um homem normatizado
de tal maneira convencional
que chego a ser até revolucionário
rebelde, insurgente e avançado
aí troco todos meus disfarces
e quase finjo fazer poesia de verdade

Sou um homem conservador
preservo em mim o espanto do menino
e a ousadia irreverente do rapaz

Sou quem os outros veem
cordato, vulgar e bem-educado
porém quem sou mesmo e de fato
deixo pela manhã nos espelhos
e saio como sempre pro trabalho

Sou simpático quando sou cordial
sorridente, afável e trivial
mas quando digo não sou antipático
e é quando os outro me chamam de chato

É mais fácil vestir uniformes
mas por dentro eu sou descarado
insolente, zombeteiro e libertado

A POESIA ROUBADA

Quantos poetas cabem em um poema
e quantas línguas tem um verso?
A poesia foi feita para ser roubada
seja do lirismo emotivo da vida
ou da loucura de um mundo desgovernado
seja do universo indiferente e apático
que nos encobre com seu escuro desinteressado
Todos os poemas já foram feitos
escritos, falados ou silenciados
o resto é como prato requentado
porém salpicado de tempero modernizado
Se na natureza nada se cria e nada se perde
então quando me visto de poeta
sou meus antepassados remexidos
em novos versos assim tão diversificados

AMORES CITADINOS

No ardente escuro dos asfaltos
as esquinas se encontram
no beijo passante das ruas

O INFINITO REVISITADO

Eu hoje voltei do infinito
onde mora a eternidade
e lá fui visitar meus pais

Minha mãe estava como sempre
bem vestida, elegante e charmosa
com seu penteado fixado de laquê
enquanto meu pai continuava
como nos retratos guardados
baixinho, barrigudo e gordinho
encoberto por ternos de linhos amassados

Foi ali no fundo fim do que é inacabado
que encontrei meu menino
imaginando que quando alargasse
o futuro seria um amanhã acriançado
o mundo inteiro da infância seria prolongado
e todos estariam em todos outros aniversários

Lá em que a morte não é permitida entrar
é que recuperamos o que antes era
duradouro, perene e perdurável
e os dias são feitos de ontens
nos quais até verbos se conjugam no passado

Tenho pena das crianças esquecidas
nos adultos alheios e desmemoriados
elas vivem como se fossem
roupas velhas largadas no encovado
fechado e desalumiado dos armários

Se soubessem os crescidos

que a infância sobrevive infindável
no interior das almas termináveis
eles sentiriam que a maturidade
é ser também uma criança com maior idade

Daqui a pouco vou voltar ao infinito
que é o lugar que nunca devia ter deixado

POETA DE UM VERSO SÓ

Sou poeta de um verso só
e nele há a infância
o tempo, a impermanência e a morte

Já tentei falar em amor
mas não dei muita sorte
afinal amar é sentimento
grafado em verbos de acenos e gestos

Se olho para trás
vejo-me garoto e pequeno
me divertindo e correndo
como se quisesse ganhar do tempo

No encarar do hoje
contemplo o mundo envelhecendo
e meu menino continua correndo
como se desejasse coagular o tempo

Mas quando descortino o tempo
enxergando o que vem em frente
lá se vai a criança correndo
como se pudesse
 um dia
 vencer o tempo

BOM DIA, DIA

Bom dia, dia
Bom sabê-lo ainda vivo
a compor mais um dia
no anuário das datas transitórias
desta minha repentina imortalidade finita

Bom dia, dia
Antes que tu vás embora
quero habitá-lo como se deve
ser povoado os dias
colhendo os frutos das manhãs
plantando as sementes das tardes
e descansando em teu colo noturno
como um amante saciado e farto

Bom dia, dia
Que tu hoje sejas
o dia mais belo
dos mais lindos dias já vividos
e quando na madrugada me deixares
levar-te-ei pelos demais dias
em que aqui estiver até lá presente
no interior delicado das minhas memórias

Bom dia, dia
Sejas bem-vindo neste novo espantoso dia

ROSTOS, SEMBLANTES E FACES

Vejo rostos por onde passo
ou será que são os rostos
que por mim passam
enquanto estou parado?
São rosto de todas as cores
idades, molduras e formatos
rostos que quando estou distraído
não me dizem nada
Vejo rostos por onde passo
uns velhos
outros jovens
rostos redondos
longos, retangulares
ovais e quadrados
alguns disfarçados em maquiagens
todos consumidos, borrados e cansados
(Aquele rosto
no canto esquerdo do enquadre
lembra o rosto da minha mãe
depois do luto inconcluso do meu pai)
Por detrás verniz dos rostos
até mesmo dos mais impenetráveis
há sempre uma pessoa
submersa, desconhecida e ocultada
com centenas de desejos malogrados
e milhares de sonhos frustrados
Quando chego à noite em casa
sozinho em frente ao espelho do banheiro
retiro da cara meu disfarce
e me vejo refletido ao contrário
No íntimo dos espelhos
reside nossa verdadeira face

Por isso ao morrer devíamos ser enterrados
com nossos espelhos repousando ao lado

SEGUINDO OS NÚMEROS

Vou seguir os números
e ver aonde eles vão dar
Vou começar do zero
um algarismo que não
consigo nem sequer me lembrar
Depois que deixar o um
é que vou então andar
mas quando chegar no segundo
que vem logo após o três
que sucede o número dois
vou esperar adicionar mais um
para os meus cinco anos completar
Vou aprender português
contar além de dezesseis
ler as horas que giram nos relógios
aumentar o tamanho dos sapatos
trocar as camisas do ano passado
e comemorar meu décimo primeiro aniversário
Os próximos sete anos vão ser agitados
irão aparecer pelos debaixo dos sovacos
os testículos ficarão alongados
o menino será esticado
o banheiro vai ser mais usado
e vou me apaixonar
pela garota da sala ao lado
Avançando ainda mais
adicionarei uma dezena
e então estarei casado
e cedo me tornarei pai
mas o que eu queria mesmo
era estar morando
como um dia lá já morei

com meus primeiros antepassados
E de dez em dez fui somando
e de dez em dez fui subtraindo
e até hoje não sei
se estou mais perto de voltar ao zero
ou se estou chegando próximo de cem

BOLINHOS FEITOS DE ONTEM E FEIJÃO

Miné na cozinha
faz bolinhos de feijão
enquanto minha mãe
conversa ao telefone
sobre a última moda do verão

A manhã vai passando
pelo céu das nuvens paradas
fatiada em diminutos segundos
pela fina lâmina dos ponteiros do relógio
feito a navalha gasta
no barbear matinal do meu pai

Lá fora a vida me espreita
no aguardo das perdas que um dia virão
e eu continuo absorto e distraído
assistindo o desenho animado
que está passando na televisão

Ainda não conheço a língua das ruas
o entrelaçar ardiloso das Moiras
o cheiro dos cravos e dos crisântemos
nem os caminhos que me levarão
para fora desta bolha azul de sabão

O princípio de mim vai se construindo
por debaixo da ingenuidade da carne
no pântano caudaloso da memória
e quando lá me olhar para trás
vou me ver sentado
assistindo desenho animado na televisão
quando Miné está na cozinha

fazendo saudosos bolinhos de feijão
e minha mãe conversando ao telefone
sobre a última moda daquele remoto esquecido verão

UM MINUTO ANTES DA NOITE

No cochilo das árvores
as folhas sonham ser flores
e a tarde passa por cima das copas
sem perturbar o sossego das folhagens
Nas ruas faróis se acendem
no diminuir da velocidade dos carros
enquanto nas calçadas pés alvoroçados
pisoteiam os segundos agitados
como se fossem bitucas de cigarros
Nas cinzas do queimar da tarde
sonhos buscam voltar às camas
ao mesmo tempo em que o sol se põe
expondo a noite que se escondia
por detrás do véu azulado do dia
Os postes madrugam mais cedo que os gatos
que nos cantos dos becos desalumiados
onde todos são encardidos e pardos
aguardam o regressar dos próximos ratos
Nos botequins da cidade
alguns alongam o sepultar das horas
retardando o reencontrar com o trinco das portas
que os separam das realidades das casas
e das sequidões apáticas dos quartos
Em um lugar neste instante
nem sempre assim tão distante
alguém se despede da vida
enquanto um outro amanhece e se cria
e os demais apenas esperam
depois das novelas e das preces
o cerrar solene das pálpebras
no apagar de mais um pedaço da vida
que acompanha o escapar transitório dos dias

CÉU DAS MEMÓRIAS

Nesta noite escura de um quarto aceso
vou me intoxicar de saudades
viajando por debaixo da pele enrugada
como um andarilho caminhando entre costelas
na contramão dos relógios e dos anuários

Vou mais além que as semanas passadas
dos meses anteriores dos anos pregressos
em que estava criança brincando
de pular corda e de fazer bolhinhas de sabão

Quando minhas idades somavam pouco
não me esperava no século vindouro
mas agora em que nele estou
vivo a pensar naquele menino
que o virar do século me retirou

E antes que um outro século me leve
vou para o céu das memórias
encontrar meus pais e meu cachorro
pular corda em bolhas feitas de sabão
e ser miudinho de novo

O VERSO E O POEMA

O que faz esse verso aqui
neste poema que não terminou?

Como ele chegou e de onde veio
logo agora que não pensava nele?

Esse verso não me pertence
pois não me lembro que o trazia
no começar deste poema que não terminou

Ou será que andava por aí
ignorado e despercebido
e nunca me dei conta dele?

Mas como pode
um verso tão melódico
de tanto lirismo singelo
a confessar intimidades
que nem eu saberia dizer
passar tanto tempo escondido
como se não quisesse
ser encontrado ou visto?

Quem será seu dono que o perdeu
cujo bolso na alma estava furado
e por ele o verso se soltou e caiu?
(Será que percebeu que está mais leve
e em seu interior um vazio retirou-se e saiu?)

Versos são imagens de sentimentos
pincelados com palavras
que vivem em busca de olhos

bocas e ouvidos de gente

Um verso achado ao acaso
no chão acidentado da vida
não é um verso roubado
plagiado ou fraudado
mas um verso órfão
que quer ser adotado
por um poeta qualquer
em um poema incompleto
que ele ainda não finalizou

E agora
que faço com esse verso achado
neste poema que não acabou?

O DIA SEGUINTE

O dia amanhece no quarto vazio
e pontualmente o despertador toca
mas a cama desocupada continua
deitada no mesmo lugar

No guarda-roupa fechado
vestes aguardam escolhas
porém hoje nenhuma delas
verá a luz do Sol
ou encontrará olhares de gente
nem o acariciar deleitoso dos ventos

Qual a serventia
de uma escova de dentes usada
sem o beijo mentolado das bocas
ou aquele sabonete meio gasto
com um fio cabelo nele guardado
que nunca mais será utilizado?

E todos aqueles pincéis de maquiagem
o primer, a base e os corretivos
o blush, os batons e os pós compactos
acomodados no silêncio do armário
acostumados a mascarar um rosto
que o espelho jamais voltará a encontrar?

Na cabeceira da cama de seu quarto
os óculos que antes me assistiam crescer
repousam parados e inanimados
com ninguém no outro lado

Da parte que me cabe da casa

desacordo dos sonhos juvenis
levantando meus dezesseis anos
que me habitam o corpo magro
ainda um tanto desengonçado
e sozinho e assustado
inicio o primeiro dia
da minha mais longa
e última interminável orfandade

O INVENTOR DE MEMÓRIAS

Inventava memórias
balsamando a alma
de histórias criadas
para quando fosse velho
ter do que se lembrar

Se inseriu no tempo
como um Quixote alucinado
montado em um Rocinante imaginado
a desbravar Catalunhas encantadas
lutando com moinhos que nem o vento assoprava
sendo herói de reinos fabulados
apaixonando-se por Dulcineias jamais encontradas

Urdu no interior calado dos quartos
por sobre macios colchões de sonhos
mais odisseias que Ulisses
conquistou mais horizontes e confins
que nem Alexandre da Macedônia alcançou
e venceu leões e aniquilou hidras
em quantidades maiores que Hércules conseguiu

Descobriu o segredo da Pedra Filosofal
encontrou o sagrado cálice do Santo Graal
derrotou Saladino no norte ao sul de Damasco
carregou no peito mais medalhas
que Júlio Cesar, Napoleão ou Eisenhower
e da janela de sua pequena mansarda
caminhou por ruas e vielas nunca pisadas

Compôs sinfonias mais belas que Beethoven
escreveu intensas cartas de amor

melhores que Cyrano de Bergerac
pintou azuis mais azulados que Picasso
escalou o Everest e a Montanha Mágica
atravessou ondas tubulares na Austrália
e rompeu a barreira do som
pulando de paraquedas
no alto do céu desanuviado de Dubai

Foi no íntimo dos quartos em que morou
que fez de si o que existindo não se fez
e de lá grafou poemas que ninguém leu
e se vestiu de roupas mais majestosas
do que pode se vestir o maior dos reis

Passado os anos tangíveis da vida
hoje resta um túmulo corroído e desgastado
em um cemitério esquecido e abandonado
onde mal se lê redigido na lápide
o seu nome que o cosmos não conheceu

Como disse Fernando Pessoa
*"o mundo é para quem nasce para o conquistar
e não para quem sonha que pode conquistá-lo
ainda que tenha razão"*

NESTE MOMENTO, NO OUTRO LADO DA VIA LÁCTEA

Neste momento
alguém está nascendo
um corpo está sendo velado
pessoas estão se enamorando
outras se casando
casais estão se separando
e eu aqui na sala esperando
minha esposa daqui a pouco acordar

Neste momento
Maria está sendo batizada
João comemora aniversário
Pedro está chorando
Paula ganhou uma medalha
José está adoentado
Milena descobriu que está grávida
e eu estou me tornando
cada vez mais para mim indispensável

Neste momento
fulano está estudando
sicrano foi à praia
beltrano está bebendo
alguém será atropelado
há quem esteja fazendo nada
e eu conversando calado
com meu retirado e despovoado passado

Neste momento
Silvestre saiu para trabalhar
Roberto perdeu o emprego
Ana foi assaltada

Calebe está na farmácia
Monique está arrumando o armário
e eu me absolvendo
dos meus velhos antigos pecados

Neste momento
a Lua está minguante
Cícero pediu Simone em noivado
Mauro fez seu mapa astral
Mercúrio está em Touro
Roberto se sente entediado
Carla não sabe onde deixou as chaves
e eu continuo sobrevivendo
àqueles que por mim brevemente passaram

Neste momento
o cometa Halley
está a cinco bilhões de quilômetros
mais longe do Sol
uma estrela está se apagando
outra está se acendendo
o mar não está pra peixe
e eu me preparando para desaparecer
nas brumas profundas da imortalidade

Neste momento
alguém na China tossiu
um furacão se aproxima das Bahamas
está nevando em Borgonha
faz calor no Senegal
um rio transbordou no Peru
a terra tremeu no Japão
e no outro lado da Via Láctea
o Universo não está nem aí
para o que está acontecendo aqui
nesta irrelevante biosfera pequena

EU E O CIGARRO

O cigarro me sorve a vida
em cada trago que lhe faço

Assim me evaporo aos poucos
nas fumaças que exalo
e amanhã restar-me-ei em cinzas
espalhadas em diversos cinzeiros
que um não dia utilizarei mais

Quando chegar a vez do derradeiro cigarro
vou desaparecer que nem vapor entre meus dedos
apenas não sei se levarei ou deixarei saudades

A METAMORFOSE

Vou me colocar no computador
deixar este meu hardware carnal
transformar meus neurônios em bits
e pousar minha memória nas nuvens

Vou me fundir com a máquina
deixar de ser mundano
me redesenhar em chips
e passar a ser transhumano

Vou trocar o cognitivismo de lado
deixando de pensar em português
falar em Java, SWIFT, Python
melhorar meu escasso inglês
e namorar tecnologicamente em eletrônês

Meu destino será algoritmo
vou resolver todas as questões matemáticas
o enigma dos buracos negros
saber tudo sobre xadrez
aprender jogar Go e gamão
completar as palavras cruzadas
além de ganhar muito dinheiro
acertando shows do milhão

Vou para a Pasárgada do meu multiverso
onde lá sou eu quem serei o rei
e vou deixar meu analógico Joaquim
no século que me foi passado
e pro futuro serei ilimitado
e a partir daí não terei
começo, meio ou fim

Vou me transmutar em digital
e viver a eternidade virtual

PASSAGEIROS DA PAISAGEM

A vida passa como sempre passa
lenta, gradual, ferosa e ligeira

Mas a Vida não passa
nem se move e trespassa
não vai de um lugar a outro
como se fosse alguém
que entra, transita e sai

Quem passa são os relógios
e as folhas dos calendários
assim como o dia e a noite
que encobrem as cabeças
as casas, os terrenos, as árvores
e os telhados das cidades

Quem passa são as coisas
que pela Vida passam
as plantas, os vegetais, as flores
os insetos, os peixes e os demais animais
até as pedras também se desgastam
com a força dos ventos e das águas
que nelas golpeiam e por elas passam

Nada permanece na Vida
em que tudo por nela fica ou se move
mas o que se conserva na Vida
é ela que sempre continua
e continuando jamais passa

Mudam-se as pessoas, os seres
os deuses e os cenários

as culturas e as sociedades
mas a Vida persiste
gerando e retirando vidas
pois sem a Vida não haveria vida
apenas e somente um vazio e imenso nada

A Vida é palco, recinto e tablado
onde as pequenas vidas que nela passam
encenam grandes e pomposos espetáculos

Senhoras e senhores
vós que comprais os ingressos
não fiquem sentados nos seus lugares
pois daqui a pouco o show vai terminar
e quem não trocou de assento ou de lugar
não vai poder então nunca mais mudar

O DESTINO DOS LIVROS

Que destino terão meus livros
quando minhas mãos não mais os manusearem?
Quem decodificará minha alma formada
no interior folhoso das brochuras
e dos calhamaços empilhados nas estantes
ou por cima das escrivatinhas
tábulas, mesas e bancadas da casa
Livros são feitos de mudezes que falam
no instante em que a quietude das letras caladas
é exposta aos olhos bisbilhoteiros
que esfomeados de espantos
buscam no esfolhear desnudante
os segredos embutidos na vida
que habitam a imensidão cósmica
dos deuses, de Delfos e do Universo
Para onde irão meus diversos Fernandos Pessoa
e por quais mares nunca dantes navegados
irão singrar Moby Dick, Camões e a Odisseia
edição capa dura de 1974?
Quem herdará meus livros fechados
por onde percorri milênios de histórias
lutei em Cartago
cavalguei com Quixote
atravessei buracos seguindo coelhos
segui o mapa e achei o tesouro
passei férias no Sítio do Picapau Amarelo
conheci o retrato de Dorian Grey
descobri o Horizonte Perdido
e como Bandeira fui também amigo de rei
E esse tanto de letras?
E essa abundância de palavras?
E essa enxurrada de ideias?
E esses véus rasgados?

E esses sonhos acordados?
E essa vida vista do outro lado?
E as incontáveis noites em claro
que passava lendo durante a madrugada
como se vivesse em uma Babilônia encantada?
(Quem ficará com minha face
logo após abrirem o meu inventário?)
Um dia me tornarei cinzas
como pó que o tempo acrescenta
às legendas escritas nas lombadas

A ÚLTIMA CEIA

Que me desculpem os ausentes
mas não vou ao meu último jantar
Podem comer sozinhos
fiquem bem à vontade
façam de conta que estou
presente na cadeira vazia
que estou reservado a me sentar
Não me esperem pontualidades
agendas, obrigações ou compromissos
pois não sou de olhar em relógios
as agulhas do tempo passar
nem faço promessas ao destino
que sequer sei em qual esquina
vou a contragosto por fim encontrar
Por favor não fiquem chateados
com esse meu eventual desaparecimento
reconheço que não fui assim tão educado
mas ele será tão somente breve e temporário
e por enquanto me entendam
que não estou com nenhuma fome
ou com a mínima vontade e anseio
de junto com vocês logo cear
Que fiquemos então assim combinados
quando quiser noturno e mais adiante
de eternidades me empanturrar
vou ao rol dos meus sumidos
e a todos vocês irei convidar
Porém
por agora e no momento
apenas me deixem aqui no meu canto sossegado
banqueteando-me desacompanhado com as memórias

que sei que em alguma mesa irei reencontrar

JORNADA NAS ESTRELAS

Vou fazer um foguete e sair do planeta
viajar pelo espaço sideral
seguir os rabos dos cometas
surfear em ondas gravitacionais
excursar que nem turista
por entre astros, satélites e galáxias
e visitar alguma tia distante
que mora no subúrbio de Andrômeda
depois da terceira curva da espiral

Quem sabe se não encontro algum anjo
voando alucinado por aí assim como eu
e juntos brincar de esconde-esconde
por entre brechas, rachaduras e fendas
dos buracos negros do universo

E quando retornar pra casa
vou tomar banho em uma banheira
cheia de essências e sais aromáticos
e me limpar da poeira cósmica
e dos refugos esfarelados do que sobrou
das supernovas despedaçadas que em mim ficou

OLHANDO PARA TRÁS

Olho para trás e vejo mortos e feridos de batalhas que a vida inventou, apenas porque estávamos vivos. No presente em que me vejo olhando para trás, eles não podem retornar às carnes abandonadas, mas sobrevivem nas partes mais íntimas da minha alma. Todos os que dobraram às esquinas opostas as que virei, sumiram da paisagem desta minha alongada estrada.

Olho para trás e vejo terrenos baldios em que jogávamos bola, esperando a infância terminar. À época não sabia que o findar seria tão rápido, pois tudo que antes me cercava parecia banhado de eternidade. A substância inocente de que são feitas as crianças é frágil, passageira e volátil.

Olho para trás e vejo que aqueles terrenos, em que deixei minhas pequenas pegadas enterradas, estão hoje ocupados por elevados prédios, repletos de apartamentos de 60 metros quadrados, onde se assistem novelas, telejornais e seriados. Em suas varandas, varais de roupas estão penduradas, como se fossem bandeirinhas de São João, a tremular no vento que restou do verão passado.

Olho para trás e vejo casas que não existem mais, e fantasmas despejados vagueiam atônitos pelas ruas da cidade, feito mendigos desempregados. Tanto as pedras, os tijolos e os telhados se vão, mas ficam os fantasmas esfomeados, que não assombram os novos quartos das crianças recém-chegadas.

Olho para trás e vejo a loja Sloper e minha mãe comprando estojos de maquiagem, para posar bonita às fotos em que seu rosto ficou guardado, que nem tatuagem gravada na pele envidraçada dos porta-retratos.

Olho para trás e vejo meu Joaquim perplexo olhando no espelho seu corpo crescendo, enquanto a Terra gira ao redor do Sol, comemorando aniversários.

Olho para trás e vejo o que ficou para trás...

VERSOS ÍNTIMOS

Minha mãe nunca me disse que me amava
mas eu na baixeza do meu tamanho
e no pouco das minhas idades
observava o que ela fazia
e em seu protegido silêncio me contentava

Certa vez ouvi ela dizendo
que ninguém me tocara em um fio de cabelo
e enquanto ela viveu
meus cabelos continuaram intactos

Minha mãe não me beijava
nem me abraçava
mas quando ficava doente
ela se vestia de enfermeira
cuidava de mim
me servia canja de galinha
tocava em minha testa febril
e me colocava para dormir
junto com ela em seu quarto

Eu nunca disse a minha mãe que a amava
porém quando ela se foi afogada
no mar da minha chegada adolescência
seguí em frente e me tornei
um homem como ela sonhava

Minha esposa não conheceu sua sogra
nem minha filha a sua avó
mas o que elas não sabem
é que a conheceram
em meus mais sutis

e mínimos detalhes

Desde muito cedo
com minha mãe aprendi
que o amor não cabe
no universo restrito das palavras

SEIS GRAUS DE SEPARAÇÃO

Eu conheço uma bailarina
que conhece um maestro
que certa vez regeu
a Orquestra Sinfônica de Boston
e lá conheceu uma camareira japonesa
que tinha um namorado marinho
que conhecia uma prostituta em Amsterdam
que tinha um cliente alemão
cujo avô havia lutado na Rússia
e lá se apaixonou por uma cozinheira
que havia nascido na Ucrânia
cujo tio era primo distante
do alfaiate de um inglês
que morou na Índia
e ficou amigo de um nepalês
que havia trabalhado na China
e lá conheceu uma afegã
que foi refugiada no Paquistão
e que se casou com um operário
que conhecia um palhaço
que foi com o circo até o Kuwait
quando conheceu um soldado
que lutou na guerra Irã-Iraque
e era sobrinho de uma enfermeira
que tinha uma amiga que tinha
uma vizinha que conhecia uma aeromoça
cuja mãe morou na Turquia
e agora estava na Argentina
quando conheceu um psicólogo
que era uruguaio
mas a mãe era paraguaia
casada com um cubano

que fugido de Havana
conheceu um contrabandista mexicano
que vendeu whisky falsificado para um cientista
que havia estudado na França
com um professor italiano
que conhecia um alpinista belga
que escalou o Everest
e era amigo de um médico português
que havia tratado uma paciente croata
que perdeu a memória
e não se lembrava de nada
e não reconhecia ninguém

Eu conheço o mundo
e toda a humanidade

DE MANHÃ, LOGO CEDO

De manhã logo cedo
acordo com o som das panelas
no chegar de Neide ao trabalho

No banheiro enxaguo os sonhos
ensaboo os desejos molhados
e me enxugo com o calor da claridade

À mesa como sanduiche de queijo
dois ovos estrelados
tomo café coado
e depois fumo um cigarro

Saio para às ruas
na incerta certeza de que vou voltar
deixando no ar um beijo
para a mulher que dorme
com o anjo da guarda no outro quarto

O LAMENTOSO DESTINO DAS SOMBRAS

Triste o destino da sombra de alguém
cujo corpo foi sepultado

Na mudez cinzenta do céu das sombras
espectros desencarnados vagueiam
no infinito escuro desalumiado
como um cortejo de penumbras abandonadas

Quem irá prantejar a orfandade das sombras deixadas?

CANTILENAS DE UM POETA

Sou poeta das horas inteiras
dos momentos adversos
da mudez das paredes alvas
do segredar confidente dos ventos
dos intervalos alongados dos minutos
e do pasmar inesperado dos acasos

Sou poeta dos interiores ocultos da alma
dos escaninhos das memórias não lembradas
onde se escondem o seio da minha mãe
o ciúme de quando descobri que ela era casada
meu primeiro dente de leite arrancado
e a vela que não apaguei
em meu mais primitivo aniversário

Sou poeta das noites claras
dos travesseiros acordados
em que sonhos ficam enfronhados
das companheiras sombras matinais
das madrugadas embriagadas
e das loucuras mais desvairadas

Sou poeta dos beatos não santificados
dos pecados secundários
do inconfessável dos confessionários
das conversas fiadas e dos tiques bizarros
dos deuses mortos que ficaram para trás
em Atlântidas submersas e afogadas
ou em bibliotecas incendiadas
embaixo do horizonte avermelhado da Babilônia
que há milênios já não existem mais

Sou poeta dos antepassados
dos paralelepípedos manchados de histórias
das viúvas e dos órfãos deixados
dos desejos espirrados nos lençóis
do transpirar dos segundos fatigados
do calmo envelhecer dos retratos
dos sopros que vêm do passado
e do azulado bailar dos fogos fátuos

Sou poeta dos arco-íris das jujubas
do escorregar dos dias nos parques
dos rastros no céu onde as nuvens passam
do inquieto andar das formigas nas calçadas
do enrugado olhar das janelas
das folhas secas em cima dos telhados
da solidão dos prédios abandonados
e do desmaiar das tardes alaranjadas

Sou poeta
porque sou poeta
brotado do ventre dos livros
e com o destino traçado
para ver a vida por cima
por baixo e por todos os lados
e se não tivesse nascido poeta
com certeza seria alado

O MAR INTERIOR DE MIM

No mar interior de mim
habitam ninfas aquáticas
sorridentes baleias rosadas
corvinas, robalos e linguados
e uma multidão de peixinhos listrados
No mar interior de mim
sereias encantadas
sobre a ossada dos rochedos
arrastam minhas lembranças
para o fundo secreto da alma
No mar interior de mim
navios naufragados
guardam tesouros não revelados
sobras de um menino nunca abandonado
que sabe nadar até debaixo d'água
No mar interior de mim
minhas praias estão sempre lotadas
fins de semana, dias úteis e feriados
por vulgos que por ali passam
deixando pegadas nos grãos da areia
que o vento do tempo um dia apaga
No mar interior de mim
a luz não alcança a fossa mais encovada
do meu mais profundo oceano
em que entre placas tectônicas
permanecem submersos e adormecidos
primitivos vulcões marítimos
No mar interior de mim
ondas espumadas de histórias
oscilam molhadas de memórias
onde por fora deslizo
como um surfista bronzeado

e por dentro navego
feito um submarino amarelo camuflado
No mar interior de mim
sou Robison Crusóe
sem Sexta-Feira

...E ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Quando aqui cheguei a Hungria havia se revoltado
Marrocos ficou independente da França
e Juscelino Kubitscheck foi empossado

Mal cheguei aos meus dois anos
a cadela Laika foi lançada para morrer no espaço
e Albert Camus foi com o Nobel laureado

Nos meus cinco anos
foi erguido o Muro de Berlim
meus pais me mudaram de bairro
e Jânio Quadros renunciou ao cargo

No ano em que comemorei dez anos
os Beatles lançaram seu sétimo álbum
tirei nota dez em Português
e o AI-4 foi por Costa e Silva editado

Aviões americanos bombardearam Hanói
por ocasião do meu décimo segundo aniversário

Quando fiz quinze anos
o embaixador da suíça foi libertado
fumei meu primeiro cigarro
e uma reforma ortográfica foi sancionada

Depois que enterrei minha mãe
Brezhnev visitou Cuba
na Inglaterra uma greve é decretada
e a Ponte Rio-Niterói é inaugurada

No tempo em que alcancei a maioridade

a Microsoft foi criada
Franco morria de velhice na Espanha
dirigi pela primeira vez um carro
e Isabelita Péron ainda não tinha sido derrubada

Quando conheci minha esposa
Karol Wojtyla virou Papa
e o domingo de Páscoa
caiu em vinte e seis de março

No ano em que me casei
Indira Gandhi foi assinada
Pedro Nava morreu
minha filha nasceu
a Emenda Dante de Oliveira é rejeitada
o pneu do meu carro furou
um avião foi pelo Hezbollah sequestrado
e eu quase comprei aquele quadro

Quando minha filha fez quinze anos
no horóscopo chinês o ano era Coelho
uma escola em Columbine sofreu atentado
em um domingo de novembro estava entediado
e acabei por não comemorar meu 44^o aniversário

Mas aí chegaram meus cinquenta e seis anos
minha filha já havia casado
na boca tinha três dentes arrancados
Bento XVI renunciou ao pontificado
no INSS estava finalmente aposentado
e Barak Obama tinha o mandato renovado

No tempo em que meu neto nasceu
Domingo de Páscoa foi em primeiro de abril
um apagão aconteceu no Nordeste do Brasil
Damasco foi bombardeada

Aretha Franklin faleceu
e eu amanheci um dia gripado

Hoje o mundo continua girando
a História prossegue andando
aumentam-se as vagas nos berçários
na esquina vão abrir uma clínica geriátrica
e eu aqui comemorando mais um aniversário

CEMITÉRIO DOS VIVOS

Nós, os mortos
saudamos os vivos
pois sem eles
estaríamos mortos

Felicitemos os olfatos
que nos renasce no evocar do cheiro
do perfume antiquado que usávamos
e que por aí ficou em alguma camisa
que alguém esqueceu de lavar

Como fantasmas palpáveis
continuamos na superfície das coisas
abandonadas ao mundo dos outros
que agora já não nos pertence mais

Naquela música que um dia dançamos
abraçados ao sonho das futuras eternidades
hoje nos faz bailar no piso encerado
de um salão que não existe mais
juntinhos e pregados ao sonho
das eternidades remotas do passado

Nós, os mortos
somos feitos de sabores
aromas, sons e lembranças
deixados por detrás dos panos
acortinados no fundo palco
onde ficam as covas rasas da memória

No memorial dos vivos
os mortos ressuscitam

como notas de rodapés
dos livros pessoais de cada história

Os mortos na vida morrem
ao deixar seus espaços na morte
para no rodiziar dos vivos
dar lugar ao chegar dos próximos mortos

O DANÇAR NO TEMPO DE UM CORPO EM MOVIMENTO

Falo a língua dos gestos
os acenos mudos dos trejeitos
o dialeto das ruas em que me movimento
e o jargão dos rebolados malemolentes
O corpo é meu vocabulário
onde se acham gravadas invisíveis tatuagens
como se fossem cuneiformes escritos
de uma antiga civilização inexistente
Minha mobilidade desengonçada
é harmoniosa por dentro
talvez por isso ninguém entenda
que me expresso no mudar gingado
e dançante dos meus deslocamentos
Na linguagem gestual em que me revelo
sou um bailarino a girar suspenso
no ar do palco em que danço a dança do tempo
ao som do ritmo da música que ouço em silêncio
Da minha coreografia sou responsável
pelos passos que ousou e invento

POEMA SEM NOME

E se em mim tudo desaparecer
meu nome
meu rosto
minha história
e meu sobrenome?

E se não mais souber quem sou
de onde vim
o que fiz
o que sonho
e para onde vou?

E se em mim somente habitar
um branco mais branco que este branco
em que escrevo sobre minha inimaginável
e repentina suposta amnésia?

Será que eu bebi
caí da escada
sofri um acidente
ou bati com a cabeça
em alguma parede da realidade?

Como será não ter passado
nenhum futuro almejado
não saber de nada
não reconhecer meus pais
e nem a mim mesmo nos velhos retratos?

Que farei agora
depois que tudo me foi embora
neste corpo velho no espelho

cujo dono desconheço
como se chama
seu apelido
seu CPF
sua identidade
e seu endereço?

Talvez desaparecer em mim
seja uma forma de continuar a viver
carregando comigo pelo infinito
um oco profundo na alma
e uma completa esvaziada memória

Talvez morrer não seja acabar
mas deitar sobre si e se esquecer

TODO POETA É UM LADRÃO

O poeta é um ladrão
que rouba da vida
os versos que escreve
com a língua dos afetos
e os vocábulos do coração

De que adianta passar pela vida
e dela nada surrupiar
seja uma maçã da árvore
seja uma passageira paisagem
seja o cri cri estridente dos grilos
seja o roçar silencioso dos cotovelos
ou o cheiro da brisa salgada que vem do mar

Tenho pena dos bem-comportados
dos sóbrios e dos recatados
pois eles não sabem que a vida
foi oferecida para ser roubada
e disso são feitos os versos:
pequenos momentos usurpados

POEMAS INSONES

e a noite me tingiu de preto os cabelos
e cobriu de escuros minha sombra
que repousava na cadeira ao lado

como não lembrar dos meus esquecidos
que no desadormecido dos sonos atrasados
sonambulam anônimos pelas quinas
----- notívagas do quarto

as noites são compridas e vastas
no dilatar dos poemas acordados
que precedem o afugentar das estrelas
pelo cacarejar matinal dos galos

e quando a noite em mim despertar
vou vaguear por aí catando versos no chão
antes que sejam apagados pelas borrachas
dos solados apressados dos homens

[são nas noites que os poetas uivam
os gemidos espirrados nas ruas]

a poesia nunca dorme
nem os anjos
nem o ontem
nem os poetas

VOU ME ESCONDER DO TEMPO

Vou entrar neste agora
e me esconder do tempo

Neste agora esticado
duradouro e prolongado
vou viver mais de cem anos
com a idade que hoje tenho
não vou mais perder ninguém
e mantereí comigo apenas
as ausências que agora já tenho

E quando o século deste agora terminar
e for me reencontrar com o tempo
vou ver que tudo que ficou fora do agora
envelheceu, caducou, conclui-se e findou
e não aproveitei com eles o tempo

Quando o interminável agora acabar
vou visitar meu túmulo no cemitério
onde me enterraram anos após
em que oculto nas cobertas do agora
perdi a hora de ir ao meu velório
por não entender que vida é feita
de um amontoado de gastos agora

Vou entrar neste agora
e me esconder do tempo

SONHOS URBANOS

Conheci um beco
que sonhava ser uma rua
com meio-fios ao lado
e calçadas planas sem buracos
Conheci uma rua
que sonhava ser uma avenida
larga e arborizada
com canteiros no meio
e coloridos semáforos nas esquinas
Conheci uma esquina
que sonhava ser uma reta
cheia de prédios espelhados
que ia de onde começava o sol
e findava onde o horizonte termina
Conheci um prédio
que sonhava ser uma casa
com jardim gramado
e plantas variadas
fincadas em solo de terras
onde habitam minhocas
e botijas cheias de ouro ocultadas
Conheci um jardim
que sonhava ser uma praça
repleta de árvores e paisagens
com um lago por onde patos
se refrescam nas tardes
em que as crianças passam
brincando suas infâncias
em balanços, gangorras e escorregos
Conheci uma praça
que sonhava ser uma cidade
que sonhava ser o mundo inteiro

FARELOS DE CALENDÁRIOS

Hoje achei um dia que estava perdido
e nem me lembrava mais que tinha vivido

Ele foi achado no fundo de uma gaveta
do bagunçado armário da memória
entre tantos outros lascos de dias lembrados
que compõem os anuários da minha história

No lugar onde me sustento e me guardo
sou confuso, embaralhado e desorganizado
e em meio aos entulhos das coisas que trago
tem vezes que nem sei direito quem sou ou fui
e no emaranhado de mim de quando em quando
me desoriento e perdido não me acho

Não sou cartesiano nem muito menos linear
me atrapalho até em saber onde deixei
o retrato do dia 28 de abril de 1994
enquanto o ano de 1974 fica acima de 2002
que fica logo depois do dia de ontem
em que passei a tarde tentando lembrar
em que parte de mim foi que deixei
meu vigésimo terceiro aniversário
logo eu que já esqueci o que foi que comi
no almoço do penúltimo domingo passado

O dia que finalmente encontrei está esburacado
dele apenas vejo uma fração de minuto
como se o resto fosse dissolvido no ácido do tempo
ou ainda deve estar por aí rasgado em pedaços
misturado a estilhas dos dias que me foram sepultados
no cemitério das ausências e dos esquecimentos

No dia da minha autópsia
encontrarão no interior de mim
todos meus carcomidos calendários

OLHANDO PARA TRÁS

Olho para trás e vejo mortos e feridos de batalhas que a vida inventou, apenas porque estávamos vivos. No presente em que me vejo olhando para trás, eles não podem retornar às carnes abandonadas, mas sobrevivem nas partes mais íntimas da minha alma. Todos os que dobraram às esquinas opostas as que virei, sumiram da paisagem desta minha alongada estrada.

Olho para trás e vejo terrenos baldios em que jogávamos bola, esperando a infância terminar. À época não sabia que o findar seria tão rápido, pois tudo que antes me cercava parecia banhado de eternidade. A substância inocente de que são feitas as crianças é frágil, passageira e volátil.

Olho para trás e vejo que aqueles terrenos, em que deixei minhas pequenas pegadas enterradas, estão hoje ocupados por elevados prédios, repletos de apartamentos de 60 metros quadrados, onde se assistem novelas, telejornais e seriados. Em suas varandas, varais de roupas estão penduradas, como se fossem bandeirinhas de São João, a tremular no vento que restou do verão passado.

Olho para trás e vejo casas que não existem mais, e fantasmas despejados vagueiam atônitos pelas ruas da cidade, feito mendigos desempregados. Tanto as pedras, os tijolos e os telhados se vão, mas ficam os fantasmas esfomeados, que não assombram os novos quartos das crianças recém-chegadas.

Olho para trás e vejo a loja Sloper e minha mãe comprando estojos de maquiagem, para posar bonita às fotos em que seu rosto ficou guardado, que nem tatuagem gravada na pele envidraçada dos porta-retratos.

Olho para trás e vejo meu Joaquim perplexo olhando no espelho seu corpo crescendo, enquanto a Terra gira ao redor do Sol, comemorando aniversários.

Olho para trás e vejo o que ficou para trás...

PARA SE LER OUVINDO RAVEL

Os patrões jogam seus lixos na lixeira
o porteiro recolhe o monturo das casas
os garis apanham os resíduos dos prédios
que descarregam no subúrbio das cidades
enquanto os catadores retiram dos lixões
os materiais que irão ser reciclados
para embalar os vasilhames que são vendidos
nos balcões das mercearias e dos supermercados

PORTA-RETRATO

Não escrevi meu nome em teu sonho
por não saber a grafia das nuvens
nem murmurei palavras de amor em teu ouvido
pois sonhos não são feitos de sons
mas de lembranças, imagens e afetos
Por isso
coloquei-me em retrato
a desfatigar na mesa da cabeceira ao teu lado
para quando acordares poder-te me ver
olhando você dormindo e sonhando
enquanto me transformo em versos
para quando não estiver mais aqui
tu seres capaz ainda de me recordar

A MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI

Vou aos escombros da memória
resgatar a máquina de escrever Olivetti
e bater com a força dos dedos
tec tec tec tac tac tac
igual como fazia meu pai

A distância entre o ontem e o hoje
é dobrar a esquina do tempo
ficar manchado de tinta
e do outro lado do papel carbono
imprimir lembranças e me decalcar

Será que minha filha se lembra
de mim datilografando no quarto ao lado
e ela na sala brincando e ouvindo
versos com sons do século passado?

QUER CASAR COMIGO?

Em teus olhos marítimos
aguardam-me sereias
Em tuas mãos aveludadas de pêssegos
armadilhas de sonhos me esperam
Em teus cabelos libertos ao vento
incontáveis Medusas me espreitam
Em teus lábios introvertidos
funduras infindas me devoram
Em teus braços alongados à frente
diminutos fios de seda urdem me entrelaçar
Deixo-me seduzir por inteiro
neste domingo que se desliza
por teu corpo banhado de suor doce
enquanto o mundo lá fora se dissolve
no quente sol de meio-dia
e eu, aqui, refrescando-me
no orvalho da tua sombra ao meu lado
Acaso já não fosse em ti esposado
pediria para fugirmos juntos
e desaparecer como um final de tarde
por detrás dos montes em que habita
um imenso céu de horizontes prolongados
Se amanhã não formos mais casados
colocar-te-ei em teu dedo uma estrela furtada
e te pedirei novamente em noivado
Quer casar comigo
até mesmo sendo comigo casada?

A TACITURNA LINGUAGEM DOS SILÊNCIOS

O silêncio fala línguas
que só o silêncio conhece

No dicionário dos silêncios
não há vocábulos ou palavras
substantivos e adjetivos
pronomes pessoais, possessivos e oblíquos
conjunções consecutivas ou proporcionais
pois no universo das coisas caladas
não há consoantes ou vogais
nem mesmo existem regras gramaticais

No dicionário dos silêncios
todos os verbos são mudos
sujeitos são indeterminados ou ocultos
e as concordâncias nominais
são discordantes e dissonantes
com tudo aquilo que soa verbal

Seu léxico é feito de vãos e vácuos
por onde percorrem ventos
no levantar das envelhecidas poeiras
no bailar desengalhado das folhas
no empurrar aventureiro dos veleiros
na rebeldia assanhada dos cabelos
no apagar das chamas das velas
e no assoprar ardoroso das fogueiras

No exilar dos barulhos
das toadas e dos sonidos
o silêncio denuncia e festeja
o que ao redor e em mim respira

O silêncio é Deus falando
com o mutismo retraído dos quietos

MEU QUERIDO DIÁRIO

07 de janeiro

Encontrei-me comigo no espelho
Estava um dia mais velho
Não me lembro que dia foi esse
em que ultrapassei o rosto
que havia deixado no retrato
que tirei no final do ano passado

22 de fevereiro

Amanhã começa o carnaval
e eu vou para o lado contrário
levando na bagagem
duas máscaras
e meia dúzia de fantasias de palhaço

02 de março

Um poema começou a cair
sobre o chão do dia
como uma fina chuva de verão
Apanhei um punhado de versos
e com eles um repentino resfriado

15 de abril

Que penso eu
neste instante
em que não penso nada?
Mas como posso estar
pensando alguma coisa
se agora estou pensando
que estou pensando em nada?

29 de maio

Cheguei atrasado no ontem que já tinha ido embora
Agora tenho um dia a menos na história
como se um parágrafo fosse arrancado da minha biografia
Será que foi o dia em que morri
ou será que nele fui então feliz?
Será que era ali que estava a princesa encantada
das fábulas e dos contos infantis?

14 de junho

Irei para depois do amanhã
do amanhã que tenho hoje
realizar os desejos de ontem
que vieram dos sonhos que tive no passado
E quando este presente me for pretérito
vou voltar para o futuro que não devia ter deixado
e me lembrar para não chegar de novo atrasado

03 de julho

Hoje fiz um poema que vai me levar
para o outro lado da muralha da China
e ir aonde os ventos não chegam
escalar as montanhas nevadas
percorrendo a pé todo o Tibete
até chegar à Terra do Nunca
e de lá nunca mais voltar
Com este poema vou atravessar
o espelho que Alice não atravessou
seguir os tijolos amarelos da estrada
navegar por sobre Atlântidas naufragadas
me banhar nas águas claras da Macedônia
e viver as aventuras de Simbad
que nas noites estreladas minha avó contava

25 de agosto

Tenho em mim saudades dos beijos não beijados
a maciez aveludada dos seios não tocados

e as juras de amor na garganta entaladas
Tenho em mim nostalgia do que não aconteceu
tristeza das coisas não perdidas
e o pesar dos lutos daquilo que nunca se deu

11 de setembro
É perto da meia-noite
e eu não lavei os pratos
não tomei banho
não vesti o pijama
e o ar-condicionado
continua desligado
É perto da meia-noite
ainda estou acordado
a sirene de uma ambulância passa
a vizinha da frente já apagou a luz do quarto
um rojão estoura longe
o Flamengo deve ter ganho o campeonato
É perto da meia-noite
e os sonhos me esperam no final da madrugada

09 de outubro
Eu vejo o tempo.
O tempo inteiro olho o tempo
quando me dou tempo para enxergar o tempo
O tempo não está no interior dos relógios
nem nos fundos das agendas e dos calendários
O tempo está no íntimo dos ventos
e na superfície impermanente das coisas duráveis.
Tudo que parece morredouro é transitório e mutável
Não é porque há coisas mais longevas do que nós
que elas sejam por isso intermináveis
Acaso vivêssemos bilhões de anos
poderíamos testemunhar o nascer e o expandir do Universo
Acaso continuássemos vivendo um tanto mais de bilhões de anos
poderíamos ser capazes até de ver o minguar do mesmo Universo

Talvez

Quem sabe?

Eu vejo o tempo

Ele está na ferrugem dos pregos

e na parede úmida e mofada da sala

14 de novembro

Hoje é o dia em que festejo mais uma órbita da Terra

Minhas ilusões estão mais amadurecidas

Meus sonhos envelheceram

Alguns desejos caducaram

As roupas amanheceram puídas

Minha memória tem visitado mais cemitérios

Não encontro meus sapatos cavalo de aço

E minha esposa continua brigando comigo

sentada há décadas ao meu lado

01 de dezembro

Estou a um mês do final do ano

Vou aproveitar o décimo-terceiro e cortar o cabelo

aparar as sobrancelhas e fazer a barba

comprar uma camisa vermelho-bordô

hidratar a face e passar corretivo nas olheiras

e me preparar para tirar o próximo retrato

O BOM POETA

O bom poeta
pensa com o hemisfério direito
escreve com a mão esquerda
e anda no outro lado da calçada
no sentido da contramão

O bom poeta
não faz poesia para ser conhecido
elogiado incensado ou coisa parecida
pois o bom poeta é aquele
que pinta a vida com versos
e mesmo que não seja lido
o seu dever então foi cumprido

O bom poeta
é quem enxerga além das nuvens
e diz o que ainda não foi dito

O bom poeta
não necessita publicar livros
mas lembrar que o hoje
no ontem já foi futuro

O bom poeta
escurece o mundo
para iluminar o invisível

TE AMO

Te amo com a fúria dos vikings
e com a ternura sábia dos atenienses

Te amo como nos versos de Neruda
ou feito os filmes em preto e branco de antigamente

Te amo visto que me invento
e ao me inventar te amo sinceramente

Te amo porque me ensinastes
que te amar não se faz assim tão de repente

Te amo por não poder te amar diferente
e mesmo que pudesse te amaria igualmente

Te amo uma vez que te amo
e se não te amasse seria um insensato ou um demente

Te amo já que não sei fazer outra coisa
e se soubesse te amaria consequentemente

Te amo porque estou vivo
e enquanto vivo vou te amar infinitamente

VOU VOLTAR PRA CASA

Vou voltar para casa
achar a mesa farta
o quarto arrumado
a cama forrada
o pijama engomado
e o abajur quebrado
que nunca prestava

Vou voltar para casa
encontrar os gibis usados
dos meus Tio Patinhas
Batman, Homem Aranha
Bolinha e Luluzinha
e navegar pelo universo mágico
por entre planetas, desnordeado
como se fosse um Surfista Prateado

Vou voltar para casa
ao meu ioiô de madeira
ao carrinho de bombeiro com sirene ligada
brincar de Forte Apache
e com minha espada amarela de plástico
espantar dragões, ogros e fantasmas

Vou voltar para casa
que tem o tamanho maior que um castelo
com jardim de papoulas vermelhas
e portas e janelas esverdeadas
pintadas como os olhos de minha mãe

Vou voltar para casa
minha Shangri-lá

meu Horizonte Perdido
pois lá é minha Pasárgada
que diferente da tua, Manuel
um dia ali me tornarei rei

Vou voltar para casa
basta ir seguindo a música
que vem do outro lado
entranhada no fundo mais fundo
do meu hemisfério esquerdo

Oh mamy, oh mamy, mamy blue,
oh mamy blue
Oh mamy, oh mamy, mamy blue,
oh mamy blue
Oh mamy, oh mamy, mamy blue,
oh mamy blue
Oh mamy, mamy*

(*) Mamy Blue, canção de Ricky Shayne, que fez muito sucesso no início dos anos 1970

POEMA SEM FIM

Quantos anos tem esse poema
que nem mesmo às mãos revelo?

Venho com ele desde antes do ventre materno
quando toda poesia era fluida e molhada
pelas águas amnióticas dos oceanos passados

Talvez o tenha herdado do meu pai
e ele do ativismo dos seus antigos ancestrais
que como um longínquo rascunho incompleto
vem se escrevendo em caligrafias invisíveis
sobre a superfície esponjosa de um papiro
que nem o ácido sulfúrico do tempo corrói

Na transgeracionalidade dos seus versos
acumulam-se íntimos segredos medievais
encobertos pela fina poeira das lembranças
armazenadas no interior epigenético dos DNAs

Se hoje reajo ao mundo com o espanto
dos deslumbrados olhares infantis que trago
é porque nasci com a predisposição ao fato
de continuar aquilo a que fui pelo ontem destinado

E ao amanhã mais amanhã em que não existirei
vislumbro meu neto brincando com brinquedos de plástico
como se fizesse um longo poema dilatado
que há muitos anos ainda não foi terminado

O DESTINO DOS LIVROS

Que destino terão meus livros
quando minhas mãos não mais os manusearem?

Quem decodificará minha alma formada
no interior folhoso das brochuras
e dos calhamaços empilhados nas estantes
ou por cima das escrivaninhas
tábulas, mesas e bancadas da casa

Livros são feitos de mudezes que falam
no instante em que a quietude das letras caladas
é exposta aos olhos bisbilhoteiros
que esfomeados de espantos
buscam no esfolhear desnudante
os segredos embutidos na vida
que habitam a imensidão cósmica
dos deuses, de Delfos e do Universo

Para onde irão meus diversos Fernandos Pessoa
e por quais mares nunca dantes navegados
irão singrar Moby Dick, Camões e a Odisseia
edição capa dura de 1974?

Quem herdará meus livros fechados
por onde percorri milênios de histórias
lutei em Cartago
cavalguei com Quixote
atravessei buracos seguindo coelhos
segui o mapa e achei o tesouro
passei férias no Sítio do Picapau Amarelo
conheci o retrato de Dorian Grey
descobri o Horizonte Perdido

e como Bandeira fui também amigo de rei

E esse tanto de letras?

E essa abundância de palavras?

E essa enxurrada de ideias?

E esses véus rasgados?

E esses sonhos acordados?

E essa vida vista do outro lado?

E as incontáveis noites em claro

que passava lendo durante a madrugada

como se vivesse em uma Babilônia encantada?

(Quem ficará com minha face

logo após abrirem o meu inventário?)

Um dia me tornarei cinzas

como pó que o tempo acrescenta

às legendas escritas nas lombadas

PENSAMENTOS NOSSOS DE CADA DIA

A tarde atravessa a rua
e ninguém a percebe
distraídos que estamos
nos pensamentos pequenos
nossos de cada dia

Há quem espere a noite
para sair do batente cansado
tomar um chopp gelado
em um bar qualquer
da esquina próxima ao lado

Nas paradas de ônibus lotadas
multidões de desejos frustrados
não veem a hora de chegar em casa
molhar pão dormido em sopa quente
e se deitar entre lençóis da cama
que é o lugar onde ficam os sonhos

No outro dia em que se repete o dia
se trabalha se come e se corre
enquanto a tarde atravessa a rua
levando com ela moléculas da vida
que descuidadamente deixamos
nas quinas nas esquinas e nos cantos
preocupados como sempre estamos
com os pensamentos pequenos
o meu o teu e os nossos de cada dia

O SAL DAS ÁGUAS

Vou me banhar de sal
nas águas que o mar nos dá
Vou me aliviar dos pecados
hidratar a pele cansada
esquecer a âncora da idade
e cicatrizar o que o passado não fez
boiando sobre cloretos de sódio
feito uma nuvem flutuando no ar
Ocultei meus tesouros da infância
enterrando-os sob areias regadas de mar
só não encontro mais a praia onde os deixei
embora o endereço continue sendo lá
O que seria de mim se não fosse o mar?
Passar as tardes olhando o céu mergulhando
no oceânico fundo do meu horizonte
imaginando uma criança africana
sonhando comigo para juntos brincar
Da janela donde vejo o tempo passar
ele constantemente vem e se vai
se encaracolando em minha alma
assim como fazem as ondas do mar
Vou me banhar de sal
nas lágrimas que o mar me dá

AOS PÉS DA MESA POSTA

Aos pés da mesa posta
a infância se esvai líquida
por entre as frestas dos assoalhos de taco

Soubessem os adultos sentados
que o escorrer das horas se derretia
por entre brechas de pedaços de ipês
jatobás, amêndolas, carvalhos e perobas
os almoços de domingo seriam mais demorados
e o papear descompromissado se prolongaria
até ao começar das noites que se sucedem
ao final das tardes que não voltam mais

E quando tudo se for embora
no evaporar do sólido à memória
ainda hei de lá estar
brincando por debaixo dos móveis
que fizeram o teto sob o qual
se agasalham pequenos segredos
da parte mais importante da minha história

Sobre o céu das meninices rasteiras
adultos se banqueteiam distraídos
enquanto as infâncias embaixo se dissolvem

CANTILENAS DE UM VELHO POETA

Sou poeta das horas inteiras
dos momentos adversos
da mudez das paredes alvas
do segredar confidente dos ventos
dos intervalos alongados dos minutos
e do pasmar inesperado dos acasos

Sou poeta dos interiores ocultos da alma
dos escaninhos das memórias não lembradas
onde se escondem o seio da minha mãe
o ciúme de quando descobri que ela era casada
meu primeiro dente de leite arrancado
e a vela que não apaguei
em meu mais primitivo aniversário

Sou poeta das noites claras
dos travesseiros acordados
em que sonhos ficam enfronhados
das companheiras sombras matinais
das madrugadas embriagadas
e das loucuras mais desvairadas

Sou poeta dos beatos não santificados
dos pecados secundários
do inconfessável dos confessionários
das conversas fiadas e dos tiques bizarros
dos deuses mortos que ficaram para trás
em Atlântidas submersas e afogadas
ou em bibliotecas incendiadas
embaixo do horizonte avermelhado da Babilônia
que há milênios já não existe mais

Sou poeta dos antepassados
dos paralelepípedos manchados de histórias
das viúvas e dos órfãos deixados
dos desejos espirrados nos lençóis
do transpirar dos segundos fatigados
do calmo envelhecer dos retratos
dos sopros que vêm do passado
e do azulado bailar dos fogos fátuos

Sou poeta dos arco-íris das jujubas
do escorregar dos dias nos parques
dos rastros no céu onde as nuvens passam
do inquieto andar das formigas nas calçadas
do enrugado olhar das janelas
das folhas secas em cima dos telhados
da solidão dos prédios abandonados
e do desmaiar das tardes alaranjadas

Sou poeta
porque sou brotado do ventre dos livros
e com o destino nas estrelas traçado
para ver a vida como se estivesse no telhado
lá por cima aqui por baixo e por todos os lados
e se não tivesse nascido poeta
então com certeza seria alado

A MAIS ESCURA DAS NOITES

Certo dia
sem aviso prévio
ou que a ciência soubesse o motivo
a noite amanheceu sem estrelas
e até a lua havia sumido
O escuro desabou sobre a cidade
como um cobertor negro desalumiado
e até os cães e os galos ficaram assustados
No céu não havia mais nada
exceto o silêncio que estava calado
em uma mudez tão triste e isolada
como se deus tivesse nos deixado
E todos pensávamos
o que seria agora dos poetas e das serenatas
se o firmamento não mais os inspirava?
Alguns apavorados gritavam
com medo do fim dos tempos que se aproximava
Uns oravam, outros de penitenciavam
muitos prometiam jamais de novo pecar
E todos ficamos despertados
na noite anoitecida em que nada brilhava
Mas aí o sol nasceu
e a Humanidade cansada da noite em claro
pode então adormecer
voltando a sonhar com a lua iluminando
o céu das noites estreladas
como se fosse um cintilante olhar de Deus

O CÉU ESTRELADO DE ALFA CENTAURO

Ah! se eu tivesse seguido em frente
e nenhum vento me levasse pra outro lado
ou se houvesse me antecipado
e não caísse distraído naquele buraco

Ah! se os dias mais noturnos do meu passado
acontecessem de amanhecer iluminados
e nada do que ocorreu se sucedesse
e tudo não passasse de um sonho provocado
por algum alimento que comi estragado

Ah! se eu pulasse alguns dias
rasgasse o mês de agosto do calendário
os finais de semana seriam nas terças e quartas
e não saberia mais quando é meu próximo aniversário

Ah, se a Terra não girasse
apenas vagasse em linha reta pelo espaço
como se fosse um cometa desvairado
talvez neste instante estivesse
contemplando o céu estrelado de Alfa Centauro

NO INTERIOR DO MEU COMPUTADOR

Quando esta hora se for
e a tarde em que ela cabia
já não mais existir
quero estar sentado
escrevendo coisas em meu computador

Quando esta hora se for
e com ela o dia em que aqui estou
quero estar no dia posterior
relendo os versos que ontem digitei
na memória eletrônica do meu computador

Quando esta hora se for
e nem mais a semana em que nela vivi
houver de em outra semana se repetir
quero estar nos calendários seguintes
a me confessar ao meu computador

Quando esta hora se for
e os meses e os aniversários terminarem
quero ir para o cemitério dos relógios
visitar o tempo que me deixou
e continuar a infinitude que se encontra
na alma que habita o íntimo do meu computador

POR POUCO, QUASE POUCO

Por nunca ter lutado em uma guerra
estou aqui

Por não ter sido abortado
estou aqui

Por meus avós não terem viajado no Titanic
estou aqui

Por ter sobrevivido à adolescência
estou aqui

Por nunca haver voado em um Zepelim
Estou aqui

Por não ter entrado naquele carro
estou aqui

Por não ser astronauta nem andar em submarino
estou aqui

Por não morar em Chernobyl
estou aqui

Por não ter surfado na Indonésia em 2004
estou aqui

Por ter escapado de bala perdida
estou aqui

Por morar do outro lado
Estou aqui

Por ter me casado com quem casei
estou aqui

Por o bug do milênio não ter se concretizado
estou aqui

Por o anticristo não haver ainda chegado
estou aqui

Por ser fraco dos ouvidos e as sereias não ter escutado
estou aqui

Por ter sido uma criança bem-comportada
um jovem revoltado e um adulto inconformado
estou aqui

Por não seguir a manada na estrada errada
estou aqui

Quando morrer
minha morte será tão velha quanto eu

UMA CARTA MATURADA DE TEMPO

Estou a te escrever esta carta
como se estivesse em meados do século passado

Uso papel em branco timbrado
desenhado com letras azuis pintadas
com a caneta tinteiro que um dia foi do meu pai

Desculpe-me a caligrafia ligeira e truncada
pois a redijo com o afobado agitado da alma

Quero mais uma vez te dizer que te amo
um amor assim tão veterano calmo e sereno
sazonado pelas formalinas de que é feita o tempo

De todas as cartas que jamais escrevi
esta é a bem inusual e a mais diferente
já que nela inscrevo os afetos que hoje tenho
com a juventude que dela não me segrego ou desprendo

Vou selá-la com o lambear embriagado da língua
feito estivesse a te beijar a boca por dentro
como assim foi que fizemos quando te pedi em casamento

Cartas de amor não seriam cartas de amor
se não houvessem nelas o respingar pigmentado
amadurado e prolongado do momento

ESTOU VOLTANDO PARA TRÁS

Cheguei atrasado ao meu enterro
e por isso não me encontrei comigo lá

Talvez tenha ficado parado no trânsito
ou tenho pegado uma semana errado
e fui para o lado contrário do calendário

Será que a partir de então
em vez de caminhar para frente
venho caminhando de volta para trás?

Não sei mais nem onde estou
porém sei que não moro nos relógios
e que todos os dias são dias de aniversários

Vivo próximo do meu passado
quando o futuro me era distante
e acordava na esperança que fosse feriado

Noberto Bobbio já dizia
que o tempo da velhice é o tempo da memória
e que talvez por isso chegue sempre atrasado
e nem no meu enterro me encontro lá

NO CÉU DA MINHA MÃE

Quando eu morrer
vou pro céu da minha mãe
onde os anjos brincam
como se fossem crianças
voando em asas imaginadas

No céu da minha mãe
as noites são sempre claras
iluminadas de azuis azulados
que têm o tamanho alongado
e interminável da eternidade

No céu da minha mãe
não existem paredes nem portas
tudo é tão aberto e destampado
que não há segredos ou mistérios
sequer luxúria ou qualquer mínimo pecado

No céu da minha mãe
todos os dias parecem ser dias de maio
e de vez em quando você se esbarra
com Santo Antônio segurando o Menino Jesus
que lhe consola no colo dos seus braços

No céu da minha mãe
não há feriado de finados
velórios, cemitérios ou funerárias
e na mesa de jantar da casa
todos estão vivos
assim como estavam no Natal
em que eu era criança
e Papai Noel só nos visitava

enquanto estávamos dormindo
durante o meio da madrugada

Quando eu morrer
vou pro céu da minha mãe
onde não existe relógios
e o tempo lá nunca passa ou acaba

AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA

Quero de volta
as papoulas vermelhas do jardim da minha casa

Quero de volta
os supositórios que minha mãe aplicava
a canja de galinha com ovos cozidos picados
o cheiro de Vick Vaporub nas madrugadas
e o sabor meloso do xarope de Melagrião que tomava

Quero de volta
as brincadeiras criadas
com pneus velhos e latinhas usadas
os joelhos ralados das peladas
que curava na ardência dos Merthiolates
e os jogos de tabuleiro que não encontro mais

Quero de volta
o tic tac dos relógios de corda
o nascer do sol que nunca contemplava
o cheiro das pipocas douradas
amanteigadas e salgadas
que os pipoqueiros vendiam
frente aos cinemas na porta da entrada

Quero de volta
o bicho-papão
a comadre fulorzinha
o saci-pererê e a mula sem cabeça
que tanto me assustavam
e o boi da cara preta que minha babá
pra me fazer dormir sempre cantava

Quero de volta
aqueles tempos em que o tempo não passava
a meninice que nunca ali terminava
em meio as papoulas vermelhas
do jardim da minha casa
que hoje habita e respira
embaixo do asfalto da rua alargada
em que minha infância ficou enterrada

QUANDO TUDO ACABAR

Quando tudo acabar
e nada mais restar senão
a imensidão escura em que vou mergulhar
lavar-me-ei das lembranças que trago
como nódoas tingidas de memória

No desaparecer do corpo que me carrega
pelo devorar das bactérias e dos calendários
ou no pulverizar incinerado dos ossos
que algum vento norte haverá de dissipar
irei me perder no desassomar repentino de mim
e nenhum sol haverá mais de me fazer acordar

Que destino terão meus sonhos
depois que deixarei de neles sonhar?
Quem ficará com meus falecidos e mortos
com os quais compartilhei as madrugadas em claro
no silêncio antecipado que vinha do mundo lá fora
apenas cortado pelo grito passante das sirenes
e dos roncoss hidráulicos dos caminhões de lixo?

Quando tudo então acabar
deixarei o incerto e o provisório
irei para o outro lado em que não existe lado
e vou sumir nas brumas definitivas do esquecimento

SE TIVESTES NASCIDO... EU SERIA...

Se tivestes nascido flor
eu seria uma abelha
a roubar o mel do teu sabor

Se tivestes nascido praia
eu seria o mar
a molhar salgado as areias das beiradas

Se tivestes nascido do outro lado
eu seria uma ponte
a interligar o assoalho dos nossos lábios

Se tivestes nascido sonho
eu seria teu sono
a envolver o interior de tuas intimidades

Se tivestes nascido ontem
eu seria o hoje
a te guardar no aconchegar da minha memória

Se tivestes nascido ao contrário
eu seria o espelho
para ser o inverso oposto da tua imagem

Se tivestes nascido cidade
eu seria a periferia
a delimitar o centro e o conjunto dos bairros

Se tivestes nascido calendário
eu seria o agrupar dos dias e das datas
apenas para viver contigo todos os aniversários

Se não tivestes nascido
eu seria uma coisa sem fim
e juntos seríamos inteiros uma eternidade

UM HOMEM ALAGADO

Tomo café sem açúcar
de doce já me basta o sangue
em seus resultados de exame
Tomo café para acordar do sono
antes que o sono de vez me leve
para o lugar em que dormem os dormidos
que não conseguem mais despertar
Posso me levantar da cama
mas difícil é deixar os sonhos
se evaporando nos travesseiros suados
onde gotejei meus desejos oníricos
na mais recente noite abandonada
Tomo café sem açúcar e sem pão
para ficar de dia sempre acordado
na espera das chuvas e dos chuviscos
a fim de ficar agora todo encharcado
no banhar meigo dos meus sonhos molhados
Meus sonhos são fluentes e fluídos
e por dentro sou úmido e aquático
Devia era ter nascido peixe

QUANDO MINHA ALMA JÁ NÃO ESTIVER MAIS LÁ

Quem enxergará teu rosto matinal
ao tempo em que meus olhos cegarem
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem enxugará tuas lágrimas
das noites tristes em claro
junto na cama ao teu lado
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem percorrerá pelas paisagens da tua pele
nas rotas e desvios por minhas mãos mapeadas
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem te roubará as tardes de maio
em que enfeitas teus cabelos dourados
salpicados e listados de sol
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem acompanhará os minutos a te abraçar
conservando a menina que só conheci em retratos
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem sussurrará às cavidades dos teus ouvidos
aquelas tantas palavras criadas pra expressar
o que em nenhum verso ou poesia consegui colocar
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem te sorverá o aroma das flores exaladas
que perfuma meus sonhos despertos
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem te conhecerá as lembranças

rastros das minhas tantas cumplicidades
que rodearam o amanhecer das tuas tardes
quando minha alma já não estiver mais lá?

O que será de ti em mim
quando minha alma comigo já não estiver
mais nem aqui, nem ali ou muito menos lá?

NA PERIFERIA DO UNIVERSO

No subúrbio do Universo onde moro
sou litorâneo e por isso aprendi amar
os arrecifes, as sereias e o mar
Cresci entre siris, tatuís e peixinhos
brincando com Netunos e Iemanjás
pegando jacarés com as ondas
até meu peito na areia roçar
Fui feito de sol, sargaço e sal
e meus pés viviam manchados de piches
que depois dava um trabalho danado limpar
para no outro dia voltar mais uma vez a sujar
Desde cedo comecei boiar e nadar
e isso foi ao menino muito bom
pois ensinou ao adulto a flutuar e rebolar
Meus cabelos viviam assanhados pelo vento
que vinha da África que ficava no outro lado
do horizonte em que eu olhava as jangadas
deslizando rumo ao fundo lá do alto-mar
De tatus, cabras e roças eu não sei nada
e de tudo que plantei na vida
foi só aquele caroço de feijão no algodão
que deixei em cima da varanda crescer como eu
bronzado de muito sol e molhado de tanto sal
Se eu tivesse nascido português feito meu avô
ia pegar uma caravela e atravessar o Atlântico
e aqui em Pernambuco logo aportar
onde meu pai que era intelectual mulato
me ensinou a ler Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco
Solidônio Leite, João Cabral de Melo Neto
Ascenso Ferreira, Josué de Castro, Manuel Bandeira
e Carlos Pena Filho de quem foi amigo
e, como ele, poeta, escritor, jornalista e companheiro

No subúrbio do universo onde moro
sou praieiro e por isso aprendi amar
andar descalço e sem meia
comer patola de caranguejo
cerveja gelada e ser festeiro
no luau das noites de lua cheia

"Eu sou mameluco,
sou de Casa Forte
sou de Pernambuco,
eu sou o Leão do Norte"
(Lenine)

TEU PRÍNCIPE ENCANTADO

Não me queira
sentado em um banco de praça
dando comida aos pombos
em um final repetido de tarde

Não me queira
frequentando ateliês de alfaiates
pois não nasci para ser medido
e nenhum terno ou blêizer me cabe

Não me queira
olhando meu futuro destino
em coloridas cartas de tarô
ou jogando pequenas conchas de praia

Não me queira
remexendo velhas caixas de sapato
em busca de antigos e caducos retratos
em que o ontem ficou neles aprisionado

Não me queira
abstêmio sóbrio e moderado
pois venho do último século terminado
e ainda bebo cervejas e fumo cigarros

Não me queira
cochilando deitado em redes
porque não nasci pra ser marinheiro
e enjojo até com o balanço do mar

Não me queira
com medo de ser mal falado

de cara feia ou de ser praguejado
visto que tenho o corpo fechado

Não me queira
ter o guarda-roupa bem arrumado
logo eu que os livros que leio
deixo por toda a casa espalhados

Não me queira
que seja teu príncipe encantado
afinal nem sei andar à cavalo
e calçar botas sempre me deram calos

AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA

Quero de volta
as papoulas vermelhas do jardim da minha casa

Quero de volta
os supositórios que minha mãe aplicava
a canja de galinha com ovos cozidos picados
o cheiro de Vick Vaporub nas madrugadas
e o sabor meloso do xarope de Melagrião que tomava

Quero de volta
as brincadeiras criadas
com pneus velhos e latinhas usadas
os joelhos ralados das peladas
que curava na ardência dos Merthiolates
e os jogos de tabuleiro que não encontro mais

Quero de volta
o tic tac dos relógios de corda
o nascer do sol que nunca contemplava
o cheiro das pipocas douradas
amanteigadas e salgadas
que os pipoqueiros vendiam
frente aos cinemas na porta da entrada

Quero de volta
o bicho-papão
a comadre fulorzinha
o saci-pererê e a mula sem cabeça
que tanto me assustavam
e o boi da cara preta que minha babá
pra me fazer dormir sempre cantava

Quero de volta
aqueles tempos em que o tempo não passava
a meninice que nunca ali terminava
em meio as papoulas vermelhas
do jardim da minha casa
que hoje habita e respira
embaixo do asfalto da rua alargada
em que minha infância ficou enterrada

A IMORTALIDADE REPENTINA DOS MINUTOS

Cadê o minuto que aqui estava
que a pouco me absorvia
e eu inteiro nele existia?

Para onde vão os minutos
essas minguadas partículas das horas
quando se soltam dos relógios
deixando-me sozinho com suas ausências
no exato instante em que aqui respiro?

O que leva dos meus pretéritos presentes
os fugidios minutos de mim furtados
pelas garras incorpóreas do tempo?

Para onde se foram o cheiro do café coado
o toar estridulante dos grilos
e o resfriado sereno das madrugadas?

Nos minutos vindouros ainda lembrarei
da mudez distante das estrelas
do assoviar da vizinha ao lado
e do ocaso do Sol de soslaio flagrando?

Dos milhões dos minutos passados
quantos até lá me restarão no interior das retinas
no caducar exaustado das miopias?

Na fogueira incandescente do presente
os minutos que me antes eram brasas
tornam-se farelos espalhados de cinzas
no amontoar sobranete das memórias

Queria

nem que fosse por um átomo

segurar este meu agora minuto

para sempre nele poder me fincar

A ETERNIDADE

Na eternidade todos os dias são domingos
e as manhãs são escuras como se fossem
uma imensa noite inesgotável e prolongada

Na eternidade todos os gatos são pardos
os arco-íris são descoloridos e daltônicos
e os ruídos têm a mudez silente dos inaudíveis

Na eternidade o tempo é o tempo que não passa
os relógios são órfãos de ponteiros e números
e calendários são impressos em branco e sem datas

Na eternidade não há cinemas, praças ou praias
se existisse shoppings estariam sempre fechados
e não há restaurantes para se comemorar aniversários

Na eternidade tudo se encontra inerte e parado
nada anda nem pra frente pra trás ou de lado
nem sei para que serve aquele semáforo quebrado

Na eternidade ninguém se olha nos espelhos
os cemitérios estão habitualmente lotados
e não é lugar para quem medo de fantasmas

Na eternidade a porta de saída é a mesma da entrada
não há paredes nos corredores enormes e dilatados
e ao final quando se chega se encontra o nada

A eternidade deve ser uma coisa maçante
monótona aborrecida e muito muito chata

UMA PONTE QUE O RIO AINDA NÃO LEVOU

No ontem em que já não estou
me ideava com um amanhã em que não sou

Algo se perdeu entre o antes e o depois
Em que hoje ficou minha outra face
que é aquela que a nenhum espelho revelo
e nem mesmos os velhos retratos sabem dela?

Quem fui se mistura nos nevoeiros da memória
com sonhos que a parede da vida não acordou

Sou uma ponte feita de dias findos e jamais
a me interligar as margens de um rio
em cujas águas alguma coisa de mim se afogou

Ao oceano que no fim me espera
sou aquele qual sou
e aquele outro quem não sou

COM ASAS DE BORBOLETA

Quando o corpo me for embora
e minhas mãos não tocarem
o mundo de que é feito as coisas

Quando o céu deixar de ser azul
e não poderes caminhar por sobre
o aveludado das nuvens dos meus sonhos

Quando não mais soar a hora do Ângelus
nem em meus tímpanos moucos escutar
o despertar dos relógios no terminar das noites

Quando já não sentir fome de pão
ou a necessidade de a água ressecar-me a boca
deste rosto que nenhum espelho novamente olhará

Quando meus caducados pulmões trocarem
a clorofila do ar exalado das plantas e das árvores
pela pureza translúcida do éter dos deuses

Quando me retirar do perigo de viver
e a morte não assombrar as horas futuras
ou o dobrar incerto e arriscado das esquinas

Quando tudo for apenas ausência
e nada mais importar que a saudade esquecida
em minha esvaziada memória de lembranças

É porque chegou o instante derradeiro
em que me apartarei do solo da terra
e com o borboletear adejante das minhas asas
irei refrescar o calor ensolarado dos dias

no perfumar delicado das novas primaveras

ERA UMA VEZ UMA CASA AZULADA

Na sincronia confusa e diacrônica das lembranças
a casa do ontem era azulada como é o céu da infância

Se o azul já não fosse um som ou uma palavra
haveria de ser por mim uma cor inventada

De que adianta uma casa colorida de azul
se no interior fundo e incolor da memória
o azul fosse coisa nenhuma ou não me dissesse nada?

Todos necessitamos significar com palavras
os intervalos em branco e eventuais das nossas histórias
pois são nelas que as pessoas que somos
ficam em cada um de nós em si arquivadas

Por isso não é preciso saber
qual parte do arco-íris tingia aquela morada
porque lá onde nela ficou meu distante presente menino
fosse branca verde amarela ou até mesmo laranjada
será para sempre em meu íntimo uma linda casa azulada

QUE É QUE É ISSO?

Que é que é isso
que me ensopa a camisa
que me inquieta os dedos
que me arrepia a pele
que me dilata as pupilas
que me resseca a boca
e que me fustiga por dentro?

Que é que é isso
que me dá medo do escuro
que me eleva a temperatura
que me ruboriza as bochechas
que me palpita o peito
que me falta quando falta oxigênio
e que me cambalhota por dentro?

Que é que é isso
que me movimenta pra fora
que me alegra a boca
que me alimenta de dopamina
que me exausta a serotonina
que me dá dor de barriga
e que aos poucos me mata por dentro?

Que é que é isso
que me fatiga os músculos
que me aguça os ouvidos
que me enfraquece os ossos
que me fortalece a alma
que me cerra os punhos
e que me uiva alto por dentro?

Que é que é isso
que desde cedo carrego
que às vezes me parece doença
que sempre me levanta da cama
que deseja almoça janta comigo
que encubro com meias sapatos e vestimentas
e que comumente acostumamos apelidar de vida?

Que é que é isso
que ainda trago por dentro?

O QUE É QUE VOU FAZER

O que é que vou fazer
com esse dia espatifado
com essas horas quebradas
com esses minutos lacerados
e com esse amontoado de segundos
que ficaram trinchados no chão das datas
de um calendário que a vida de mim usurpou?

O que é que vou fazer
com aquelas noites em claro
com o silêncio do cômodo fechado
com a insônia dos sonhos não sonhados
e com todos os fantasmas fora dos armários
que flanados perambulam ao redor de mim deitado
sobre uma cama desferrada em que a vida me colocou?

O que é que vou fazer
com esses manuscritos acumulados
com esse tanto de versos abandonados
com a orfandade dos poemas não publicados
e com a dor que trago nos espaços vagos das costelas
que suspira vozes em forma de retratos feito de palavras
enquanto estou sozinho e a esposa assistindo televisão no quarto?

QUASE NADA

É pouco
muito pouco
tanto pouco
que chega a ser quase nada

Mas como Pessoa
não sou nem posso querer ser nada
apesar de não ter os sonhos todos do mundo
trago em mim meus sonhos não consumados

É pouco
muito pouco
tanto pouco
que chega a ser quase nada

Mas antes que chegue a hora combinada
em que minha alma imortal retornará
ao pó da areia em que não fui retirado
vou arrancar do quase o que puder usurpar
para plantar no sítio que me cabe na vida
o pomar cujas frutas que até lá irei sugar

É pouco
muito pouco
tanto pouco
que um por um triz
ainda não se tornou nada

NO ANONIMATO CÉU DAS RECORDAÇÕES EXILADAS

Acordei

e a noite não estava mais lá

Para onde vão as noites

e os sonhos que nelas gestei

se o pouco que deles trago

são lavados pelos banhos matinais?

No deserto dos sonhos evaporados

quase me lembro do rosto da minha mãe

ou do corredor desocupado de fantasmas

de uma casa há muito tempo derrubada

na qual ficou meu velocípede enferrujado

Estranho são os sonhos não evocados

pois ali morei em horas que os relógios não contam

vivendo aventuras jamais conhecidas ou imaginadas

salvando um sem-número de donzelas encasteladas

e voando rápido sobre os tetos que abrigam cidades

como se estivesse incessantemente atrasado

Se fui herói

ousado destemido e arrojado

se fui de mim mesmo vilão

ou guerreiro temível e inconquistável

ou se fui amante irresistível e insaciável

tudo isso virou um aquilo irrecuperável

dentro do interior oco da memória evocável

esse cemitério das ilusões findas

onde ficam sepultadas as noites passadas

no anonimato céu das recordações exiladas

DANS LE MIROIR

Quando chegar
a mais certa das horas incertas
vou ficar no lado de dentro do espelho
apenas para poder me ver indo embora

SAÍDAS E VINDAS

Parto
na certa incerteza
se ainda irei voltar

As ruas têm seus perigos
assim como a vida seus contratempos
e no indefinido dos minutos vindouros
atravesso semáforos amarelos
seguindo o amanhã em que sei
que não mais estarei a sair ou retornar

E no ir e no vir vacilante dos dias
vou construindo pegadas e versos
no chão das areias que o vento levou
no varrer indiferente das calçadas

Se partir me é sempre destino
voltar me é contínuo desejo
e quando repetidamente saio
parto na certa incerteza
se ainda irei outra vez voltar

CRÔNICA PARA UM RETRATO INACABADO

Anoiteço como quem amanhece ao contrário. Em meu inverso, habito tão próximo e perto de mim que me mal me reconheço por debaixo dos entulhos de lembranças acumuladas umas sobre as outras ao longo dos meus dias, apenas para enganar de afastamentos e distâncias. Contudo, nada é longe dentro de mim. Entre o agora e o antes são poucos meus milímetros, a tal ponto que chego até a acreditar que, acaso pudesse estender os braços, alcançar-me-ia logo que me mexesse. Por isso necessito olhar para a frente, pois atrás carrego antigos olhares que me olham, às vezes com tristonhos desencantos, em outras com raivosos desapontamentos.

Aqui estou no sumir da tarde preenchendo o vazio no observar do quarto. Tudo parece intocável e impregnado de mesmice. Os livros continuam nas estantes, o abajur na mesinha da cabeceira junto à cama colada ao canto da parede, sobre ela o crucifixo esculpido em metal escuro, a escrivaninha em que sentado estou, as coisas e este porta-retrato. Não estivesse eu aqui, tudo estaria como antes estava no aguardo dos meus retornos. O quarto não me pertence, embora sejam meus seus conteúdos. Sou quem dele faço parte quando repouso em meus estilhaços de despedaçados de sonhos e história. Há algo de insuportável nas constâncias, principalmente quando elas revelam impermanências.

Há um retrato no porta-retrato. Um homem e uma mulher, meus pais, que e seguram e ladeiam a pequena criança que já fui. Entre eles me aparento infantilmente feliz, olhando sorridente o longe e o adiante que me esperam depois da lente daquela remota câmara fotográfica. O retrato de nós três me acompanha desde quando ainda éramos três. É como se no retrato eu me presenciasse, a partir de então, todas minhas transitórias mudanças. Olho-me com os olhos de agora, e me vejo, assim como o quadro ao fundo da parede atrás do sofá a compor a foto, feito mais um objeto presente ao mundo dos meus pais. Estranho este meu destino que faz com que veja o mundo em que antes era objeto, objeto do meu mundo de hoje.

Há um relógio no canto da parede que é também o canto esquerdo da foto. Ele marca um tempo preciso e único em sua singularidade extinta. Um tempo morto e rígido como tudo que ali compõe o retrato. Nove e quinze. Nunca mais o mesmo nove e quinze. Os números nada seriam sem a linearidade horizontal dos ponteiros a registrar o vínculo e a distância entre eles. Hoje sei quanto tantos são os nove e quinze que nos separam.

Cresci e enterrei meus pais. Não há mais o sofá nem o quadro. Porém, aquele horário sempre permanecerá como que marcando o início dos meus adeuses. Despedi-me, assim, do futuro, enterrando meu passado nos exatos nove e quinze daquele retrato.

Anoiteço como quem amanhece ao contrário. Quando minha noite encontrar o dia, e minha meninice não me tiver mais qualquer serventia, serei eu a me suceder neste velho porta-retrato. E aí, então, de que adianta me perguntar para onde irão meus pedidos, após me perder de todos? Afinal, há perguntas que não foram feitas para encontrar respostas. Melhor se distrair com o que

habita fora. Para isso servem as televisões instaladas nos quartos.

Com a urgência dos apressados, procuro de imediato o controle remoto...

PARA CASA AGORA EU VOU

Eu vou, eu vou
para casa agora eu vou
me esquentar com sopa quente
comer charque com mungunzá
e depois deitar de barriga cheia
que é para melhor poder sonhar

E quando para casa
agora não mais retornar
é que fui pro interior do esquecimento
onde num vou nunca mais acordar

Eu vou, eu vou
para casa agora eu vou
pararatimbu, pararatimbu
eu vou, eu vou
eu vou!!!

NO LADO ESQUERDO DO PEITO

Dizem que a memória está no cérebro
e que vai do sistema líbico até o córtex

Enganam-se os neurologistas, os radiologistas,
os biólogos, os neurocientistas e os psicólogos
minha memória mora no lado esquerdo do peito

No lado esquerdo do meu peito pulsam lembranças
e não há lembrança que não seja feita de afetos

Em meu cérebro habitam ideias e pensamentos
as regras gramaticais do Português e seu léxico
a lógica, os números e as operações matemáticas
o saber das horas, das datas e como usar astrolábio
em meu cérebro até guardo o que aprendi
nas aulas de catecismo que frequentei na escola

Não há saudades no interior das cavidades cranianas
então de amor é que o cérebro não sabe nada
tão somente aquilo que nele introjetaram
as novelas, os filmes de Hollywood
e os romances doces e idealizados

Em meu cérebro Rose é uma imagem com nome
mas no lado esquerdo do Peito é que ela se transforma
em sensação, emoção, afeição e sentimento

ESTOU ATRASADO

Estou atrasado...
estou atrasado...
Estou atrasado
para chegar na eternidade

E agora o que é que eu faço
se perder o bonde da eternidade?
Será que vou ficar sempre aqui
depois que todos forem embora?
E o que irei fazer então sozinho
nesta ininterrupta imortalidade?

Estou atrasado...
estou atrasado...
É melhor acelerar o passo
para não perder a hora
de logo chegar na eternidade

A RODA DO TEMPO

Os vidros das janelas estão manchados de ontem
a empoeirar os móveis e os objetos da sala
como uma fina névoa acumulada de passados

Tudo ao redor parece roído pelo consumo dos minutos
no extinguir vaporoso da tarde
que ruma conformada ao final do dia
que amanhã borrará ainda mais
as vidraças já tão sujas e maculadas

Se o Sol soubesse das horas
amanheceria atrasado e demorado
apenas para se pôr depois da noite
e um pouco antes da próxima madrugada

Mas o Universo é analfabeto do tempo
e o tempo que não usa relógios
é como um ácido invisível
que derrete metais e plásticos
dissolve cálcios, madeiras e tecidos
deixando somente para trás
o amarelecido carcomido dos restantes vitrais

E assim tudo aos poucos vem e se vai
o Sol, as manhãs e as tardes
e o que sempre fica nos seus lugares
são essas noites escura de estrelas caducas
a escutar o choro infantil das maternidades

Originariamente publicado no livro MEMÓRIAS DO ESQUECIMENTO, Joaquim Cesário de Mello
(Ed. Giostri/2023)

CEMITÉRIO DAS NUVENS

Nunca consegui acompanhar
o findar das nuvens
e o ocultar de seus desvanecimentos

Desde garoto contemplo
o suave esbranquiçado dos movimentos
pincelando desenhos, formas e rostos
como algodões a desinfetar o céu
pincelando minha alma de azuis

Não é a vida que passa ou muda
são as nuvens que se transmutam
no bailar infindável de suas liquefações

Para onde vão as nuvens e este menino
que meus olhos não alcançam além
dos horizontes negados às mãos?

O que há no mar a seguir
deste em que navegam as nuvens
no flutuar sobre o ventre da Terra
por sobre onde habitam diminutos insetos?

Mas quando chegar
a hora do meu desaparecimento
quero ir para onde estão escondidas
minhas sumidas perdidas nuvens
para nesse secreto paraíso de ingenuidades
me deixar chover por todo o resto da eternidade

COISAS QUE ACONTECEM NAS MADRUGADAS

São estranhas as coisas
que acontecem nas madrugadas

O gemido da cama sobrepesada
Os travesseiros suados de sonhos esquecidos
O silêncio arqueado e continuado dos postes
O coloreado acinzentado nas paredes claras
O resplandecer desafeiçoado das estrelas
O roncar sonolento das ruas esvaziadas
O sanguinolento desejo carnal das muriçocas
O tremelicar friorento dos móveis da sala
e o furtivo pisotear discretos dos fantasmas

Tem coisas que só acontecem
no noitecer prolongado que antecede às alvoradas

OS AROMAS DA ALMA

Se não tivesse memória, não entenderia nada de mim. Quem sou, quem me fiz, de onde vim, e sequer para onde vou, não saberia dizer. Penso ter as respostas que penso ter, porque me lembro de mim. Se para Shakespeare somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos, eu sou feito de sonhos, lembranças e memória.

Embora a memória seja fundamental para ser quem somos, ela nos parece tão própria, usual, banal, frequente e corriqueira, que muitas vezes nem nos apercebemos dela. Talvez por isso tenha dito George Sand que "*a memória é o perfume da alma*". A minha alma, então, tem cheiros, fragrância e odores, que às vezes nem eu aguento. Afinal, tenho em mim todos os aromas do mundo, mas também tenho cá meus podres e meus fedores.

Tenho o aroma adocicado da infância. Nela fiz minhas primeiras essências oleosas que se grudaram no interior das costelas. Delas emanam aromáticos bálsamos de lavanda, eucalipto, alecrim e capim-limão. Do verniz cremoso do bebê e dos talcos que minha mãe me usava, aos shampoos e sabonetes dos banhos pueris, trago por dentro olorosos perfumes que somente eu sinto. Quem me aspira os cheiros de desodorantes e das águas de colônias de hoje, não sabe nada das fragrâncias que tenho na memória.

Não há quem seja o que quer que seja que não se apoie em suas memórias. A vida vai imprimindo nossa existência em detalhes gravados nas carnes e entranhas da alma. Somos uma espécie de colcha de retalhos costurada pelos fios, linhas e tramas do tempo.

Começamos nossa personalidade a partir do corpo e suas heranças genéticas. Já desde cedo, ainda no útero materno, vamos gradualmente desenvolvendo a pessoa que mais adiante seremos, e que ainda continuaremos desenvolvendo. Porém, com o nascimento biológico, as coisas vão se acumulando e tomando corpo e forma dentro da gente. A alma, antes inodora de seu próprio cheiro, vai, com as experiências e vivências, adquirindo seu próprio estilo e jeito. E na combinação de tantos e diversificados aromas e cheiros, cítricos, amadeirados, herbais, mentolados, picantes, herbáceos, adocicados, azedos, florais, pútridos, agridoces... formam-se personalidades individuais, cada uma com as características, peculiaridades, singularidades, idiosincrasias, estilos e maneiras. Há almas (pessoas/personalidades) com essências onde prevalece mais perfumados cheiros de gardênia ou jasmim. Em outras, refrescantes aromas de laranja, bergamota, lima ou limão. Há quem exale mais notas olfativas de patchouli e musgos de carvalho. Tem ainda, aqueles de espírito alegre e jovial, que emanam perfumados agradáveis odores de lichia, framboesa, melão ou maçã. Já outros se parecem com madeira queimada ou inhaca de axila suada e não lavada. Eu mesmo, trago no interior perfumado da minha memória, reminiscências olentes de cravos e lírios, provenientes de tantos velórios frequentados, adeuses e despedidas.

A memória nos faz. Sem ela seríamos apenas corpos perambulando pelos cantos de mundo. Como diz Fernando Pessoa, "*vivemos da memória*". É a memória do humano que somos o que nos faz humanos.

Não sei quando me tornei quem hoje sou. Apenas sei que dentro de quem sou habitam lembranças, vivências, escolaridades, livros lidos, filmes assistidos, experiências individuais e coletivas, minha infância (a real e a imaginada), recordações e reminiscências modificadas pelo rememorar e o tempo, meu adolescente magro e inseguro, meus lutos, minhas frustrações, e um tanto mais de alguma coisa. Freud mesmo já afirmou que "*somos o que lembramos e o que não lembramos*". Vai ver que sou uma sobra de pedaços de tecidos mesclados, cortados e costurados

pela mão do tempo, ou um amálgama de lembranças e esquecimentos.

A BOCA DO TEMPO

Sou de um tempo
em que os relógios não me diziam nada
os adultos fumavam cigarros
e ainda havia trilhos de bondes
espalhados pelo chão da cidade

Sou de um tempo
em que tudo parecia durável
não sabia que existia velórios
e os aniversários serviam para comer
bolos, doces, pipocas e salgados
para depois me divertir com os brinquedos
que nos dias dos meus anos havia ganhado

Sou de um tempo
em que ignorava o que era o tempo
apenas que havia férias domingos e feriados
e o que pra mim eram lembrança
eram coisas que tinham acontecido
antes do réveillon do ano passado

Sou de um tempo
que a boca do tempo levou
e se ele anda hoje para a frente
para mim eu o vejo andando para trás

SOU CONSERVADOR

Sou conservador
Conservo a alegria do menino
a inquietude brincante da criança
e a capacidade espantada da infância

Sou conservador
Conservo a rebeldia do jovem
a ousadia afoita do adolescente
e o espírito transformador do rapaz

Sou conservador
Conservo o fascínio pelo novo
a maturidade subversiva do insurgente
e a prudência sensata dos revoltados

Sou conservador
Por isso sou ainda revolucionário

OS DIAS EM QUE ACORDO

Há dias em que acordo
com gosto de saudade na boca
e uma azia danada queimando por dentro

Há dias em que acordo
com o sol lá fora me esperando
enquanto espreguiço os medos na cama

Há dias em que acordo
quando os relógios ainda estão dormindo
e o tempo parece ser meu amigo

Há dias em que acordo
cheio de sonhos na cabeça
que levo ao pisar no chão do dia

Há dias em que acordo
no amanhã do ontem
mais uma vez atrasado ao entrar no hoje

Há dias em que acordo
no prolongar da noite e dos calendários
e sou até capaz de me espantar comigo

Há dias em que acordo
e ainda estou surpreendentemente vivo

COMO POEIRA SOBRE OS MÓVEIS

Um dia
talvez depois do amanhã
vou me despedir do amanhã
levando comigo meus ontens
e me esfarelar como poeira
por sobre os móveis da casa
no aguardar do breve chegar
da faxineira

AH! AS QUARTAS-FEIRAS

O que seria das semanas
se não houvesse as quartas-feiras?

A vida se divide
pelo laminado afiado desse dia
que divide o tempo em o que vem antes
e o que vem depois das quartas-feiras

Sem as quartas-feiras
não existiriam as terças e as quintas
as semanas seriam uma régua sem curva
não haveria as ressacas dos carnavais
nem as quaresmas sequer começariam

Todas as quartas
são dias de São José
tem futebol
motel
aflições
velas brancas
cinema barato
nenhuma feijoada
e algum pouco
de Roque em Enrow

Nas quartas-feiras
os sonhos são mais nítidos
o domingo é equidistante da segunda
a terça ontem já se foi
a quinta até agora não chegou
enquanto a sexta ainda não sextou
até as nuvens são diferentes

nos céus das manhãs da quartas-feiras

Devia haver feriados

pra se comemorar as quartas-feiras

MEU QUERIDO DIÁRIO

07 de janeiro

Encontrei-me comigo no espelho. Estava um dia mais velho. Não me lembro que dia foi esse em que ultrapassei o rosto que havia deixado no retrato que tirei no final do ano passado. Os dias deviam ser eterno, pois na eternidade todos os dias são iguais.

22 de fevereiro

Amanhã começa o carnaval, e eu vou para o lado contrário, levando na bagagem duas máscaras, um chapéu encoberto de lantejoulas e meia dúzia de fantasias de palhaço.

02 de março

Um poema começou a cair sobre o chão do dia, como uma fina chuva de verão. Apanhei um punhado de versos, e com eles um repentino resfriado. Minha mãe já dizia que para gripe o remédio é canja de galinha, vitamina C e cama. Amanhã vou passar o dia deitado.

15 de abril

Que penso eu neste instante em que não penso nada? Mas como posso estar pensando alguma coisa, se agora estou pensando que penso que estou pensando em nada? Acho que o nada é uma coisa muita complicada.

29 de maio

Cheguei atrasado no ontem que já tinha ido embora. Agora tenho um dia a menos na história, como se um parágrafo fosse arrancado da minha biografia. Será que foi o dia em que morri, ou será que nele fui então feliz? Será que era ali que estava a princesa encantada das fábulas e dos contos infantis?

14 de junho

Irei para depois do amanhã do amanhã que tenho hoje, realizar os desejos de ontem que vieram dos sonhos que tive no passado. E quando este presente me for pretérito vou voltar para o futuro que não devia ter deixado, e me lembrar para não chegar de novo atrasado.

03 de julho

Hoje fiz um poema que vai me levar para o outro lado da muralha da China, e ir aonde os ventos não chegam, escalar as montanhas nevadas do Himalaia, percorrendo a pé todo o Tibete, até chegar à Terra do Nunca, e de lá nunca mais voltar.

Com este poema vou atravessar o espelho que Alice não atravessou, seguir os tijolos amarelos da estrada, navegar por sobre Atlântidas naufragadas e me banhar nas águas claras da Macedônia, vivendo as aventuras de Simbad, que nas noites estreladas minha avó contava.

25 de agosto

Tenho em mim saudades dos beijos não beijados, da maciez aveludada dos seios não tocados e das juras de amor na garganta ficaram entaladas. Tenho em mim nostalgia do que não aconteceu, tristeza das coisas não perdidas, e o pesar dos lutos daquilo que nunca se deu. Todo ano é sempre a mesma coisa: tenho banzo de quem não fui.

11 de setembro

É perto da meia-noite e eu não lavei os pratos, não tomei banho, não vesti o pijama, não escovei os dentes e o ar-condicionado continua desligado.

É perto da meia-noite e ainda estou acordado, a sirene de uma ambulância passa, a vizinha da frente já apagou a luz do quarto, um rojão estoura longe ? o Flamengo deve ter ganho o campeonato.

É perto da meia-noite e os sonhos me esperam no final da próxima breve madrugada.

09 de outubro

Eu vejo o tempo. O tempo inteiro olho o tempo, quando me dou tempo para enxergar o tempo. O tempo não está no interior dos relógios, nem nos fundos das agendas e dos calendários. O tempo está no íntimo dos ventos e na superfície impermanente das coisas duráveis.

Tudo que parece morredouro é transitório e mutável. Não é porque há coisas mais longevas do que nós, que elas sejam por isso perenes e intermináveis. Acaso vivêssemos bilhões de anos, poderíamos testemunhar o nascer e o expandir do Universo. Acaso continuássemos vivendo um tanto mais de bilhões de anos, poderíamos ser capazes até de ver o minguar do mesmo Universo. Talvez... Quem sabe?...

Eu vejo o tempo. Ele está na ferrugem dos pregos e na parede úmida e mofada da sala.

14 de novembro

Hoje é o dia em que festejo mais uma órbita da Terra. Minhas ilusões estão mais amadurecidas. Meus sonhos envelheceram. Alguns desejos caducaram. As roupas amanheceram puídas e minha memória tem visitado mais cemitérios do que na década passada.

Não encontro meus sapatos cavalo de aço, e minha esposa continua brigando comigo, sentada ao meu lado desde o século passado.

01 de dezembro

Estou a um mês do final do ano. Vou aproveitar o décimo-terceiro e cortar o cabelo, aparar as sobrancelhas e fazer a barba, comprar uma camisa vermelho-bordô, hidratar a face e passar corretivo nas olheiras, para me preparar para tirar o próximo retrato...

NO INTERIOR DO MEU FUTURO CADÁVER

Quantas mortes ainda trarei
no interior do meu futuro cadáver?
Quantas vezes ressuscitarei das noites
para acompanhar o envelhecer dos dias
a partir das auroras em que acordo espantado?
Quantos sonhos serão espatifados
no esbarrar com as paredes do quarto?
Quantos lenços de papel descartáveis
irei usar para enxugar as lágrimas que trago
por detrás das aparências e dos disfarces?
Quantas ocasiões até lá escutarei calado
as afrontas cujas respostas embargo
no travar dos dentes e dos lábios?
Quantas estrelas deixarei de ver
além dos confins do universo enxergado
apenas porque meu telescópio
está velho, míope e estrábico?
Quantos talvez fiquem para trás
pelo simples fato de chegar atrasado?
Quantos desejos serão desapontados
preocupado em pagar as contas
e de ser visto como bem-comportado?
Quantos passos deixarei de andar
por causa do receio de escorregar
tombar ao chão e machucar o braço?
Quando esquecerei de mim
e me misturarei à multidão ao lado
para com todos nela seguir a boiada?
Quando desistirei de pensar o que penso
para me desviar dos pensamentos desquietados
sossegando-me no sofá da sala assistindo seriados?
E quando nada mais disso em mim houver

é porque fui devidamente morto e cremado

A RUA DOS OITIZEIROS

Em janeiro chovem oitis na rua em que meus pés meninos pisavam. Nas sombras dos oitizeiros toda uma infância brincava. Soubesse eu que a eternidade das crianças durava menos que a das árvores, amarrar-me-ia em seus troncos, apenas para me atrasar um pouco mais à maturidade. Os anos inocentes deviam durar o tempo das árvores.

Hoje trabalho na mesma rua em que antes brincava. Meu adulto olha o menino que por ali perambula no século passado. Porém, não é pela rua da infância que agora percorro, mas no atravessar pelo canto dos pássaros e no pisar das calçadas amarelas pelos oitis derramados.

Passeio pelos mesmos cantos e novos buracos, como se pedalando bicicletas e me desviando das raízes das árvores que o menino contornava. E, assim, meus dias vão se misturando por entre folhagens em ramos arqueados pelo pesar dos anos. No cimo dos oitizeiros passarinhos se protegem camuflados pelo verde dos minutos pousados, enquanto borboleteiam no céu dos seus sonhos alados.

As casas de antes continuam sendo paisagens, resistindo ao mudar do mundo e dos transeuntes, embora nelas agora morem estranhos residentes, indiferentes aos fantasmas das famílias do ontem, que me povoam os espaços mais salgados da memória.

Por aqui andei, como ando por sobre as pegadas apagadas daquele miúdo garoto que não sabia que, além das fronteiras daquela quadra em que a rua ficava, havia territórios a serem ocupados e cemitérios até então nunca visitados.

Não preciso das madeleines para de mim ser lembrado; já vivo em meu próprio sítio arqueológico de ossos, e nos dias de chuva ou de frio me doem as costelas retiradas. Ao contrário de Proust, não busco o tempo perdido. Vivo dentro do tempo perdido.

Pela rua da infância que ainda percorro, sopram-me aos ouvidos remanescentes sonhos que sobraram da minha anterior imortalidade.

A VÍRGULA QUE MUDOU A VIDA

Conheci uma vírgula
que mudou minha vida

Até então
vivia correndo e apressado
eu não respirava
somente ofegava

Essa vírgula
separou meu antes do depois
diminuiu minhas ambiguidades
arrefeceu meus alvoroços sobressaltados
e esclareceu continuar das minhas frases

Ela alterou minhas premissas ilógicas
o incoerente absurdo dos meus sentidos
o ritmo frenético das minhas falas
invalidou o desvario das minhas revoltas
e corrigiu o prumo selvagem das minhas aragens

Se aquela vírgula pausou meus desatinos
depois dela segui o que agora me é destino

Conheci uma vírgula
que mudou meu lugar no mundo

UM LUGAR CHAMADO INFÂNCIA

Vim de muito longe, de um lugar chamado infância. Não sei de onde surgiu, mas, de onde cheguei, tudo era impregnado de encantamento, magia e descobertas. É bem verdade que tive alguns joelhos e cotovelos ralados, aqui e acolá um galo na cabeça, de vez em quando vivia gripado, tive sarampo, coqueluche e catapora. Teve um dia que cai da escada, e de tempos em tempos levava topada. Talvez isso fosse apenas para me dizer que a realidade era feita de paredes invisíveis que podiam gerar diversos machucados.

Lá os adultos eram gigantes, que quando, entre eles, conversavam, falavam coisas incompreensíveis, difíceis e complicadas. Nunca entendi por que os adultos não brincavam, somente liam jornais, assistiam novelas, bebiam whisky e cerveja, beliscavam petiscos salgados, e esporadicamente contavam piadas. Decididamente jamais queria ser como eles, sisudos, cautelosos e circunspectos, que trabalhavam, pagavam as contas, engordavam, falavam de política, queixavam-se da carestia e reclamavam da vida. Para mim, daquele lugar de onde vim, as coisas não tinham etiquetas e preços, pois tudo parecia ser livre e de graça.

Desde que nasci, o mundo da infância existia. Eu já era criança. Sempre fui ali criança. Não teve sequer um dia que não fosse criança. Minha memória era toda menineira, e do passado mais passado do meu passado apenas lembro de um velocipede azul que ficava guardado na garagem da casa em que morava. Por isso eram esquisitos, os adultos, e como eles aqui entraram. Quem criou os adultos? De que barro eles foram feitos? Se um dia eu crescer, não vou ser adulto.

No mundo da minha infância dor de barriga durava um dia, e, quando se ficava triste, a tristeza logo passava. Acho que o que nos curava era a fome danada de brincar. Tal vontade insaciável, essa, sim, nunca terminava. Crianças são seres desnutridos de folias, por isso necessitamos, o tempo inteiro, correr, recrear, fazer bolhas sabão, soltar pipas, pular corda, caçar tesouros, jogar bolinhas do gude, andar de bicicleta, fingir-se de estátua ou de morto, desenhar, dançar, saltar amarelinha, abrir presentes, brincar de esconde-esconde ou pega-pega... Quando você olhar uma criança atrás de uma bola, lembre-se de que ela não está somente brincando com a bola, ela está brincando com o mundo. Eu mesmo, nas tantas ocasiões em que fui super-herói, salvei inúmeras vezes a Humanidade.

Porém, tudo que é encantado tem também seu outro lado: feiticeiras, fantasmas, bichos-papões, comadre florzinha, mula sem cabeça, monstros embaixo da cama ou que moram nos armários, ciclopes, bruxas, ogros, cucas, sombras e assombrações. Um quarto escuro à noite, sozinho, era o que mais nos assustava. Mas, meu anjo da guarda me guardava, me protegia e me zelava.

A infância tem o cheiro dos bolinhos de goma que Miné preparava, e sabor de framboesa, morango e amora.

Estava certo Manoel de Barros, os quintais das nossas infâncias são maiores que a cidade. O da casa da minha avó, então, era uma floresta encantada, onde eu me aventurava, crescia e me deslumbrava.

Vim de muito longe, de um lugar chamado infância. E tudo lá parecia tão permanente, duradouro e infundável.

RELÓGIOS NÃO FALAM

Não há sentimentos no interior dos relógios
O que existe no interior dos relógios
são números, horários, atrasos e adiantamentos

Relógios fazem inventário dos dias
enumerando-os em horas, minutos e segundos

Relógios quantificam o instante
no exato instante que olho para eles
assim sei que em breve deixarei esta noite
no entrar no 0:00 de seus dígitos
ou no encontrar dos ponteiros acima

Há relógios mecânicos
de pulso, de bolso, de sol e de parede
existem os pendulares, os elétricos, os casuais
os formais, os de aço e os esportivos
acha-se relógio de vários modelos e tipos
mas ninguém ainda inventou um relógio
que me diga ou fale o que eu sinto
no imediato instante em que estou sentindo

POEMA AUSENTE

O COLÓQUIO CALADO DOS CORPOS

É no molhado encontrar das línguas
e no curto-circuito dos peitos encostados
que os afetos gritam, murmuram e conversam

RÉQUIEM PARA OS DIAS

Todos os dias vejo o desaparecer dos dias, no terminar das tardes em que estou. Herdei da minha mãe a melancolia dos entardeceres, e o cheiro dos cravos que acompanham o fenecer do sol que se vai no esmorecer das horas claras e fugidias. Os finais das tardes são como velórios em que acompanho o cortejo fúnebre, até ao cemitério das noites, onde são sepultados os dias.

No alaranjado morto que antecede o despertar dos postes e dos fantasmas, despeço-me de cada dia como se fosse meu último dia. Já são tantas as minhas exéquias e vários os meus saimentos, e nada de chegar o meu derradeiro dia.

Já perdi a contas dos escuros em enterrei colegas, parentes, amigos, cães, casas, momentos, amores e desamores, até a minha infância e eu mesmo nela brincando. Tudo um dia se vai para as noites em que se vão os dias.

Dias são como rios de Heráclito. Neles diariamente me banho, no mergulhar nas águas que não são mais as mesmas, nem eu mesmo sou mais o mesmo, pois trago em mim o somatório das noites nas quais descansam em paz meus passados dias.

No fundo pardacento das tardes, sombras me esperam sonolentas no interior das penumbras em que rumo, por sobre as asas assustadas do meu anjo da guarda que tem medo dos quartos escuros.

Todos os dias vejo o desaparecer dos dias. Mas ainda haverá um dia em que serei eu a sumir no seio da alma de um dia.

UM POEMA CONFSSIONAL

Cadê a angústia
aquela companheira das horas inteiras
das manhãs escuras de sábado
da cama inquieta do quarto
dos travesseiros suados
das noites em claro
das unhas roídas
dos horários atrasados
e da demora em chegar em casa?

Cadê a angústia
do moer das carnes entranhadas
do eco que vem do século passado
do hálito pantanoso da Hidra
do grito sufocado pelo nó na garganta
da mão invisível que me apertava o peito
do choro seco que desidratava a boca
e do Mefistófeles que me esperava
no exato meio-dia das madrugadas?

Cadê a angústia
dos avermelhados poentes dolentes
dos arranhados versos de Florbela Espanca
da tristonha lentidão dos adágios
das anestésias alcoólicas dos bares
das azias aliviadas pelas magnésias bisuradas
dos cansaços neurastênicos dos músculos
dos chiliques escandalosos dos histéricos
e dos apetites irascíveis dos coléricos?

Se alguém um dia a encontrar
diga-lhe que passo muito bem sem ela

já vesti até a camisa amarela
que me casei outra vez com a mesma mulher
que não como mais com aquela velha colher
que estou a ver os meus netos crescerem
à beira-mar de um interminável janeiro
carregando menos chaves no chaveiro
e que conquistei minha carta de alforria
assinada com mesma caligrafia
e o azulado que se encontra na palavra alegria

NO INTERIOR DOS RELÓGIOS

Em meu relógio
a vida passa no bailar dos números
e na rapidez apressada dos segundos

Em meu relógio
estou dentro do tempo
mas o tempo não sabe nada
do que se passa no interior de mim

VAGALUMES

No interior da noite que se inicia
o farol dos carros se acendem
e como vagalumes transitam por sobre
as ruas e as avenidas da cidade
no apressado voltar do trabalho
Mas se suas casas não estiverem mais lá
mudado de endereço ou de bairro
para onde os vagalumes irão voltar?
A certeza
é a coisa mais incerta que há

VIAJANTES DO TEMPO

Vou me esparramar no tempo
que os relógios não veem
apagar as agendas
esquecer dos horários
e escapar dos calendários

Vou viajar no espaço sideral
pegando carona no rabo de um cometa
atravessar o buraco da minhoca
ir para o outro lado do Universo
me encontrar com meu menino
no tempo em que ele não sabia ler as horas
e mesmo que soubesse todas as horas eram iguais

E antes dele crescer
vamos atravessar juntos o buraco da minhoca
desta vez em sentido contrário
seguindo em frente ao hoje que antes deixei
para nos encontrar com nosso velho
e passar as noites em claro
trocando ideias e conversando
cada um contando suas histórias

NO FUNDOS DOS CALENDÁRIOS

Enquanto eu estiver dentro dos calendários
sempre haverá janeiro com seus IPTUs e IPVAs
as tardes virão após o se ir das manhãs
vinte e um de abril é feriado
todas as segundas-feiras são chatas
griparei por me molhar em junho
os gatos continuarão pardos no escuro
domingo continua sendo o dia da missa que faltarei
ainda não aprenderei a falar birmanês
em novembro adicionarei mais um ano aos dedos
e meus mortos ainda não irão morrer outra vez

Enquanto eu estiver dentro dos calendários
minha esposa irá reclamar comigo
dia 07 vence o boleto do condomínio
seguirei a conhecer coveiros
o Náutico não será campeão brasileiro
O fim do mundo não aconteceu
depois da sexta será sábado
nos sábados casais irão se formar
nas terças casais irão se separar
e em novembro haverá menos pessoas
para lembrar do mês do meu aniversário

No interior dos calendários
os dias veem e se vão
as semanas se repetem
os meses prosseguem sendo meses
os anos de ano em ano se renovam
e minha vida e resume a números e datas
enquanto eu estiver dentro dos calendários

Se não houvesse calendários
eu seria eterno e não faria aniversários

ALÉM DE MIM

Além de mim
existem árvores
pássaros e nuvens
cachorros e gatos
formigas, cupins e carrapatos

Além de mim
existem pessoas
de vários credos e crenças
de várias cores e gostos
diversificados odores
e múltiplas faces e disfarces

Além de mim
existe uma multidão de outros
alguns grandes, outros pequenos
uns exigentes por se acharem certos
outros indulgentes por saberem
que tudo que é certo também pode ser errado

Além de mim
existem paisagens
de onde roubo imagens
que depois se transformam em versos
que é a mesma coisa que já existia
tirando apenas um pouco a gordura
desvelando a aparência e a roupagem

Além de mim
existe gente braba e zangada
neurastênicos, hipocondríacos
impulsivos, retraídos e fatigados

supersticiosos, resilientes e fleumáticos
afoitos, medrosos e culpados
e de cada um tenho um pedaço

Além de mim
há coisas que me afetam
me tocam e me impressionam
me sensibilizam e me incomodam
que me sacodem e me agitam
que me geram todo tipo de afeto
e por isso sou um homem sempre afetado

Além de mim
existem tantas personas
numerosas incontáveis sombras
diferentes selfs verdadeiros e falsos
variadas idiosincrasias e identidades
12 signos, 365 datas de aniversários
e diferentes constelações familiares

Além de mim
não existe ninguém como eu

A DELICIOSA MÁQUINA DO TEMPO

Vou pegar a Teoria da Relatividade
picada com a Navalha de Occam
misturar com Efeito Borboleta
e um punhado de ideias da Física Quântica
agregar Carl Sagam, H.G. Welss e Issac Asimov
mesclados com a Teoria do Buraco Branco
E salpicar com muita imaginação a gosto

Depois vou colocar tudo
no liquidificador dos sonhos
adoçar com muita fantasia
e deixar bater pelo número dos minutos
que minhas pálpebras levam para adormecer

E aí vou sorver com a fome do Tempo
viajando para visitar meu menino
nos anos em que ele era menino
e ainda não sabia que a infância passava

Vou rever meus brinquedos
do jeito que os deixei lá
reencontrar os tijolinhos mágicos
com os quais construí inúmeros castelos
que vivia como um príncipe encantado
descansando das batalhas e dos duelos
que repetidamente sempre ganhava

Vou soltar no verde chão da puerícia
meu pião de madeira com fieira
e vê-lo rodopiar como um planeta
que a cada volteio que faz
é um dia a mais que se vai

E se eu conseguir achar
aquela caixinha de papelão colorida
que ganhei por ocasião dos meus poucos anos
onde estava guardado o jogo de memória
e ver se nela ainda acho
alguma lembrança a ser resgatada

O QUE AINDA QUER A VIDA DE MIM

Quando pensei que a vida em mim ia acabar
ela insistiu em continuar.
O que ela pode querer mais de mim
eu que nem sei por que aqui estou?
Talvez esteja para apreciá-la passar
com seus caprichos a me despertar desejos
ou apenas porque queira ver o que dela faço
neste às vezes longo outras vezes escasso
espaço que meus pais me deram para caminhar
Tenho duas vidas a carregar
a que agora vivo enquanto respiro
e a que vive a me ofegar no interior da memória
e a maneira que dela recordo é que não me faz parar
Quando a vida de mim se cansar
peço somente que me deixe a memória levar

QUARTO ESCURO

Escuro não é cor. É ausência.
E a ausência é a privação de tudo:
da luz, dos sons, dos cheiros, do tempo.
Onde não há nada, nada há para se ver
coisa alguma para se conhecer,
a submersão absoluta de tudo.

Meu primeiro escuro foi o útero,
mas do útero não me lembro.
Do que me lembro, de onde me lembro,
meu primeiro escuro foi daquele quarto,
onde na ausência das noites sem estrelas
e no abafado das portas fechadas,
o redor desaparece e o mais além inexistente
frente aos assombrados olhos infantis,
no desbotar dos brancos das paredes

Se uma vez já morri,
a outra morte que me espera
é voltar ao quarto escuro de antes,
e o dia com seus barulhos nunca mais amanhecer

NO INTERIOR DOS LIVROS

Hei de me dissolver nos livros
mergulhar no mar das letras
boiando nas sinapses brancas
onde se interligam as palavras

Se um dia eu desaparecer
como de resto é o destino de tudo
quero ser enterrado no fundo dos livros
esse cemitério vivo impregnado
de sonhos, inspirações e memórias

NO DIA EM QUE O GALO NÃO CANTOU

A manhã surgiu calada
sem o cocoricó das madrugadas

Que aconteceu?
Será que o galo morreu?
Esqueceu da hora?
Passou do ponto?
Ou será que enlouqueceu?

E se o galo estiver velho
com a voz rouca, exaurida e caducada
ou caído de cima do telhado
fraturado as asas, quebrando as pernas
e agora estiver no poleiro internado?

Que será das manhãs não anunciadas
se o Sol não souber o instante de sua chegada?

O será dos pintassilgos e dos pardais
dos garis, dos motoristas do metrô
dos barmen fatigados
do último turno do telemarketing
dos seguranças das baladas
e o horário dos bêbados em chegar em casa?

Uma manhã sem galo
é como se o dia entrasse mudo
e a madrugada de fininho saísse calada

CARRUAGEM DE FOGO

No chão pedregoso e desnivelado da vida
eu e o tempo somos duas crianças travessas
disputando corrida por entre jardins do mundo

Porém o tempo é mais rápido e veloz do que eu
E mesmo que ele corra de costas
enquanto corro de frente
o tempo sempre me vence

Mas quando eu finalmente ganhar
vou para o outro lado do Universo
que é o lugar que em o tempo não entra
levando comigo meu único troféu
e me dissipar no fundo do céu
que um dia já foi o céu de minha mãe

A VERDADE, AFINAL

A Verdade tem tantas facetas
maior do que a soma de toda a Humanidade

A Verdade é aquilo que é inadequado
ao mundo e a vida que se quer viver

A Verdade é a verdade para quem crê
e a crença é a verdade de quem acha que vê

A Verdade não é matemática nem lógica
pois na Verdade um mais um é igual a três

A Verdade tem seus contrastes e suas contradições
o que a Verdade não tem é rua sem contramão

A Verdade às vezes é oculta e enganosa
mas jamais a Verdade é mentirosa

A Verdade vive tampada e encoberta
uma vez liberta é provocante e ruidosa

A Verdade é miúdo buraco profundo
tão pequeno que não cabe todo mundo

A Verdade é uma coisa secreta
e disso sabem bem os poetas

Porém a Verdade
quando se revela e se mostra
choca, machuca e incomoda
afinal,
na Verdade

de Verdade

a Verdade é f...

NA SAÍDA DA CAVERNA DE PLATÃO

É

Assim é se lhe parece
pois o que se aparenta
se apresenta como é

Batizo coisas com nomes
representando-as até com sobrenomes
e nos signos que as agasalho e abrigo
dou a elas todas minhas razões e meus sentidos

Sou cercado de símbolos
palavras, ideias e imagens
artifícios em que acredito
e se acredito no que acredito
troco o que está posto pelo que me é dito
e o que está ausente e incerto
se mostra como verdadeiro e certo

Se eu quiser mudar o mundo
transformá-lo em menos figurativo e alegórico
é só acender um fósforo e queimar meu glossário
construir um novo dicionário
atualizar todo meu vocabulário
aposentar as velhas metáforas
olhar de trás pra frente e ao contrário
modificar por completo meu vestiário
e deixar de ser assim tão binário

Na saída da caverna de Platão
vou mudar por completo minha visão
assobiando uma oposta e nova canção

PARA FRENTE...

Não sou eu quem ando para frente
é o para frente que anda para trás

Toda vez que chego
no que antes era o para frente
o para frente mudou de lugar

Às vezes me pergunto
porque preciso andar para frente
se o para frente nunca está lá

Para frente
Para trás
Para os lados
Eu jamais entendi
essa coisa mudadiça
chamada Tempo

APRENDENDO A APREENDER

Não preciso aceitar
concordar, gostar ou aquiescer

O que é preciso é compreender

PENSAMENTOS ILETRADOS

Tem gente que pensa que pensa
mas são pensamentos não pensados
pensamentos que já foram falados
pensamentos pelos outros criados
ou até mesmo pensamentos herdados

Pensamentos não pensados
são analfabetos e iletrados

DEUS É CULPADO

Deus é culpado
por esta muriçoca no quarto

O zunzunzum aporreante do bater das asas
soam em meus ouvidos agastados
como um timbre estridente e anasalado
vindo de um violino malsoante e desafinado

Mosquitos são vampiros alados
que se aproveitam das horas escuras
para se alimentarem das proteínas molhadas
dos sangues quentes dos corpos alheios
e voam pelos breus das ruas e das casas
deixando as noites nos quartos acordadas

Se Deus criou o Universo
com tudo o que nele há
então Deus é culpado
por esta muriçoca no quarto

Mosquitos só servem
para me avermelhar a pele coçada
e não me deixar sonhar assim irritado

Deus é culpado
por esta muriçoca chata no quarto

O SOL ROSADO

E se o Sol despertasse hoje rosado
e as nuvens pintadas de leves avermelhados?

E se uma manhã assim tão delicada
encobrisse por inteiro o céu da cidade
com um róseo mais róseo do que as rosas
flagrando o dia com o aroma das pétalas
e o mundo se tornasse simplesmente cor-de-rosa?

E se as roupas ficassem rosas
assim como os chinelos, os sapatos
os pintassilgos em cima das árvores
estes meus cabelos grisalhos
o piso dos asfaltos e os assoalhos
os cães, as galinhas e os gatos
até mesmo os pensamentos insensatos?

E se o humor tivesse a tonalidade do dia
no corar dos sentimentos banhados de rosas
será que os minutos sorririam de alegria
com o passar das horas menos ansiosas?

Ah! se o Sol acordasse rosado
todos pecados seriam perdoados
todos os muros seriam lavados
o amor seria mais louvado
deixaríamos de ser malcriados
os esgotos estariam perfumados
pelo descortinar de uma manhã
tão feminina, agradável e graciosa
em um Universo de estrelas cor-de-rosa
e um infinito fundo de vermelho bem claro

NO DIA EM QUE ME TORNAR MILIONÁRIO

Quando ficar milionário
vou aumentar meu saldo bancário
ter duas Ferraris e um Porsche na garagem
comprar o maior dos iates
e um colar de vinte e quatro quilates

Quando ficar milionário
vou possuir uma casa em um balneário
ter um apartamento em frente ao Central Park
viajar constantemente de primeira classe
e contratar alguém que me abrace

Quando ficar milionário
mudarei todo meu vestiário
terei dezenas de ternos Armani
um Rolex para cada dia da semana
e só comerei em prato de porcelana

Quando ficar milionário
vou ser tantas vezes proprietário
que acabarei sendo dono de uma cidade
ou quem sabe até de um país ou estado
e aí só irei andar de carro blindado

Quando ficar milionário
substituirei até meu vocabulário
falarei inglês, espanhol e francês
tornar-me-ei um grande burguês
e deixarei de lado essa minha velha timidez

Quando ficar milionário
talvez me transforme em majestade
modificarei inclusive minha idade
só num saberei onde comprar a tal da felicidade
e agora, por favor, me diga o que é eu que faço

O TRISTE FUTURO DOS DOCUMENTOS DE IDENTIDADE

O que será dos meus documentos
a carteira de identidade e de motorista
CPF, título de eleitor, carteira de trabalho
e minhas certidões de nascimento e casamento
depois que a vida me deixar e eu desaparecer?

Quem ficará com os números e as letras
que dizem ao mundo quem sou
e aqueles pequenos velhos retratos
do tamanho de três centímetros por quatro
do jovem e do adulto que de mim ali restou?

Qual memória conservará as lembranças
contidas no interior silencioso dos registros
como aquele cabelo molhado
amarrado em rabo-de-cavalo
quando meu rosto imberbe e magro
no século passado foi fotografado?

Que será de tudo que meus documentos presenciaram
no passar dos anos em que eles não mudaram
tão logo lhes abandonar à própria sorte
ao se tornarem papéis sem serventia ou identidade?

Sentirão eles de mim alguma saudade?

ENQUANTO O TEMPO PASSA...

O tempo passa
o cavalo passa
e você não cavalga
O tempo passa
as horas acontecem
e você não ultrapassa
O tempo passa
as pessoas saem do lugar
e você se esquivava e hesita
O tempo passa
o recomeço cruza a esquina
e você apenas evita
O tempo passa
a porta se abre
e você somente aguarda
O tempo passa
novas flores nascem
e você nem as visita
O tempo passa
o ônibus transita
e você de novo desperdiça
O tempo passa
os dias mudam de cara
e você continua parado
O tempo passa
a Terra gira
e você sonha deitado
O tempo passou
o cavalo se foi
as horas findaram
as pessoas partiram
o recomeço acabou

a porta fechou
as flores murcharam
o ônibus não voltou
os dias morreram
a Terra girou
e agora você não pode
fazer mais nada

O AVÔ, O NETO E O MAR

Eu que vim antes de você
lá de trás onde não lhe havia passado
e o século ainda não me tinha terminado
jamais poderia sequer imaginar
que estaria no início dos seus anos
a lhe construir futuras lembranças
que o adulto amanhã irá sonegar

Mas quando estiver ausente
no acumular dos seus tantos aniversários
talvez uma brisa salgada que venha do mar
me resgate das profundezas molhadas
onde em sua infância procurávamos
tesouros escondidos naquela distante praia
em que ambos já não estamos mais lá

O ÚLTIMO POETA

No ocaso do papel
o agonizar das canetas

Os livros empoeirados nos restantes brechós
servem de pastos às traças protegidas do Sol
pelo sombrear acinzentado das teias

No canto a máquina de escrever Olivetti
rumina memórias dos tempos em que era
tocada pelo inquietar barulhento dos dedos

No desaparecer dos demais
O velho guardião apaga a luz
fecha a porta e sozinho vai embora

AI...

Ai se eu soubesse primeiro
antes que agora já fosse tarde

Ai se meu aniversário
caísse em outro calendário
talvez meu signo fosse Sagitário
Capricórnio, Gêmeos ou Áries

Ai se minha mãe me tivesse
gerado depois de mim
eu hoje seria jovem e mais novo
e meus cabelos não estariam grisalhos

Ai se escrevesse em Hebraico
de trás pra frente e ao contrário
leria meus poemas no espelho
porque os versos seriam reversos

Ai se eu me chamasse Francisco
ou se tivesse nascido em diferente corpo
sendo menina ao invés de menino
decerto meu anjo da guarda fosse outro

Ai se vivesse em um Universo paralelo
beberia cerveja sem álcool em Dubai
caçaria leões nas savanas da África
pegaria ondas no Taiti e na Austrália
lutaria contra os piratas da Somália
realizaria meu sonho de ser astronauta
e teria saudades de quem poderia ter sido
se esses meus ais me tivessem acontecido

O UNIVERSO E AS PALAVRAS

Para onde me levam as palavras
quando as mexo e remexo com elas?

Palavras são vestimentas com as quais
desnudo o abstrato sensível dos sentimentos
Sem elas o que me passa por dentro
é tão invisível como impalpável é o vento

Há palavras que falam
Há palavras que calam
As que mentem e as que falam a verdade
As que acariciam e as que esbofeteiam
As que iludem e aquelas que rasgam

O Universo sem palavras
apenas pulsa e não sabe que existe

Sem elas seria tão somente
um astro de interior calado
a circular pelo silêncio do Universo
sem a consciência de quem é e do que faz

COLÓQUIO DE OUTONO

Farei-me de calado
pra te falar a língua recuada do silêncio

Na mudez imposta aos lábios
olharei com a surdez fingida dos ouvidos

Nos espaços gerados na ausência das palavras
auscultarei o murmurejar dos sentidos
a aspirar o oxigênio dos teus afetos embutidos

Com a pantomima das faces
e nos bailar sanfonado dos gestos
dançaremos no sobrar das horas que temos

Convido-te pois a me acompanhar
no contemplar poente do sol
em que juntos nos abrasaremos

QUANDO CHEGAR À MATURIDADE

Quando eu chegar à maturidade
vou deixar Nietzsche de lado
começar a ler Schopenhauer
não mais ouvir Pink Floyd, The Who
Led Zeppelin e The Velvet Underground
calçar sapato de couro com cadarço
colocar a camisa por dentro da calça
assumir encargos e responsabilidades
engolir sapos do patrão
para chegar à noite de mau humor
sentado na poltrona assistindo televisão

Quando eu chegar à maturidade
vou reclamar da inflação
dos preços do arroz, da carne
do pão, do tomate e do feijão
acordar de manhã mais cedo
para levar para passear o cão
tomar remédio para dormir
e no químico sono profundo
sonhar com mais nada não

Quando eu chegar à maturidade
vou me queixar dos políticos
protestar contra o judiciário
acompanhar as notas dos obituários
mudar as roupas do vestiário
apanhar empréstimo consignado
dividir minhas férias no crediário
endividar metade da minha renda
e beber Campari bem gelado
me bronzendo com protetor solar 50

à beira da praia qualquer de um balneário

Quando eu chegar à maturidade
vai então acabar essa minha jovialidade
vou ficar com cara sisuda de homem sério
passando as tardes de domingo com tédio
preocupado em como irei pagar as contas
e aí vou entrar na igreja mais próxima
para entoar um réquiem aos anjos
que povoavam o céu acriançado da infância

Quando eu chegar à maturidade
quero estar lá não

VERSOS ACHADOS POR AÍ - Lançamento Livro

PRÉ-LANÇAMENTO

Trata-se de uma obra com a qual o autor comemora 40 anos de vida literária, na qual reúne poemas (em sua maioria) e algumas crônicas.

Neste livro, o poeta continua a brechar nos espaços fundos dos minutos e das horas o pulsar nem sempre silencioso da vida, em todas suas diversas facetas visíveis e invisíveis, manifestas e latentes, enigmáticas ou (quase) inexprimíveis.

O tempo, aqui como escopo literário, não é o mesmo tempo dos relógios e dos calendários. É o tempo vivido em toda sua subjetividade. É o tempo psicológico da alma humana, que nem sempre é igual para todos. Cada um vive a passagem do tempo de forma pessoal e interna. Todavia, todos nós vivemos o tempo que passa no contar do tempo dos relógios e dos anuários, mas que permanece e nós como lembranças e memória.

A eterna brevidade da vida, o coexistir embricado do passado-presente-futuro, o ontem das reminiscências, o hoje do agora e o amanhã dos sonhos, aqui se apresentam e saltam aos nossos olhos.

SOBRE O AUTOR:

Joaquim Cesário de Mello (psicólogo e psicoterapeuta, bacharel em Direito e professor universitário. Escritor e poeta com participação em diversas antologias no Brasil e fora, é um poeta da temporalidade. Sua poesia transita em constante diálogo entre a transitoriedade e a permanência. E nessa interminável dialética, o tempo se torna importante argamassa poética a se transformar em versos, poemas e prosas. autor dos livros *A ALMA HUMANA* (2018), *A PSICOLOGIA NOS DITADOS POPULARES* (2020), *A VIDA COMO UM ESPANTO* (2022), *NO CEMITÉRIO DAS NUENS* (2022), *MEMÓRIAS DO ESQUECIMENTO* (2023). Este *VERSOS ACHADOS POR AÍ* é sua primeira publicação pela Mondrongo.

<https://www.editoramondrongo.com.br/versos-achados-por-ai/p>

O PRIMEIRO A MORRER

Serei o primeiro a morrer
depois que todos se forem
e ninguém mais de mim se lembrar

Serei o primeiro a morrer
quando meu apelido desaparecer
e meu nome for apenas mais um
nos cadastros frios dos e-commerces

Serei o primeiro a morrer
após meu Whatzapp se calar
e não ter mais bom-dia para me acordar

Serei o primeiro a morrer
tão logo só eu existir nos retratos
e as ausências comparecerem
no interior dos meus aniversários

Serei o primeiro a morrer
assim que não houver quem chorar
em meu velório repleto de fantasmas

Serei o primeiro a morrer
mas o último a chegar no céu
em que todo mundo estará lá a me esperar

CARTÃO POSTAL

Vou empilhar os dias passados
pôr em ordem todos os retratos
colocar as lembranças no saco
enfiar os livros preferidos na caixa
arrumar o que é íntimo na mala
vestir o terno que nunca vesti
pegar o bilhete da passagem
que não comprei nem ganhei
apenas estava na cabeceira
do berço no dia em que nasci
e hoje sua validade está expirada

Vou pegar minha bagagem
e viajar para o Infinito
que havia perdido no dia
em que minha infância me deixou

E quando chegar lá
vou te mandar um cartão postal
de um lugar bem bonito e azulado
ou de um negrume tão escuro
que não se pode enxergar nada

LADRÃO DE VERSOS

Vou furtar um verso da vida
capturá-lo em minha intimidade
pintá-lo com a cor dos meus afetos
enroupá-lo com meus vocábulos
retirar dele os excessos gramaticais
e depois gentilmente aprisioná-lo
no interior de uma página em branco
de um livro que ainda irei publicá-lo

Vou roubar um verso da vida
e com isso vou eternizá-lo

UM MINUTO A MAIS

De que adianta um minuto a mais
agora que sei que infâncias terminam
juras de amores um dia acabam
nenhum lugar do mundo é seguro
em dia de chuva casas desabam
a cura do câncer não foi descoberta
bruxas e fadas nunca existiram
bombas atômicas ainda são fabricadas
tem muita gente morrendo na África
de vez em quando se leva topada
nunca mais terei de ver meus pais
tudo que se constrói depois se destrói
o que está vivo daqui a pouco se vai
e onde foi que perdi minha bicicleta Caloi?

Mas basta um minuto
apenas um minutinho mais
pra te ver dormindo ao meu lado
como um sonho que de mim se fez realizado
e que nem tudo na vida é tão somente abstrato

Vou pedir ao meu bom deus
que quando chegar a vez da minha hora
faça-me o favor de me dar um minuto a mais

POEMA ABORTADO

Hoje abortei um poema
que foi expelido de mim
tão rápido
tão brusco
tão prematuro

Não fosse a pressa
essa inimiga da perfeição
deixaria de aniquilar versos
como se fossem diminutos minutos
ao invés de pedaços de uma vida inteira

No afã de um poema versos se quebram
que nem aquele braço fraturado
por andar ligeiro e apressado
sem olhar direito o chão da calçada

Tudo tem seu tempo
assim um poema deve ser gestado
afinal a poesia não tem prazo de validade
embora seja alimento para a alma
não tem vencimento e nunca fica estragado

Um poeta açodado
ansioso e acelerado
faz poemas com pés quebrados
que para se sustentarem precisam de muletas
ou vão passar pelos dias sentados ou deitados

Quando um poema demora a nascer
não é porque ele seja vagaroso e retardado
nem algo que se adie ou chegue atrasado

pois ele é feito de versos que sabem esperar
o momento certo de serem desabrochados

o destino de um poema tranquilo e sossegado
é de a ser agradavelmente degustado
e assim poder se transformar em imortalizado

SEPULCRÁRIO DOS MORTOS VIVOS

Dentro de mim há um vazio
lugar das coisas que me foram retiradas
e daquelas que jamais serão realizadas

Esta parte desértica de mim
foi se alargando com o passar dos anos
pois cada tempo em que o tempo se vai
algo se perde, acaba ou se desfaz

No terreno destinado às ausências
tenho ocos do tamanho da minha idade
e vácuos que esperam fazer aniversários

Mas para tudo que aos poucos se extravia
há um sepulcro para cada um reservado
encobertos por lápides que são feitas
com a mesma caligrafia das lembranças

A memória é o cemitério dos mortos vivos
onde nele habitam o que se perdeu
os desejos não consumados
os sonhos frustrados
a infância sumida
a juventude dissipada
e alguns outros escombros e destroços
das sobras de tudo que nos foi arruinado

Em meu vazio não escuto nada
mas faz em mim barulhos demais

QUARTAS À NOITE

São nas quartas à noite
que as almas se encontram
nos interiores escuros dos quartos

São nas quartas à noite
que o Sol se esconde
no interior dos guarda-roupas fechados

São nas quartas à noite
que as crianças morrem de medo
de que os fantasmas lhes roubem os sonhos

São nas quartas à noite
que no fundo das horas turvas
o silêncio gemido das paredes se ouve

São nas quartas à noite
que os crucifixos de latões dourados
protegem os dormentes dos vampiros insones

São nas quartas à noite
que as infâncias choram assustadas
e os anjos da guarda estão no céu albergados

São nas quartas à noite
que as estrelas morrem
os deuses fogem
e o Universo inteiro fica apagado

BRINCANDO DE DEUS

Hoje eu vou brincar de Deus
criar um Universo para ser só meu
onde o escuro tem sabor de chocolate
as estrelas são cristais de açúcar
e a Lua é sempre gorda e cheia
feita da mesma matéria de que são feitas
as bolas de sorvetes dos cremes de leite

Debaixo do céu vou criar o dia
e o Sol será da cor das rosas
que era a flor preferida da minha mãe
e no íntimo do dia vou conceber o mundo
com tudo o que há dentro dele
as plantas, os peixes, as aves
os répteis, os animais, os seres
e todos os meus amiguinhos
que nunca mudarão de rua
de bairro, colégio ou cidade

Vou abolir as aulas chatas de português
e a diretora da escola será Tia Inês
e os feriados serão triplicados
os fins de semanas serão aumentados
os confeitos, os pirulitos e os doces
serão sempre de graça dados
e as jujubas serão colhidas das árvores
como as mangas que roubava
da casa do meu vizinho francês

Em meu mundo reinventado
ninguém ficará gripado
nunca mais haverá qualquer doença

todos os boletins terão notas altas
frequentemente existirá festa de aniversário
nenhum adulto irá desaparecer
qualquer criança jamais vai crescer
a palavra morte será abolida dos dicionários
e até as formigas vão me agradecer

Eu hoje acordei com vontade
de brincar de Deus

VOYEUR DE SONHOS

Vou me esconder no fundo do armário
apenas para te ver pelo buraco da fechadura
dormindo sobre as fronhas transpiradas
enquanto no quarto que fica logo ao lado
estou sonhando com o íntimo dos sonhos teus

AOS MEUS FIÉIS LEITORES

Sou mais lido pelos mortos
do que pelos vivos

Meus fantasmas vivem
olhando o que escrevo
e se divertem com o medo
que tenho desta minha
repentina mortalidade

Os vivos não
eles estão preocupados
com o próximo capítulo da novela
ou em assistir nos streamings
as minisséries mais comentadas

Já os mortos que me cercam
sabem que nos poemas que faço
meus versos são sepulcros
onde conservo todos os fantasmas
que os revisito como se os dias fossem
sempre dias dedicados aos finados

Quando eu morrer
vou me encontrar com meus leitores
e com eles marcar uma noite interminável
para autografar os livros não comprados

CEMITÉRIO DOS MORTOS VIVOS

Trago na memória lembranças
de coisas que não existem mais

Aquele dia que já morreu no calendário
o instante passageiro que o ônibus levou
a criança que viveu fora dos retratos
os minutos que os relógios não guardaram
o rosto da minha mãe evaporado
os festejos que o tempo comeu
e um amontoado de átomos gastados

A memória é o lugar das ausências
um branco escuro que levo comigo
para todo canto que entro, saio ou sigo

A memória é uma residência cheia de fantasmas
quase como se fosse uma casa mal-assombrada

O DESAPARECIMENTO DO DIA

Fui dormir no hoje
e acordei no ontem
como se o amanhã
deste meu passado
não houvesse existido
nunca sequer acontecido
ou jamais fosse realizado

O que aconteceu com aquele hoje sumido
como pode um dia inteiro ter desaparecido
como se eu jamais tivesse nele vivido
embora em mim traga sonhos das lembranças
sobre um poema que ainda não escrevi
do sanduiche de queijo que ainda não comi
e do beijo que até agora não dei
no rosto adormecido da minha esposa
antes de sair de casa para ir ao trabalho?

Quem foi que me arrancou a data do calendário?

Mas quando este dia revisitado terminar
irei acordar no amanhã do hoje extraviado
realizar o poema que já havia realizado
comer mais uma vez o sanduiche já havia comido
e de novo beijar o rosto adormecido da minha esposa
antes de outra vez sair de casa e ir ao trabalho

Se a Terra dá voltas e voltas em torno do Sol
também sou eu quem todo dia ao hoje vou retornar

MIUQAOJ OIRÁSEC ED OLLEM

Se eu escrevesse ao contrário
miuqaoj oirásec ed ollem
ao ler não entenderia nada
mas se coloco na frente do espelho
será ali quem me vejo
no avesso revirado de mim
pois os espelhos nos compreendem
e nos veem além das aparências
com as quais encobrimos as sombras
onde estão todos nossos contraditórios
paradoxos e nosso mais íntimo adversário

O DIA INCOMPLETO

Este dia um dia vai acabar
com tudo que nele há
o sol que sempre me acorda cedo
a constante fome do menino e do rapaz
o contínuo horizonte do mar que vejo
meus vitalícios duráveis desejos
o permanente café com ovos e queijos
os frequentes olás que tenho que dar
o profundo infinito dos meus medos
e o perpétuo segundo fotografado
aprisionado na moldura fria do retrato

Todo dia um dia começado
haverá de ser um dia um dia terminado
ainda que o verso não esteja acabado
apesar do livro ainda não finalizado
dos mil e um filmes não assistidos
dos tantos sonhos até aqui não realizados
dos inúmeros restaurantes não visitados
dos numerosos compromissos agendados
dos fartos feriados que são esperados
da próxima temporada da série ter sido adiada
da carteira esquecida na casa da namorada
e de certos segredos até aqui não confessados

No fim de tudo
tudo sempre acaba
até mesmo este dia incompleto
que um dia irá de ir ao terminar
e isso é mais do que certo

SOU ALGUÉM QUE VEIO DO SÉCULO PASSADO

Como sou calvo, grisalho e antiquado
frequentemente livrarias e compro livros
sou alguém que veio do século passado
Como compro livros
tenho montes de livros em casa
sou alguém que veio do século passado
Como tenho monte de livros
tenho estantes nas paredes
sou alguém que veio do século passado
Como tenho estantes nas paredes
tenho uma biblioteca que fica num quarto
sou alguém que veio do século passado
Como tenho uma casa
com um acervo vasto de livros
e que tem uma biblioteca num quarto
significa dizer que sou
alguém que veio do século passado

A ESTRADA DOS TIJOLOS NÃO AMARELOS

Vim de ontem
e dele trago seus minutos
entranhados no interior mais íntimo
das minhas membranas plasmáticas

Embora tenha trocado de roupa
tomado banho e lavado o rosto
aquele ontem de onde cheguei
sigo do mesmo jeito que lá deixei

Sou um ontem ressuscitado
renascido, revivido e reanimado
pois todo depois traz em si
seu antes em que foi gerado

O ontem é o berço do hoje
em que aqui o progresso é lembrado
afinal se não me houvesse passado
meus pecados seriam inconfessados

Quem me designa quem sou
é o ontem que me estruturou
assim como hoje será meu ontem
ontem foi o hoje que o calendário dispensou

Não sei quantos ontens serão necessários
para chegar no amanhã em que não estou
mas quando lá de um ontem chegar
ainda irei de mim querer me lembrar

UM QUASE SONETO NU

Retirarei a máscara
a roupa de adulto sério que uso
e esta minha surrada fantasia de palhaço

Despir-me-arei das convenções sociais
de todas as regras gramaticais
dos limites das vírgulas e dos pontos finais
deixando apenas um punhado de reticências

Haverei de colocar interrogações
nos seus devidos e cabidos lugares
que é logo atrás das crenças e verdades
que em casa e no colégio me ensinaram

Vou me desnudar nos versos
tentar encontrar meus reversos
e me revelar por inteiro pela poesia

JOAQUIM E EU

Conheci Joaquim no dia em que nasci
embora ainda não lhe soubesse o nome

Dialogávamos com o silêncio das palavras
nos balbucios enjaulados dos berços

Crescemos juntos na mesma infância
como amigos únicos e inseparáveis
compartilhando os próprios brinquedos

Ele e eu e eu e ele jogávamos bola
e como erámos ruins dos pés
terminávamos sempre sendo goleiros

E a vida seguiu para nós
e nós acompanhamos a vida lhe seguindo
e de repente já erámos dois rapazes
e nunca mais fomos meninos

Estudamos em idênticas escolas
apaixonamo-nos pelas iguais meninas
e unidos chorávamos amores frustrados

Joaquim foi trabalhar na mesma data que eu
sendo próximos e vizinhos no trabalho
onde em sua mesa colada à minha
tínhamos sobre elas exatos retratos

Ambos nos casamos em fevereiro
no final da tarde do mesmo calendário
naquela igreja que ainda continua lá

E nós tivemos filhas
que têm a mesma idade
nascidas na mesma maternidade
que assim como nós cresceram
tiveram filhos
que os avôs conviveram
nas mesmas praias
dos gêmeos janeiros

Quando Joaquim sumir
vou desaparecer também
afinal, não sei viver sem ele

A HISTÓRIA DOS MEUS ESPELHOS

Foram tantos os espelhos
que ao longo da vida
do outro lado olharam para mim

O primeiro tinha um bebê
que se parecia muito comigo
e que me olhava sorrindo
com surpresa e alegria

Depois teve aquele espelho
que me ensinou a escovar os dentes
de cima para baixo
começando pelos dos lados
e terminando com os da frente

Alguns poucos anos seguintes
o mesmo espelho me viu banguela
como se tivesse aberto na boca uma janela
pelo leite dos dentes que não derramei

O terceiro espelho se assustou
com minha cara cheia de espinhas
só não enxergou minha agonia embaixo
porque envergonhado dele apagava a luz

Tenho saudades do quarto espelho
pois foi nele que apaixonado ensaiei
incontáveis juras eternas de amor
e nenhuma delas sequer foi cumprida

O mais triste dos espelhos
foi aquele que estava em janeiro

no dia em que penteei os cabelos
antes de ir ao enterro de minha mãe

Teve espelhos que me viram
inseguro e hesitante
inquieto, aperreado e confuso
enquanto outros me olharam
animado, jovial e vibrante
teve até um que me flagrou
esnobe, convencido e arrogante

Agora que o espelho do hoje
me contempla calvo e grisalho
com vincos cavados pelo tempo
será que por estar novamente desdentado
ainda vou poder retornar ao meu menino
e encontrar meu primeiro espelho?

Quantas faces deixei encravadas
nos meus tantos espelhos?

CANÇÃO DO AMOR ANTIGO

Nosso amor é anoso
tão velho e longevo
como a barba grisalha
de um deus pagão antigo
Nosso amor tem o pulsar cósmico
explosivo das estrelas
e o DNA do átomo primordial
que vem desde o primevo estampido
Nosso amor antecede ao Código de Hamurabi
ao mármore branco do Taj Mahal
ao farol apagado de Alexandria
a alvenaria das pirâmides do Egito
o genésico paterno dos fósseis primitivos
ao parente mais idoso de Matusalém
as flores e as plantas ornamentais
do Jardim Suspenso da Babilônia
ao brotar do primeiro siso da minha bisavó
e ao fruto do Paraíso não comido
Nosso amor não está impresso nos livros
nem Jane Austen nem Shakespeare
poderiam sequer haver de tê-lo escrito
pois sua caligrafia é feita com a mesma letra
do oxigênio invisível daquilo que é indiscreto
Nosso amor vem desde a Suméria
indo além da Babilônia e da Macedônia
trazendo consigo a sabedoria cultivada dos anciões
com a idade somada de todos os milênios
e só não é mais velho do que Deus
porque foi Deus quem lá atrás nos originou

A NOITE BAGUNÇADA

Meia-noite

e a Lua ainda não chegou

Os cachorros desorientados não latem

os galos dormem até mais tarde

os lobisomens não entendem nada

as corujas empertigadas de olhos arregalados

se ocultam por detrás dos galhos assustadas

os bêbados ficam mais embriagados

as pessoas perdidas não sabem voltar pra casa

os radares dos morcegos são revirados

os amantes esgotados desmaiam fatigados

os vagalumes têm suas luzes desligadas

porque o atraso da Lua deixou a noite bagunçada

Terá a Lua se libertado da gravidade

e seguido para frente em linha reta

em busca de um novo planeta que lhe seduza

e que lhe atraia com um piscar de olhos magnéticos

ou será que a Lua assim desencarcerada

vai voar pelo espaço como um fantasma

a assombrar as estrelas das outras galáxias?

O que saberão os relógios sobre as horas notívagas

se as noites não tiverem mais suas Luas

a lhe separar a escuridão pela metade?

A LINGUAGEM SILENCIOSA DAS ESTRELAS

Entre mim e aquela estrela
uma noite inteira nos separa
Não fosse o barulho das ruas
o buzinar agoniado dos carros
o burburinho que vem dos bares
os cachorros que ora latem
e a algazarra das crianças insones
do apartamento do vizinho ao lado
todo um silêncio nos interligava

O que sei eu das estrelas
elas que não sabem nada de mim?
E se soubessem o que saberiam
já que nem eu direito sei quem sou?

Nos meus tempos de mocidade
nas poucas aulas de Física que não gaseava
aprendi serem as estrelas feitas de gases e poeiras
diminutos pedaços turbulentos de calor
que aquecem o outro lado do Universo
no oposto da noite em que aqui estou

Dizem que as estrelas falam no dormir dos homens
mas teve noites em que me fingi na cama dormente
inerte com as pálpebras dos olhos fechadas
porém com os ouvidos bastante aguçados
e o que escutei foi o sossego infinito do espaço
Talvez o silêncio seja o idioma das estrelas
e eu ainda preciso ser nele alfabetizado

Da gravidez das estrelas nasce a luz
que sem a Lua, as lâmpadas e os postes

não iluminam o interior escuro do meu quarto

Um dia

quando conhecer falar a língua das estrelas
e me tornar versado em conversar em silêncio
vou perguntar a elas em que lado do Cosmos
é o acomodado lugar onde os anjos dormem

O VIDENTE

Quisera eu
quisera eu
ter uma bola de cristal
poder ver meu passado
e nele com que agora sei
ter te visto mais cedo
namorado antes da hora
noivado contigo no dia seguinte
e casado imediatamente depois

Quisera eu
quisera eu
que no meu passado revisitado
soubesse ler meu futuro nas cartas
e aí teria te conhecido no berçário
saídos de mãos dadas da maternidade
assoprar juntos a vela do teu primeiro aniversário
brincarmos de casinha na infância
descobrir teu corpo na puberdade
apaixonar-me por ti na mocidade
e estar ao teu lado no chegar da maioridade

Quisera eu
quisera eu
ter o dom dos profetas
ver com clareza o que não está no presente
ter nascido Nostradamus
de uma mãe cigana
e de um pai tarólogo
neto uma avó africana
parente distante de Cassandra

Quisera eu
quisera eu
saber o depois do amanhã
no anteontem do meu antigamente
então tudo me seria diferente
no hoje que te teria na memória
com lembranças mais precedentes
e em todos os dias de todas as semanas
em todos os meses de todos meus anos
seria sempre satisfeito, feliz e contente
no conjunto somado de todas minhas idades

Quisera eu
quisera eu

O ACENDEDOR DO DIA

Vou desligar a noite
e acender a luz da manhã
no escutar do vozear dos pardais
no imo dos tímpanos dos meus ouvidos

No cochilar residual da cidade
o silêncio ainda exala resíduos noturnos
logo varridos pelo caminhão do lixo
que atrasado chega para o serviço
enquanto espanto os monstros de volta
ao interior dos armários de onde
vou retirar minha melhor roupagem
e me encobrir de azul claro amarelado
como se eu fosse a aurora do dia

Aos poucos que nem uma aranha
o nascer da alvorada vai tecendo sua teia
no entrançar dos fios madrugados
para capturar os futuros acordados
na trama dos dramas nossos de cada dia

Quem sou para avisar os até agora dormentes
que a noite já se foi carregando consigo os sonhos
e que o Sol nos espera no abrasar suarento
neste verão estufado e calorento à beira-mar
deste imenso Oceano Atlântico nordestino?

No espreguiçar das pálpebras
sou eu quem acendo o dia

QUANDO AS TARDES CHORAM

As tardes parecem intermináveis
quando chovem

O acinzentado do céu escurece o dia
no recolher prematuro do Sol
enquanto as nuvens lacrimejam saudades
sobre a cabeça das casas, dos homens e das árvores

Toda uma melancolia molhada
escorre pelos ocultos da cidade
no escorregar solitário das almas
e no esvaziar das praças e das calçadas

As tardes quando chovem
trazem o murmurinho dos pingos
e o vento frio dos horizontes
congelando o tempo no entorpecer
sonolento e embaçado dos relógios

As águas das tardes chuvosas
arrastam dejetos pelas ruas
e os barquinhos de papel das crianças
em rios que não vão dar no mar

Quando as tardes chovem
o mundo fica em suspenso
apenas para ver o seu chorar

AS CEROULAS DO MEU AVÔ

As ceroulas do meu avô
são do tempo das coisas findas
época em que se andava de bonde
e as calvícies eram encobertas por chapéus

As ceroulas do meu avô
remonta a datas que já não existem
quando as mulheres usavam boleros
as praias pareciam distante e desabitadas
e os jovens dançavam ao som do swing

Naqueles dias sepultados sob o esquecimento
doença se chamava de achaque
bagunça e baderna era fuzarca
quem era cupido era alcoviteiro
alma sebosa tinha o nome de calhorda
e se hoje fosse ontem as ceroulas do meu avô
seriam chamadas de estrovenga

As ceroulas do meu avô
tem a idade de um século
feitas com finos fios de algodão arcaicos
lavadas nas águas límpidas dos rios
que o passar dos anos secou

As ceroulas do meu avô
vieram antes de mim
e como não há fotos dele quase pelado
eu nunca conheci as ceroulas do meu avô

Ah, que saudades tenho
das ceroulas do meu avô!

O TEMPO INTERROMPIDO

De repente o tempo parou
e ninguém me avisou

Passei pela tarde
como se estivesse na manhã do dia
e a noite para mim nunca chegou

E os minutos ficaram iguais
as horas se tornaram idênticas
os dias se seguiram similares
os meses e os anos sumiram
e desde então não sei mais
o que é assoprar velinhas
cantar parabéns para mim
e fazer de novo aniversários

No desaparecimento do tempo
fiquei confinado ao passado
em um presente continuado
onde o amanhã do hoje se ofuscou

Desde então
fico na imortalidade da memória
esse povoado impregnado de ontem
onde nele o tempo me desabitou

BLUE SKY

No céu azulado da infância
habitavam anjos e arcanjos
além dos santos canonizados
para quem minha mãe tanto rezava

Sob o céu azulado da infância
os dias nunca terminavam
apenas às noites escureciam
e depois de manhã retornavam

O céu azulado da infância
era feito de ladrilhos azuis
que sempre eram limpos
no amaciar algodoado das nuvens

Sob o céu azulado da infância
tudo estava no mesmo lugar
a escola, os vizinhos, os amigos
os tios, os primos e meus pais
assim como a casa em que morava
que o céu azulado da infância tudo levou
quando o azul do céu da infância desbotou

MEU ANJO DA GUARDA

No Universo ateu em que vivo
todas as noites meu anjo da guarda reza por mim

Não sei de que céu meu anjo caiu
apenas sei que ele é meu mais fiel amigo

Meu anjo não é de pedra
nem é pintado como são os anjos das igrejas
pois ele é feito do que são feitas as coisas invisíveis
como o oxigênio, o grão da poeira e o sopro do vento

Meu anjo da guarda me abraça
com o proteger das plumas de suas asas
e me consola com seu hálito perfumado de estrelas

Acho que meu anjo da guarda
foi minha mãe que dela me emprestou
no dia em que ela foi coabitar com Deus

No Universo ateu em que vivo
todas as noites minha mãe reza por mim

NADA MAIS SERÁ COMO ANTES

Nada mais será como antes
depois que eu já não viver mais

O Sol brotará indiferente
vindo por detrás do horizonte
a iluminar o quarto em que estou ausente
onde outra pessoa estará dormindo
sonhando sonhos que não são os meus

O espelho que está no banheiro
não mais enxergará minha nudez
e a água na qual me banhava no chuveiro
será como o rio de Heráclito a me levar
ao salgado interior distante do mar
em cujas ondas ali não irei mais surfar

Nunca mais se ouvirá minhas palavras
as faladas, as escritas e as sonegadas
assim como os versos que não escrevi
jamais encontrarão olhos de gente
e o Mundo será privado do poema que não leu
e o Universo perderá o poeta que não conheceu

Na fruteira as bananas que não comerei
apodrecerão órfãos da minha boca
as calçadas não terão minha sombra
as aliviar da quentura dos verões vindouros
e as formigas se alegrarão por sobreviverem
ao esmagar dos calçados que não mais porei

Quando eu daqui sumir
nada mais será como antes

As manhãs não serão as mesmas
as árvores vão viver encurvadas de nostalgia
as chuvas serão lágrimas choradas das nuvens
as traças e os cupins farão greve de fome
todos os dias serão feriados de finados
ninguém mais irá retirar poemas da Poesia
as livrarias fecharão as portas em minha homenagem
e o Cosmos se encobrirá com o negro do luto
ficando taciturno por toda a sobra da eternidade

O OLHAR INVERTIDO DAS ESTRELAS

O que vê aquela estrela quando me olha
este meu olhar contemplando o olhar dela?
O que pensa essa estrela me vendo
fumando debruçado sobre a janela
será que ela me enxerga embaçado
pelo nebular vaporizado do cigarro
ou será que ela acha que sou
sobras da última brasa que restou
de uma fogueira ainda não apagada?
Li em algum lugar que a distância entre nós
é de quatro milhões e meio de anos luz
e quando ela finalmente na noite me avistar
já estarei no escuro do outro lado do Universo
e aí então eu serei mais velho do que ela
Ah! se aquela estrela soubesse
os versos que agora lhe faço
talvez me fitasse mais cedo
antes das labaredas findarem

DEPOIS DAS NUVENS...

No escalar das nuvens
vou chegar até o pico do Everest
e lá alcançando subir mais uns metros
para ficar próximo das estrelas
e menos distante de Deus

MINUTO GOSTOSO

Quero mais um minuto
mas que seja um minuto molengo
como são os minutos domingueiros
por não se precisar acordar assim tão cedo
e ficar se espreguiçando sobre a cama do tempo

Quero mais um minuto
que se passe manhoso e dengoso
do tamanho do minuto brando e carinhoso
que era como ficava ao receber gripado
os raros beijos molhados da boca da minha mãe

Quero mais um minuto
do mesmo jeito do minuto após a pelada
tomando uma cerveja estupidamente gelada
derretendo que nem sorvete de baunilha
sob um sol incendiado e escaldante de meio-dia

Quero mais um minuto
entusiasmado e exultante
parecido com aquele do passado
depois que encontrei meu nome completo
na lista dos aprovados no vestibular daquele janeiro

Quero mais um minuto
igual aos minutos serotoninérgicos
que se sucedem aos orgasmos transpirados
em nossos corpos iluminados pela luz do luar
aclarando o quarto apagado durante uma noite de amor

Quero mais um minuto

prolongado, meiguiceiro e deleitoso
para devagar te ver fechando os olhos
antes de ingressar nos minutos do sono
em que aguardo te encontrar comigo sonhando

LEMBRE-ME

Só há uma vida nesta vida
e ela não é para sempre

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

Só existe uma pessoa em cada pessoa
e somente ela sente o que sente

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

Cada um tem a memória que tem
e todas as histórias são sempre diferentes

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

Ninguém é similar ao outro
nem o outro é igual a ninguém

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

As fomes são tão desiguais e divergentes
ainda que todos tenham em si suas apetências

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

E quando a poesia terminar
e nenhum verso mais há de se falar

todos iremos ao destinado mesmo lugar
no iluminado apagar do interior da gente
Lembre-me...
Lembre-me...
Lembre-me...

AS PAREDES BRANCAS DO MEU QUARTO

Quando cá cheguei
já existiam as paredes brancas do meu quarto

Junto às paredes brancas do meu quarto
revelei meus sonhos
meus amores e dessabores
minha nudez descoberta
e o trocar de todos os disfarces

Em meio às paredes brancas do meu quarto
nasci, cresci, vivi, amadureci, envelheci
e quando daqui partir
para onde se vão aqueles que partem
as paredes brancas do meu quarto irão continuar

Quero a imortalidade
das paredes brancas do meu quarto

UM DIA EU CHEGO LÁ

Um dia eu chego lá
demore o tempo que passar
custe aquilo que custar
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá
não importa o tamanho da estrada
os obstáculos que devo superar
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá
andando por onde caminhar
pela terra ou por cima do mar
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá
seja de carro, de trem ou de avião
de navio ou de carona em caminhão
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá
indo em frente e às vezes na diagonal
até rodando em círculos que nem espiral
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá
e lá alcançando vou dormir
não por estar cansado ou exausto
apenas porque um dia eu cheguei lá

QUANDO FOR PARA O INFINITO

Quando for para o infinito
vou então deixar esta vida de lado
meus poemas não terminados
as cartas de amor dos tempos de enamorado
a lista de compras do supermercado
e todos os boletos previamente quitados

Quando for seguir em frente
para onde não existe mais em frente
vou me ausentar das horas do jantar
não ter mais com o que me preocupar
nem escolher a roupa para ir trabalhar
deixar de levar o cachorro para passear
e no refrigerador uma cerveja Stella Artois

Quando me ofuscar no perpétuo
perderei meus poucos retratos
jamais terei de ser beato
esquecerei na gaveta os certificados
daqueles cursos por mim cursados
minhas certidões de nascimento e de casado
e na agenda o horário com o médico marcado

Quando meu sumiço fizer parte do infinito
quem irá então ficar com minhas meias
e este meu punhado de sonhos desabrigados?

BISSEXTO

Vou fatiar os dias
em quatro retalhos
distribuindo cada pedaço
pelos anos do meu calendário
e me tornar assim bissexto
Tornando-me bissexto
vou fazer menos aniversários
Fazendo menos aniversários
quando minha velhice terminar
vou então morrer de juventude

DE QUANTAS VIDAS SE FAZ UMA MORTE

Na primeira vez não morri por um triz
Na segunda a morte errou de endereço
Na terceira fui eu que me escondi
Na quarta ela ficou presa no trânsito
Na quinta era o feriado de finados
Na sexta a morte se esqueceu de mim
Mas da sétima vez não escapo
Pois minha esposa vive sempre dizendo
Que para ela eu sou um eterno gato

APENAS UM BOTÃO

Um botão
apenas um botão
e tua nudez será desvelada
Um botão
apenas um botão
e meu amor se tornará carne
Um botão
apenas um botão
e o paraíso será reencontrado
Um botão
apenas um botão
e a noite será interminável
Um botão
apenas um botão
e o resto é somente Humanidade
Um botão
apenas um botão
não mais que um botão
nos separa do entrelaçar
da minha com a tua felicidade

DIAS FEIOS

Que dia feio
que dia triste
que afugenta e assusta
o deus nos acuda das algazarras

Dias feios acinzentam
o encardido cinza das cidades
e é quando os passarinhos
não voam e nem cantam
apenas se escondem do frio

Que dia feio
que dia tristonho
que expulsa as formigas das calçadas
por não quererem se afogar ensopadas

Nos dias feiosos
o céu se torna grisalho
a manhã se faz esquisita
os minutos duram lentificados
e até as nuvens ficam gripadas

Porém
são nos dias feios
lagrimosos e encaramujados
que me retraio para dentro
afim de me amornar com o sol
que trago no interior aquecido de mim

ADÃO E EVA

No paraíso
um mais um é igual a dois

Fora dele
um mais um gerou três
e do três... se começou
toda uma humanidade

#@%£@§&*¥

No tempo dos nossos avós
se xingava assim:

"seu mentecapto"

"sua mequetrefe"

"você é um beócio"

"ela é uma mocosona"

"aquela ali é uma janota"

"seu energúmeno"

"calhorda"

"meu chefe é um biltre"

"sua alcoviteira"

"seu pulha"

"vá tomar banho na soda"

"vá catar coquinho"

"ele é um chato de galocha"

"vai tomar na tranqueira"

"você é um purgante"

"filho de uma que ronca e fuça"

Já não se fazem mais
palavrões como antigamente

ESTOU COM SONO, MAMÃE

Estou com sono, mamãe
estou com sono de acordar
e me ver em um quarto vazio
em que você não está mais lá

Estou com sono, mamãe
estou com sono

POEMA PSICANALÍTICO

Minha alma é tripartite
que nem a de Platão

Meu ID é lacaniano
meu EGO é escorpiano
e meu SUPEREGO tem a mesma imagem
que o lago projetou aos olhos espantados de Narciso

No umbigo de quem sou
trago lembranças recalçadas
de um tempo em que não falava
onde não sabia nada de relógios
ainda não tinha conta bancária
nunca havia feito aniversários
e o mundo e a eternidade eram apenas
uma contiguidade prolongada de mim

Meu Complexo de Édipo jamais foi desvendado
nem sequer consegui casar com minha mãe
mas todo objeto de amor por mim idealizado
tem o cheiro das fragrâncias dos seios kleinianos

Quem me vê assim tão Joaquiniano
não sabe que por dentro sou todo freudiano

PUER AETERNUS

Todo ser humano nasce bebê
e todo bebê humano nasce prematuro

Nenhum ser humano já nasce
pronto e preparado para viver o mundo
cujo mundo somente nos nasce aos poucos

A criança é um poço infundo de curiosidades
e é constantemente aberto às experiências
Toda criança é lúdica, imaginativa e criativa
é ousada, solta, liberta, afoita e ligeira

É na infância que plantamos
fazemos brotar e florescer
o que como adulto iremos colher

Às vezes tem adultos que precisam
voltar ao puer da infância
para poder como adultos crescer

MEUS DITADOS NÃO POPULARES

Na era do exibicionismo
quem é anônimo é rei
Quem se auto cancela
nunca é cancelado
Seja troiano
não olhe os dentes de um cavalo dado
Brincadeira de morto
é fingir que tá vivo
Por detrás da sombra
há sempre algum escuro
De noite todo mundo é bonito
até no outro dia você acordar com ele
Amar é gostar
da flatulência do outro
Povo é tudo aquilo
que não é elite
No galinheiro
todo galo é galinha
Bacabal de hortaliças
é salada
No jogo do bicho
quem joga na vaca não é vegano
Pitbull de madame
é poodle
Quem nasceu pra peixe
vive molhado
Quem busca ser perfeito
quer ser marciano
De grão em grão
a galinha vai pro abate
Na vida digital
quem quer morrer desliga o celular

Narcisista é aquele que se olha
no espelho do lado contrário
Quando não se está inspirado
se escreve besteiras como estas

THE BOOK IS ON THE TABLE

Se os segundos forem letras
se os minutos forem sílabas
se as horas forem palavras
se os dias forem frases
se as semanas forem parágrafos
se os meses forem capítulos
e se os anos forem as páginas
onde tudo acima estiver impresso
então sou um livro velho e usado
escrito da esquerda para a direita
com dezenas e dezenas de páginas
em uma caligrafia quase ilegível e sinuosa
com vários capítulos incompletos
cheio de parágrafos desbotados
em um amontoado de frases labirínticas
por cima de um oceano de palavras angulosas
formando um texto confuso e caótico
sobre uma mesa de um sebo mofado

Deus escreve certo por linhas tortas

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE AMOR

Eu não te amo porque quero
mas porque meu coração quer

Por mim não te amaria
porque por mim ninguém amaria
mas sem você, quem eu seria?

Te amo porque te amo
senão não amaria
mas se não te amasse
aqui não escreveria

O amor não tem razão
nenhuma explicação lógica e objetiva
mas por ser da ordem do coração
é um treco irracional e subjetivo

Te amo porque não sei fazer outra coisa
e mesmo que soubesse iria te amar
mas não te amo pra somar nossas vidas
e sim para dividir minha vida com a tua

Te amo nem sei por quê
mas amar não tem porque
apenas como, onde e pra quê

Te amo porque tenho fome
fome de amar as horas de todos os dias
das horas dos dias em que tu estás

Te amo como a boca de um recém-nascido
ama o bico do seio de sua mãe

e por isso acordo para nascer de novo

Te amo porque te amo
feito Drummond amou
feito Vinicius cantou
feito Neruda declamou

Te amo porque te amo
e que se dane o resto

ENTRE O MENINO E O VELHO

Havia um homem
Havia um menino
E no meio um jovem

Havia um homem
Um rapaz e um menino
E na frente havia um velho

Havia um velho
Que conduzia o homem
Que puxava o jovem
Que carregava o menino
Que trazia o ontem
Na anamnese do hoje
Das recordações do jovem
Que estão nos pensamentos do homem
Que fazem amanhã as lembranças do velho

Havia o testemunho da memória
Os sonhos sonhados de outrora
O evocar nostálgico do agora
O dissolver constante do instante
E a incerteza do depois e do mais adiante

O MAIS BELO POEMA

O mais belo poema que fiz
eu nunca escrevi

O mais belo poema que fiz
não tem palavras ou regras gramaticais
não sabe das datas nem dos horários
e sequer conhece o existir do não

O mais belo poema que fiz
foi retirado da matéria dos sonhos
e do mundo onírico permeado de escuridão

O mais belo poema que fiz
tem o som sussurrante das entranhas
como se fosse uma valsa vienense
musicada pela cadência pulsante do coração

O mais belo poema que fiz
é pintado inteiro de vermelho
de cima pra baixo
de um lado ao outro lado
e por todo apertado meio

O mais belo poema que fiz
é mais úmido e molhado
que o fundo profundo de um oceano
de onde se escuta vindo de longe
o canto hipnótico e calmante das sereias

O mais belo poema que fiz
é sem gosto e sem cheiro
mas tem o sabor e o aroma

do sândalo e da rosa turca
da pele do pescoço da minha mãe

O mais belo poema que fiz
fiz no último instante anterior
ao minuto do dia em que nasci

VOU, AMOR, VOU...

Vou, amor
vou
Se antes ou depois
não sei
só sei que vou

Vou, amor
vou
Vou para o Shangri-Lá
do Horizonte Perdido
Vou
para Valhalla de Odin
Vou
para o Olorum dos espaços infinitos
Vou
para o Nirvana de Buda
Vou
para o sétimo céu
gerenciado pelo Arcanjo Gabriel

Vou, amor
Vou
Vou para o oásis verdejante
do Islão
Vou até antes de Adão e Eva
terem comido o fruto proibido
Vou para o Éden
de que minha mãe falava

Vou, amor
Vou
Vamos nos encontrar

logo ali onde fica o Paraíso

Vou, amor

vou

Vamos nos encontrar

logo ali onde fica o Paraíso

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Vou fazer de conta
que sou teu príncipe encantado
e te resgatar da parte mais triste do teu passado

Vou fazer de conta
que tenho um tapete alado
e voar contigo juntinho ao meu lado

Vou fazer de conta
que sou o gênio da lâmpada mágica
atender ao meu desejo de ser por ti amado

Vou fazer de conta
que és minha Cinderela no baile
e dançar contigo com o relógio parado

Vou fazer de conta
que tens os longos cabelos de Rapunzel
e subir neles até alcançar o céu

Vou fazer de conta
que me transformei num sapo
apenas para ganhar teu beijo e contigo me casar

No final das contas
casando-me contigo vou viver feliz para sempre
pois é para sempre que fui condenado a te amar

VOU TE AMAR COMO NO CINEMA

Vou te amar como nos filmes de Hollywood
e te dizer I Love You também

Vou te beijar feito um Clark Gable desvairado
e te abraçar como se fostes minha Greta Garbo

Vamos formar um par perfeito
pois nosso amor é amor verdadeiro
que nenhum vilão ou bruxa má
haverá de nos impedir ou nos separar

Vou te levar para a Lagoa Azul
morarmos juntos em Casablanca
viver o Lado Bom da Vida
ser teu Shakespeare Apaixonado
dançar contigo em Ritmo Quente
ao som das músicas de Ennio Morricone

Vou te amar como nos cinemas
e no nosso filme não haverá The End

SOBRE UM POEMA INACABADO

E eis então que
o chão da terra tremeu
os pássaros silenciaram
os cães se calaram
o mar da praia secou
o despertador não tocou
minha esposa não acordou
o carteiro não chegou
a internet não funcionou
o cigarro se apagou
o carro do ovo não passou
as igrejas ficaram fechadas
a guerra acabou
o sol esfriou
o dia sumiu
a noite não chegou
o céu desapareceu
o universo encolheu
e este poema jamais terminou

O MUNDO VISTO PELO UMBIGO

Meu mundo começa como enxergo
e termina naquilo que vejo

É pelo olhar da alma
que olho o chão da terra em que piso
e tudo que percebo e reparo
tem a translucidez das lentes que eu trago
(o mundo tem o tamanho do horizonte que alcanço)

Minha mundividência tem o som das crenças
o ruído sussurrado dos sentimentos
o murmúrio balbuciante dos sentidos
o gaguejar cochichado dos valores
e o soluçar gemido dos livros lidos

Quando eu sumir do Mundo
vou chegar para Deus e dizer
"eu vi o mundo
ele se inicia e se finda comigo"

O CERTO, A VERDADE E O INDUBITÁVEL

Quando tinha 21 anos
estava certo de que seria advogado
Hoje faz 40 anos que sou psicólogo

Há mais de 2000 anos atrás
meus ascendentes acreditavam que o Olimpo
era habitado por um amontoado de deuses
Hoje todos esses deuses estão mortos

No século passado minha mãe sonhava
com um céu cheio de anjos e santos
Hoje quando o olho o céu de minha mãe
encontro-o vazio e não vejo nada

Há décadas atrás a verdade era uma coisa
mas décadas depois a verdade era outra coisa
Hoje não sei mais o que é a verdade

Quando nasci eu era iletrado
Quando cresci fui alfabetizado
Hoje sou analfabeto dos meus afetos

Tudo o que é certo
correto, claro e verdadeiro
amanhã pode ser mudado

Cada certeza tem seu prazo de validade

ESCRAVO DO ONTEM

Sou escravo do que veio antes do hoje
de um ontem que ainda não terminou

Sou filho da Literatura
e primo próximo do Cinema
Em mim
há mais páginas lidas do que neurônios
meus ácidos nucleicos são paternos
metade dos meus cromossomos são maternos
e meu temperamento é sanguíneo e colérico

Em minha subcutânea subjetividade
sou afilhado do que conheci e aprendi
mas também sou comparsa do que esqueci

Quem quiser entender do meu passado
não precisa encontrar meus velhos retratos
nem cascavilhar o baú de lembranças
que guardo no fundo escuro do armário
basta me olhar no andar do presente
pois ali estão os rastros do que trago

Quem me vê assim calado
saiba que estou dialogando com o passado

Sou escravo do ontem
e condenado estou a comigo levá-lo

AMOR SEM ECO

De tantas palavras mal ditas
a mais maldita é o silêncio diante do amor
Não o silêncio da compreensão
ou o silêncio do acolhimento e do consentimento
mas o silêncio do descaso e da falta do cuidado
o silêncio do desdém e da desconsideração

Nada mais dói a quem ama
do que a indiferença
a ausência da reciprocidade
a impassibilidade frente ao afeto
e o menosprezo ante ao apreço

Infeliz o destino de um amor macambúzio
de um amor que não encontra seu eco
de um amor sem a devida mutualidade
de um amor sumido no mar da omissão

Ah, meu amor
não importa que me ames
nem que gastes da minha pessoa
mas sim que tu ames o amor que sinto por ti

NO ÚLTIMO DIA DE MARÇO

No último dia de março
do ano da Copa do Mundo na Argentina
conheci uma garota recém ingressa na maioridade
que no meio da noite por perto de mim passava

Não sabia, então
que flertava minha namorada
que cativava minha noiva
que cortejava minha esposa
que papeava com a mãe da minha filha
que namoricava a avó dos meus netos
e que passaria o resto da minha vida com ela

O resto da minha vida
começou no último dia de março
daquela remota noite do século passado

CANÇÃO DO AMOR INFINDÁVEL

Quando meus neurônios se encontram com os teus
meu desejo é ser objeto do teu mais íntimo desejo

Quando nossos sonhos se entrelaçam
meu sonho é me sonhar dentro dos teus

Quando te vejo olhando os olhares meus
e neles tu vês o bailar das minhas retinas

Quando a noite nos encobre em seu lençol estampado de estrelas
e o calor do meu corpo se aconchega no agasalhar da tua fogueira

Quando as palavras se calam para escutar o conversar das línguas
no afogar das mágoas no estuário banhado das nossas bocas

Quando a saudade estiver se construindo em gerúndios
e no futuro do amanhã que ainda chegou for lembrança

Quando gastarmos os solados dos sapatos
restar-nos-á os pés descalços a caminhar

Quando meu peito estiver colado ao teu
estamos bailando a ária que Deus escreveu

Quando tudo acima não mais existir, amor
é porque fomos continuar no outro lado da eternidade

APENAS HUMANO, POR DEMAIS HUMANO

Não posso me curar de mim
logo eu que nasci colado à cara

Não posso apagar os erros que cometi
mas posso aprender com eles
Me confessar
pedir desculpas
rezar um pai-nosso
três ave-marias
depois fazer jejum
e novos erros praticar

Magoei
machuquei
ofendi
pequei
menti
fiz quase tudo
que um ser humano sempre faz

Xinguei
e fui xingado
Transviei
e fui extraviado
Falseei
e fui enganado
Feri, afrontei
mas apanhei
e fui maltratado
Vivi quase tudo
que um ser humano
vive, sofre e sempre faz

Freud dizia que
existimos como se fôssemos de ferro
porém somos feitos de carne
Em meu corpo há desejos
que até deus desconhece
ainda assim cometi coisas
que poderia também ser santificado

Sei que errar é humano
mas quando erro me sinto culpado
Se erram comigo, então,
de pronto já fico todo irritado
Minha melhor imperfeição
é não conseguir ser perfeito
e sim incompleto, falho
incorreto e inacabado
que nem sempre anda direito
pois também piso com o pé esquerdo

É preciso coragem de ser quem se é
não temer ser tachado ou acusado
pois fomos escritos e criados
por uma divina caligrafia sinuosa
ou foi a natureza que nos fez
pra tentarmos acertar sendo errados

Quem tem medo de errar
deixa por sua vez de viver
e quem, vivo, não vive
está por inteiro
perfeitamente errado

Não brotei das ciências exatas
por isso sou ambíguo
impreciso, indefinido e inexato

Não posso me curar de mim
já que no espelho me vejo humano
e nasci comigo colado à cara

HOJE VOU LEVANTAR COM O PÉ ESQUERDO

Hoje vou levantar com o pé esquerdo
e me arrumar direito

Hoje vou sair pela porta de trás
descer pelo elevador de serviço
dar bom-dia ao gato que dorme na garagem
pegar o carro e desligar o rádio
para escutar o canto dos pássaros

Hoje vou pelo o oposto do ontem
entrar na contramão do amanhã
e rumar para os minutos que me esperam
no outro lado extremado da cidade

Hoje vou ser diferente
pois ser igual a mim mesmo já entendo
apenas ainda não sei o que me há por dentro
além das cercanias daquilo que já conheço

Hoje vou visitar o túmulo dos meus pais
que não vejo desde o século passado
quem sabe lá não encontre o que havia deixado
no caminho que a vida retirou de mim?

Hoje vou saber afinal quem sou
juntar meus contrários e inversos
e como eles e eu fazer versos diversos
que fujam do comum que escrevo

Hoje vou levantar com o pé esquerdo

A HISTÓRIA DE TUDO

Há 15 bilhões de anos atrás
A estrela mais antiga não brilhava
Há 5 bilhões de anos atrás
Nem a Terra por aqui existia

Há 500 milhões de anos atrás
Os dinossauros não existiam
Há 10 milhões de anos atrás
Não haviam homínídeos

Há um milhão de ao atrás
O homo erectus não havia nascido
Há 500 mil anos atrás
Nem o homo sapiens havia surgido

Há 20 mil anos atrás
A Mesopotâmia era apenas terra molhada
Não haviam cidades nem altares
E os dinossauros não existiam mais

Há 5 mil anos atrás
O império romano não existia
Não havia Teogonia
E ninguém sabia o que era Filosofia

Há mil anos atrás
Galileu não havia nascido
O Brasil não tinha sido descoberto
E o calendário gregoriano não existia

Há 500 anos atrás
O telescópio ainda não tinha sido inventado

A Lei da Gravidade não era conhecida
E a Modernidade não existia

Há 100 anos atrás
Meus pais não se conheciam
A Rede Globo não existia
e ano terminou numa quarta-feira

No ano passado
Este poema não existia
Eu continuava vivo
E nada disso me importava

Hoje penso no tempo
Nas coisas que não conhecerei
Do que deixarei de estar vivendo
Enquanto a História continua seu passo

UMA TARDE COMO AQUELA

Quero uma tarde como aquela
minha mãe debruçada na janela
vendo o dia andar frente a ela
como se as horas fossem aquarelas

As roseiras vermelhas do jardim
oscilando como barcos no mar
sopradas pelo vento que vem
do cais do porto próximo da casa
e minha mãe envergada na tarde
observando o tempo pela janela
passando devagar por ela

Quero uma tarde como aquela
a carrocinha do vendedor ambulante
vinda sabe-se lá de onde
com sabonetes e brilhantinas
talcos, pentes e perfumes
de porta em porta transitando
e minha mãe olhando o mundo pela janela

Quero uma tarde como aquela
eu remexendo o húmus da terra
procurando o ouro escondido das botijas
e com meus dedos encardidos de infância
brincando com o estica e enrosca das minhocas

Quero uma tarde como aquela
minha mãe na janela
as rosas do jardim
o mascate passando
eu me sujando de terra

e o dia se pondo
levando a tarde
e o menino dentro dela

A PROPÓSITO

A propósito
O dia não nasce
O dia desanoitece

A propósito
A vida não começa
Ela continua naquele que nasce

A propósito
A morte não existe
É a vida que foi embora

A propósito
Às vezes penso o que seria do mundo
Acaso acabassem as formigas

A propósito
Se o Sol desaparecesse
Tudo ficaria no escuro

A propósito
Um dia vou escrever um poema
Que fale sobre isso

A propósito
Que dia é hoje?

SOBRE O TEMPO EM QUE HAVIA TEMPO

Sou do tempo
das aulas de caligrafia
das letras cursivas
arredondadas e bonitas
escritas à lápis ou com caneta
no branco nevado dos papéis

Sou do tempo
dos números juntados nas tabuadas
das réguas de cálculo
de contar com os dedos
dos desenhos e colagens
e dos jogos de quebra-cabeça

Sou do tempo
dos relógios de ponteiro
dos pinguins em cima das geladeiras
das vitrolas e dos rádios bivolts
das calças curtas dos meninos
e das saias rodadas das meninas

Sou do tempo
do iê-iê-iê rebolado
das pílulas anticoncepcionais rosadas
dos telefones de gancho
das chaleiras em ferro batido
e do Bombril nas antenas de televisão

Sou do tempo
do tijolinho mágico
do pião com fieira
do ioiô de madeira

dos carrinhos de rolimã
e do pega-pega das brincadeiras

Sou do tempo
do bip-bip do Sputnik
das curvas da estrada de Santos
dos Beatles e dos Monkees
das músicas açucaradas da Jovem Guarda
e das calças colantes boca-de-sino

Sou do tempo
em que havia tempo
para se ler um livro em uma tarde inteira
para se pensar antes de falar besteira
para andar com calma olhando a paisagem
e escrever sem pressa um bom poema

Sou do tempo
em que o tempo era mais leve
mais incolor, inodoro e invisível
que as moléculas de oxigênio

Sou do tempo
que o tempo levou
e apenas ainda não me devorou

MUDADIÇO TEMPO

Aquilo que fui
mas não sou mais
Aquilo que estou sendo
mas não serei mais
Aquilo que em breve serei
mas ainda não sou

No interior de cada aquilo que trago
o ontem que se foi
o hoje que se vai
e o a seguir que chegará
vai se fazendo minha história
este amontoado de partículas do tempo
que em mim se grudaram como cimento
no aglutinar dos tijolos do castelo da memória

Na cidadela em que habito
tenho a consciência de que existo
no existir mutante de cada momento

O QUE OS RELÓGIOS NÃO VEEM

Os vidros das janelas estão manchados de ontem
a empoeirar os móveis e os objetos da sala
como uma fina névoa acumulada de tempo

Tudo ao redor parece roído pelo consumo dos minutos
no extinguir vaporoso da tarde
que ruma conformada ao final do dia
que amanhã borrará ainda mais
as vidraças já tão sujas e maculadas de idades

Se o Sol soubesse das horas
amanheceria atrasado e demorado
apenas para se pôr depois da noite
e um pouco antes da próxima madrugada

(Os relógios dizem as horas
mas não sabem nada sobre o tempo
e os minutos que os relógios marcam
não são iguais aos minutos que vivo e lembro)

Sobrevivo no persistir das minhas lembranças
pois é no interior da memória que habita o tempo
sem números, datas, horários ou agendas

(Sou um breve espaço
entre meu passado e os sonhos)

O tempo que não usa relógios
é como um ácido invisível
que derrete metais e plásticos
dissolve cálcios, carnes e tecidos
deixando somente para trás

o rastro amarelecido nos vidros

E assim tudo aos poucos vem e se vai
o Sol, as manhãs e as tardes
e o que sempre fica nos seus lugares
é essa noite escura de estrelas caducas
a escutar o choro infantil das maternidades

(O Universo e os relógios
são analfabetos de tempo)

O SONHO QUE FUGIU DO QUARTO

Certa vez
não sei quando
que horas e que data do calendário
acordei e me dei conta que o sonho
que tinha com ele sonhado
não estava mais na cama
nem no quarto

Procurei por toda a casa
e em nenhum lugar ele estava

Saí pelas ruas do mundo a buscá-lo
passei pelos dias
atravessei os corredores das semanas
entrei pelas portas dos meses
dobrei as esquinas dos anos
e quando parecia que ia desistir
eis que encontro meu sonho
sentado no banco de uma praça
tranquilo, calmo, sereno e pacato

Embora usasse a mesma roupa
da última vez que o tinha sonhado
ele havia crescido
estava mais bonito
não tinha o semblante de antes
juvenil, imberbe e apaixonado
agora ele era corpulento
forte, consistente e encorpado
um sonho adulto e amadurado
Meu sonho
aquele sonho quase menino

que lá atrás tinha sonhado
transformou-se em realidade

Peguei meu sonho antigo
e juntos passeamos pela paisagem
indo para além dos horizontes imaginados

POEMA RASGADO

Não há lacunas na vida
quando um sai
dois vão ocupar o lugar
um que nasceu
e outro que está pra chegar

A vida não se evapora
como fumaça no ar
ela se transforma
em outros cenários
outras paisagens
outros rostos
outros nomes
novos números de identidade

Os sumidos não voltam
deixam apenas retratos
algumas cartas de amor
guardadas nos armários
uns boletos pagos
talvez outros atrasados
e todos serão rasgados
jogados no lixo da História

Se cada desaparecido
deixasse vago seu lugar
a vida já teria se tornado
em um enorme vazio buraco

Portanto
a quem um dia me substituir
saiba que atrás dele vivi

e por isso escrevo esse poema
que espero ser lido
antes que seja rasgado
ou até das nuvens deletado

A VIDA É FEITA EM SEGUNDOS

Observo os segundos passando
levando miúdos pedaços da vida
que ainda pulsa no interior de mim

Os segundos são diminutas moléculas do tempo
que herdei dos meus pais e eles dos meus avós
e a cada segundo em que vivo com o tanto
dos segundos outros que já vi, esqueci e vivi
vou terminando aos poucos a minha história

Se a minha história fosse escrita
na superfície delgada e tênue do tempo
os segundos seriam os espaços em branco
entre as letras dos minutos
que fazem as palavras das horas
que formam as frases dos dias
dos parágrafos dos meses
a compor os capítulos dos anos

E quando meu livro terminar
no branco final do último segundo
nenhum segundo mais haverá de me tirar
a vida que deixou de pulsar no interior de mim

Que me venham os próximos segundos

O SONHADOR DOS SONHOS

Quem sonha o sonho que sonho?
Decerto não sou eu acordado
aquele que sonha o sonho que sonho
nem sou eu próprio adormecido
quem sonha o sonho que ora sonho
pois dormindo estou vivendo o sonho
e não posso estar sentindo o sonho
sonhando com ele ao mesmo tempo
Então
quem é o sonhador que sonha
o sonho que a pouco sonho?

Talvez eu seja um hospedeiro
a albergar no encovado de mim
um outro que não conheço
e ele no escuro dos olhos fechados
no pernoitar dos quartos letárgicos
vem do interior que não vejo
e me conta histórias que não entendo

No traduzir de um sonho
sonho encontrar em mim
aquele que sonha o que sonho
toda vez que sonho o que sonho
como este sonho que agora sonho
no despertar das coisas enfiadas
no íntimo do que trago por dentro

TODO DIA

Todo dia morro
quando o dia se passa
no calendário que vejo mais

Todo dia renasço
no acordar das pálpebras
no levantar da cama e no sair do quarto

Todo dia enterro um dia
no cemitério dos dias passados
já abarrotado de tantos dias sepultados

Nem sei quantos dias tive
menos ainda quantos terei
a partir deste dia em que morrerei

Todo dia morro
e de dia em dia vou vivendo
até o dia em que não morrerei mais

PARA NUNCA MAIS DIZER ADEUS

Tornar-me-ei digital
e vou virar uma inteligência artificial

Guardarei minhas lembranças
em nuvens que não estão no céu
pois o céu é o lugar das almas desencarnadas
no escuro que existe no interior dos azuis

Meus neurônios serão algoritmos
minhas artérias serão fibras ópticas
e me trasmudar em impalpável e invisível
que nem o fantasma do sótão da casa da minha avó

Vou abolir os relógios de pulso
e me livrar dos calendários
já que para onde vou inexistente passado
o futuro durará uma eternidade
e o presente será o tempo que não acaba

Não vou mais temer a morte
essa coisa criada para os humanos
inventarem coroa de flores, velórios
cemitérios, crematórios e dias de finados

Não precisarei mais das mascaras
que o espelho dos olhos dos outros refletem
tanto quando pela frente deles passo
ou quando na ausência de mim eles falam

Apropriar-me-ei dos dicionários
das máquinas calculadoras que nem uso mais
falarei inglês, alemão, turco, grego e javanês

e não mais tirarei nota baixa em prova de português

Vou saber de cor pra que lado fica Cabul
Kralendijk. Bamaco, Jamestown e Bangui
conhecer a capital de Chipre e de Cazaquistão
decifrar o enigma de Andrômeda
resolver a hipótese de Riemann
explicar o último teorema de Fermat
vencer o Deep Blue no jogo de xadrez
e calcular qual é a idade de Deus

Tornar-me-ei digital
vou virar inteligência artificial
para jamais ter que voltar a dizer adeus

E...

E esse cachorro que não para de latir?
E esse galo que sempre canta de madrugada?
E esse choro do filho da vizinha ao lado?
E esse semáforo constantemente apagado?
E esse buraco na calçada que ainda não foi tampado?
E esse caminhão de lixo que não passa?
E a noite que foi embora no acordar das pálpebras?
E a luz do Sol espantando os fantasmas para fora?
E as ondas do mar que a cada instante vêm e voltam?
E o elevador social de vez em quando quebrado?
E aquela menina virando aos poucos mulher?
E o louco na rua gritando à procura de Deus?
E a casa desocupada com a placa de aluga-se?
E o carro de som passando vendendo ovos?
E o cheiro da carne sendo cozinhada?
E o resto da humanidade do outro lado?
E o poente que é o ocaso do dia?
e o alvorecer da noite vindoura?

E o que será de tudo isso
após o sobressalto do último gemido?

AULAS DE CATECISMO

Preciso me encontrar
para poder voltar
pois não é aqui
nem ali
porém no acolá
é onde que devo estar

É no além deste lugar
ao longe e a seguir de cá
depois do horizonte que vejo
que vou conseguir encontrar
o que aquém ainda em mim não percebo

E quando o lago reencontrar seu Narciso
à beira das margens vou me amar
e é me amando então que vou te amar
porque enquanto era menino
nas aulas de catecismo aprendi
que só vou poder amar meu vizinho
da maneira com que amo a mim mesmo

SE EU FOSSE DEUS

Se eu fosse Deus
mal enxergaria aquele pequeno pontinho
no lado esquerdo dos confins do universo que criei
a rodopiar ao redor de um sol distante
que brilha fraquinho e longínquo
daqui do centro onde estou

Mas se eu fosse Deus tudo viria
e tudo saberia
por isso só não saberia por que errei

Se eu fosse Deus não seria perfeito
minha onipotência seria falha
minha onisciência seria precária
e dentre meus principais defeitos
é ser míope e não usar óculos de grau
e deficiente auditivo no ouvido oposto ao direito

Se eu fosse Deus
continuaría sendo filho único
não retiraria do barro nenhum irmão
apenas extrairia de volta meus pais
e seria garoto outra vez

A AMNÉSIA DOS NEURÔNIOS

O neurônio onde tu estavas
no hipocampo da memória
desapareceu e não o acho mais
no universo das minhas tantas sinapses

Já remexi todos meus lobos temporais
catei por aqui, por ali e por acolá
e nada de reencontrar o neurônio
onde teu rosto e teu nome guardei

Percorri por milhões de lembranças
desengavetei as memórias explícitas
inclusive nas implícitas espreitei e bisbilhotei
nas em nenhum lugar em mim te encontrei

Até achei teu par de sapato-alto vermelhos
sobre os quais dançastes a valsa dos meus delírios
o aroma floral e refrescante do teu pescoço
e o sabor mentolado da pastilha Halls que usavas

Na morfologia abstrata das minhas lembranças
sobrou de ti alguns objetos, gostos e cheiros
até a idade em que pensava te amar
para além da minha própria eternidade

Estranho essa lacuna que trago
vazia, inominada e sem rosto
de um amor que agora é para mim
assim tão passageiro e deslembrado

HÁ QUASE UM CLIQUE PARA ENTRAR

Há quase um clique para entrar
não vou, prefiro ficar aqui fora
Aqui fora tem o canto dos pássaros
a moça bonita que pela tarde passa
a conversa entre os bafos de cerveja
As peles bronzeadas no sol das praias
infâncias gritando e correndo no parque
e o livro que estou lendo que está na metade

Há quase um clique para entrar
um buraco do coelho me espera
para cair sem tempo para pensar
no outro lado do lado de cá
como em um universo paralelo
que se nele se chega mais rápido
do que se fosse em uma viagem interestelar
ou como se atravessasse o buraco da minhoca

Há quase um clique para entrar
vou deixar por aqui essa tal de humanidade
esta minha atual cordialidade
o meu corpo, os sentidos e a fenomenologia
minhas raízes ontológicas profundas
o relógio de pulso e a caneta esferográfica
o cristianismo que minha mãe me ensinou
e não vou nem mais saber quem eu sou

Há quase um clique para entrar
e me transformar num avatar de mim mesmo
deixar de exalar meus cheiros
não mais atender telefone
falar a língua dos dedos

abrir um canal no YouTube
tornando-me influencer digital
e irei parar de ser vertical

Há quase um clique para entrar
tudo se tornará sincrético
a vida será tão veloz
efêmera, passadiça e superficial
comprearei sapatos na Finlândia
sem sair de casa vou visitar a Birmânia
e deus se tornará algoritmo
tão invisível como um deus verdadeiro

Há quase um clique para entrar
não vou, prefiro ficar aqui fora

REVELAÇÕES ASSERTIVAS

Quando digo não
me afirmo
e me afirmando
é que me revelo

Quando digo não
e alguém me chama de chato
fico, então, lisonjeado

EM NOVEMBRO...

Em novembro terei mais cabelos brancos
além dos parques que me sobraram

Em novembro diminuirão os neurônios
terei um punhado a menos de axônios
e meus serão neurotransmissores alterados

Em novembro estarei mais perto
de me reencontrar com meus pais
e com todos aqueles que estavam
no retrato do Natal de 1964

Em novembro passarei a ficar mais baixo
escutarei ainda menos a esposa falando
minhas cartilagens estarão mais afinadas
a massa magra se tornará ainda mais magra
e meus pés terão meia dúzia de novos calos

Em novembro minhas roupas estarão mais largas
meu peso na balança ficará modificado
o oftalmologista vai aumentar o grau
vou ter que renovar a carteira de motorista
e haverá mais uma vela no bolo de aniversário

Em novembro
tudo que é permanente se torna transitório
e a eternidade se desmancha no ar

A INÚTIL ORAÇÃO DA IMORTALIDADE

Eu não quero descansar em paz
eu quero a intranquilidade do dia
o desassossego que há nas ruas
a dubiedade que habita nos homens
o amedrontamento das noites escuras
e a latência inquieta do porvir

Não quero a saudade eterna dos deixados
mas a indiferença dos vivos
a cara amarrada dos aborrecidos
o boquiaberto dos embasbacados
o sobressalto dos assustados
e a mendacidade dos falsos

Não quero ir para o céu prometido da minha mãe
prefiro ficar plantado na terra onde estou
a calosidade dura dos descalços
respirar a poeira soprada dos ventos
os pés lambuzados de barro
os joelhos ralados das quedas
e retirar os ouriços nas praias pisados

Não quero partir dessa para melhor
almejo a luz no fim do túnel dos desesperados
a angústia dos dias agitados
a incerteza dos assustados
a clareza serena dos calmos
a ânsia dos esfomeados
e a sofreguidão dos apressados

Quero a longevidade das galáxias
a durabilidade dos imortais

a ininterrupção dos afetos
a infinitude de um poema incompleto
poder beber a água da vida no Santo Graal
o néctar e a ambrosia dos deuses olímpicos
e nunca cessar de apenas continuar existir e ser

CADA VEZ MAIS

Cada vez mais
o corpo me avisa que estou indo embora

Um fio de cabelo onde antes não estava
um novo sinal que na pele aparece
o latejar sanguinolento das hemorroidas
as dores nas costas e nos quartos
o descaimento malemolente dos músculos
e esta vista cansada
cada vez mais
cada vez mais

Cada vez mais
as consultas marcadas com médicos
o arco-íris coloridos dos remédios
o braço perfurado de agulhas de laboratórios
meu interior radiografado
magneticamente ressonado
e fotografado por todos os lados
cada vez mais
cada vez mais

Cada vez mais
que os segundos me deixam
que os minutos me penetram e passam
Que as horas vazam dos relógios
que os dias que se foram não voltam
que o calendário aumenta de anos
que as datas e aniversários se repetem
eu estou indo embora
cada vez mais
cada vez mais

Cada vez mais
retiro-me desta vida
para desaparecer em um amanhã
em que nada mais disso importa

POR DETRÁS DAS PORTAS FECHADAS

Tenho medo da cegueira das portas fechadas
e que o elas enclausuram do outro lado

Por detrás das portas fechadas
quantos mistérios se conservam
de tantos e vários olhares curiosos?

Se a porta de algum lugar está trancada
assim deve estar pelas razões que só ela sabe
pois as portas sabem das coisas que guardam
no interior vedado à abelhudice dos mortais

Mas se nada tiver por trás das portas fechadas
cabe-nos fantasiar e criar o que dentro há
afinal para que uma porta estaria fechada
se não fosse para se imaginar, inventar ou sonhar?

As portas fechadas me deixam incerto e assustado
como o mutismo permanente e infindável do Universo

UM ARMÁRIO QUASE LOTADO

Estou me entupindo de lembranças
e o que é curto em mim vai ficando longo

Na neurogênese da minha memória
ainda cabem muitos neurônios novos
no entulhar das experiências que passo

Na semântica gramatical do que vivo
vou me anotando como se escrevesse um diário
em caligrafias escritas com tintas de afetos

Sei que sou eu quem me lembro
urdido no entrelaçar de episódios e eventos
onde venho me construindo antes de me lembrar

Sobre escombros de um passado que já se foi
edifico-me em pilastras a sustentar meu presente
que logo se acumulará no armário de quem sou

E assim vou me abarrotando de mim
no atulhar das minhas incompletas lembranças

DE VOLTA AOS QUINZE

Hoje voltei aos meus quinze anos de idade
e encontrei lá tudo como havia deixado

O mesmo quarto
as paredes cheias de pôsteres colados
a radiola na cabeceira ao lado
o armário abarrotado de gibis guardados
as calças bocas de sino da moda
a jaqueta de jeans desbotado
a revista Playboy bastante usada
escondida debaixo do colchão da cama
e a janela com a vista salgada do mar

A garota de cabelos cacheados alourados
para quem jurava amor eterno e queria casar
Os companheiros de pelada na praia
Martiniano com os músculos bombados
Bebeto com seu andar desengonçado
Lucinha com o aparelho de dentes na boca
o mundo que cada vez se agigantava
os sonhos acordados nos castelos no ar
com os quais iria mudar os rumos da Humanidade

Meus erros
meus poucos acertos
todos meus antigos e novos medos
minhas tantas oscilações e dubiedades
aquelas antigas aftas
minhas arrogantes certezas
as paixões frustradas
e a identidade até então não formada

Hoje voltei aos meus quinze anos de idade
e minha mãe ainda dormia no outro quarto

O LÁZARO RESSUCITADO

Hoje a camisa reencontrou seu dono
Fazia tempo
cinco anos até
ou talvez um pouco mais

Quando uma camisa recupera seu corpo
e o preencher de seu volume
é como se ela fosse recuperada
do cemitério a que estava condenada
que nem uma alma vagante e penada
à espera de uma oração para ser salva

A TRISTEZA DO QUARTO AO LADO

Triste de um quarto ao lado
sem ninguém dentro dele

Dos quartos vazios só se escutam
o conversar monótono das paredes
e o segredar dos sonhos das camas

Um quarto sozinho
tem a solidão dos desertos
a reclusão dos aprisionados
o arredio dos eremitas
o assombro dos fantasmas
o soturno dos escuros
a infecundidade das coisas secas
e o luto dos abandonados

Mas um quarto oco de gente
não sabe de sua futilidade
nem muito menos de sua infelicidade
ou do desalento do seu desamparo
pois a tristeza de sua solidão
habita no outro quarto que lhe fica ao lado

MIL LIVROS, OU MAIS

Já li mil livros, ou mais
e neles vivenciei mil aventuras, ou mais
experimentei mil afetos, ou mais
viajei por mil lugares, ou mais
presenciei mil histórias, ou mais
conheci mil personagens, ou mais
amei mil amores, ou mais
chorei mil gotas de lágrimas, ou mais
adquiri mil conhecimentos, ou mais
aprendi mil ensinamentos, ou mais
estudei mil culturas, ou mais
dominei mil linguagens, ou mais

Quando morrer
vou ter vivido mil anos
ou mais

EU HOJE VOU LER UM LIVRO

Vou ler para levar um tapa na cara
um murro no lado esquerdo do peito
perder o equilíbrio a que estou acostumado
rodopiar pelo banal cotidiano
quebrar os dentes da mediocridade
fraturar as costelas da ignorância
criar fissura em minha tola ingenuidade
e ter os credos e preceitos derrubados

Quero um livro que me deixe estonteado
pasma, boquiaberto e espantado
que fure a bolha do habitual
que me faça exclamar Eureka
que me retire da caverna
que me faça ver o Sol do outro lado
que me exploda
por dentro em pedaços
e me deixe atônito, chocado e abismado

Eu hoje vou ler um livro
para cair no chão e não mais ficar deitado

BRINCANDO DE FAZ DE CONTA

Vamos fazer de conta que não nos conhecemos
apenas para que eu possa lhe conhecer de novo

Vamos fazer de conta que não sabemos o amanhã
e como todo futuro é incerto e duvidoso
também não saberemos se o meu amor
é contínuo, durável e imorredouro
que minhas juras de eternidade
não são cavilosas ilusões dos enamorados
tão passageiras e ligeiras feito bolhas de sabão

Vamos fazer de conta que o tempo não conta
que os meses e os anos não passam
que não aumentamos de números nos aniversários
que as nossas imagens no espelho são imutáveis
que tenho a mesma quantidade de cabelos
afinal sentimentos preservados não envelhecem
eles tão-somente crescem e amadurecem

Vamos fazer de conta que daqui a cem anos
estaremos novamente brincando de faz de conta

AGORA QUE TODOS ESTÃO MORTOS

Agora que todos estão mortos
apenas eu me lembro do menino

No cemitério mal-assombrado
em que se tornou minha infância
fantasmas teimam em não morrer

Na fantasmagoria dos anos inocentes
bailam espectros remotos de gente
aprisionados no fundo escuro de mim

De tudo aquilo que um dia vi
não sabia eu que desapareceria
como assim se foram meus brinquedos
meus tios

Miné
o cachorro Rex
a filha zambeta do zelador
os álbuns de selos
o par de sapatos tamanho 32
a fantasia de Bat Masterson
meus pais
e eu mesmo entre eles vivendo

Se a infância de mim se foi
apenas restou a casa da minha avó
mas ela hoje está oca por dentro

JOAQUIM

Quando nasci não me deram um nome
deram-me um destino

Cresci condenado a ser Joaquim
todavia não o Joaquim dos outros
como o Joaquim da padaria
o Joaquim filho da Manuela
o Joaquim da Bahia
o Joaquim do sertão
o Joaquim de Lisboa
o Joaquim de Angola
ou o Joaquim dos livros de História

Sou o Joaquim que a vida me trouxe
um Joaquim calado que às vezes esperneia
um Joaquim tão largo que se estreita
um Joaquim domesticado, pero no mucho
um Joaquim que não fica parado
inquieta, afoito e abusado
que tem medo de assombração e de barata
que dobra as esquinas e segue em frente
que lambe suas feridas sozinho no quarto
um Joaquim acostumado a ser Joaquim

Há tantos Joaquins no mundo
que lá no céu
não pode haver lugar
para tantos Joaquins

Que me desculpem os demais Joaquins
mas nunca houve e jamais haverá
um Joaquim como o meu Joaquim

FIOS DO TEMPO

Os relógios exprimem as horas
os calendários dizem os dias
os réveillons falam dos anos
os aniversários confessam as idades
mas quem revela o tempo são os cabelos

Quando nasci meus cabelos estavam molhados
pelas águas oceânicas do ventre da minha mãe
e depois quando secado eram finos escassos
e tive medo de crescer quase careca ou calvo

Quando criança era alourado
pois minha mãe os pintava
talvez quisesse um filho germânico
ou haver casado com um escandinavo

Na adolescência meus cabelos eram encaracolados
cheguei até usar rabo-de-cavalo
tinha medo de servir o exército
e ter que apará-los ou raspá-los

Quando me casei meus cabelos estavam todos lá
eles viram minha filha nascer
me formar professor e psicólogo
e ainda os tenho em alguns retratos

Mas os relógios continuavam a devorar as horas
os calendários a rasgar os dias
os réveillons a assassinar os anos
e os aniversários a elevar minhas idades

Hoje meus cabelos são poucos e ralos

o alourado da minha mãe virou grisalho
não posso usar mais rabo-de-cavalo
e minha filha me transformou em avô

No folhear dos meus cabelos
conheço o tempo

FELIZ ANIVERSÁRIO, JOAQUIM

Quando nasci não conhecia aniversários
A seguir, nos aniversários ganhava presentes

Mais adiante aniversário era o dia
para lembrar dos meus ausentes

Depois os aniversários foram diminuindo
e a cada ano menos na minha vida
havia uma vela a mais nos bolos que não comi

Hoje na data em que meus mortos me celebravam
sinto o aroma suave das flores que ainda respirarei
quando não me houver mais nenhum aniversário

NO BAILAR RITMADO DAS CONFISSÕES

No bailar das letras, a palavra
No juntar das palavras, o verso
No brotar dos versos, o poema
No abrir dos poemas, a poesia
No destampar dos poemas é que
a vida confessa sua verdadeira face
nos sentimentos que há nas matérias
nos segredos por dentro das paredes
nos desejos escondidos nas carnes
no lado oposto das certezas incertas
no tempo que não habita os relógios
no subsolo perene das memórias
e na durabilidade das coisas mortas

É na consciência das palavras
que o dançar das letras formam
que o ser da vida se desvela
e com a sua nudez se abisma
e abismado se mostra e se revela

ONTOGENIA DE UMA ALMA

Meu avô paterno era mulato
e latifundiário
Meu pai era jornalista
advogado e literato

Meu avô materno era português
e dono de secos & molhados
Minha mãe era dona de casa
e tinha nariz arrebitado

Nasci com os olhos verdes da minha mãe
e o gosto pela poesia que herdei do meu pai

Minha mãe queria que eu fosse
obediente e bem-comportado
Meu pai queria que eu fosse
criativo e um pouco ousado

Minha mãe me colocou para estudar francês
meu pai para eu fazer teatro

Minha mãe desejava que eu fosse
médico ou engenheiro
Meu pai sonhava que eu fosse
escritor e diplomata

Minha mãe me levada à igreja
meu pai à redação de jornal

Antes de terminar a infância
perdi meu pai
Antes de concluir a adolescência

perdi minha mãe

O resto a vida

o mundo e as ruas me forjaram

Da mistura dos meus passados

tornei-me aquilo que sou

este tanto do que me teceram

e outro tanto que me inventei

do tecido em que fui tricotado

MÍNIMOS DETALHES

Apaixonei-me
pelas curvilíneas formas simétricas
desses seus joelhos
toda vez que cruzas as pernas
diante aos meus olhos alumiados de sempre

Apaixonei-me
pelos movimentos ondulares
dessas suas mãos
a regerem a silenciosa sinfonia
das moléculas do ar que junto a você respiro

Apaixonei-me
pelo luzeiro tremeluzente e aquecido
dessas suas retinas
a irradiar centelhas solares nas madrugadas
pelas quais um dia por elas passei

Apaixonei-me
pelo adocicado cheiro exalado
dessa sua pele
quando molhada pelas águas veranis
que vêm e vão além de janeiro

Apaixonei-me
pelo sabor da eterna mocidade
dessa sua mestiçagem
de que tanto Gilberto Freyre falou
em um livro que você ainda nunca leu

Apaixonei-me

pelo andar manhoso e felino
dessa sua feminilidade
que se mostra sedutora e envolvente
no agachar amorenado de suas tardes

Apaixonei-me
pelo somatório dos pequenos detalhes
que lhe fazem ser como você é
a se destacar em uma multidão de corpos
e a quem designo a singularidade dos meus únicos desejos

ESPELHO MÁGICO

Me vi pela primeira vez
no verde oceânico dos olhos da minha mãe
e lá eu cintilava mergulhado nas águas calmas
nas quais me tranquilizava e de mim espantava
os fantasmas ainda anônimos dos quartos escuros

Naquele espelho mucoso e delgado
onde descobri meu inaugural rosto
minhas pernas, minhas mãos e meu corpo
não existia no mundo ninguém mais belo do que eu

Na esverdeada imagem em que eu ali estava
parecia ser um sonho convertido em carne
ninado pelo meiguiceiro balançar do colo
em que sempre adormecia sob o abraçar do luar
dos olhos hoje desaparecidos da minha mãe

AOS QUE VIERAM DEPOIS DE MIM

Você que veio depois de mim
saiba que havia um tempo
que se precisava dar corda
para o tempo não ficar parado

Você que chegou a seguir de mim
talvez estranhe em conhecer
que se estudava com lápis e livros
e se estimulava o hemisfério esquerdo

Você que nasceu posterior e mim
pode não entender como era bom
pisar na relva das grama das praças
sujando os pés nos barros das lamas

Você que começou a partir de mim
haverá de ignorar que nos anos em que iniciei
a infância crescia nas ruas e nos terrenos baldios
como sementes plantadas no solo do ontem
que hoje já não existe mais

REGRESSO ÀS ORIGENS

Quando as luzes do meu palco
se apagarem
vai então terminar
esta minha humanidade

Quando minha humanidade
se for
tornar-me-ei resíduo
de poeira cósmica
e voltarei a singrar à toa
pelo Universo
de onde um dia
o campo gravitacional da Terra
para aqui me puxou

MERCI MON PETIT GARÇON

Quero abrir portas de quartos e armários
como uma criança a explorar o mundo
passando por frestas estreitas e apertadas
ralando a pele ainda imberbe de machucados
sujando as unhas com o polvilho da terra
indo além das fronteiras limitadas em que vivo
deitar no sonho das gramas para olhar as estrelas
e me imaginar no horizonte do Universo infinito

Quero me separar do ontem
levando-o comigo na bagagem
e quando me tornar próprio de mim mesmo
abrir uma garrafa de champagne francês
e brindar em taças alongadas de fino cristal
com a minha criança agradecendo-a
por ela jamais haver me abandonado

A PRECISÃO INCERTA DAS CERTEZAS

Acerto quando digo que erro
e erro ao me achar sempre certo
Nunca acerto quando estou certo
pois é certo que não é correto
estar em todo o tempo
o tempo inteiro sempre certo
Acerto quando erro
uma vez que errando
é que vou aprendendo o certo
Não é certo dizer que estou certo
porque se tem uma coisa que é incerta
é aquela certeza de que tudo não é certo
Se é certo de que nada é totalmente certo
é certo também que nada é de todo errado
pois se tudo fosse sempre somente certo
então todo o mais seria completamente errado

Mas se há um coisa que é certa
é que eu muitas vezes estou errado
ao mesmo tempo que em outras acerto

DEPOIS DE AMANHÃ

Desde antes de anteontem de então
tenho deixando muitas coisas para depois de amanhã

Agora que depois de amanhã se tornou ontem
o que é que eu fazer com estas tantas coisas
que hoje vou deixar para depois de amanhã?

O LADO OCULTO DOS RETRATOS

Meus mortos moram nos retratos
e no fundo desmemoriado do escuro
em que lembranças esquecidas
jamais verão a luz do sol de mim

Sei que meus mortos comiam
bebiam, conversavam e praguejavam
porém não lembro dos pratos
dos rótulos das garrafas
sobre o que falavam
nem recordo quem xingavam

Há silêncios em minha alma
enormes corredores entrelaçados
entupidos de minúcias espalhadas
sons, cheiros, sabores, ruídos
aromas, imagens, rostos e cenas
em que transitei no construir de quem sou

Cada molécula e átomo de mim
traz em si miúdas ossadas de história
a cimentar invisível as paredes da casa
onde me habito e comigo meus mortos

Quanto mais minutos eu vivo
mais lembranças são enterradas
nos lados ocultos dos retratos
cada detalhe, cada pormenor
restos, resíduos e destroços
escombros e refugos de mim
soterrados no subsolo da memória

Se os retratos falassem
talvez me dissessem
como cheguei nesta foto
e para onde foram meus mortos

REM

No adiantar das horas noturnas
lá fora a vida lateja
enquanto aqui dentro durmo

Dormito no embalar do meu menino
e escuto vozes que já não existem mais

O que sabem os morcegos e as corujas
das minhas narrativas oníricas?
No interior habitado dos sonhos
essências solitárias não me assombram
e nenhum uivar de qualquer lobisomem
há de me acordar para o escuro do quarto

Por debaixo dos lençóis das quimeras
deuses me sussurram segredos
que nem a mim mesmo ousou confessar

No interregno do etéreo e do mundano
passeio entre paisagens misturadas
pelo liquidificador das lembranças
e o emulsificar urdido das fantasias

Discordo de Freud quando diz
que sonhar é a realização de coisas
que não fazemos na realidade
pois comigo é a realidade que me invade
em busca de efetuar em minha alma
o que não consegue fazer com a carne

VOU DEIXAR AQUELA VIDA DE LADO

Vou deixar aquela vida de lado
o corre-corre do passo acelerado
o sentimento de estar sempre atrasado
a insensatez dos afetos descuidados
o respirar afobado dos afogados
os desvaneios frenéticos dos angustiados
o laborar macambúzio dos abandonados
e a sofreguidão desenfreada dos entediados

Vou deixar aquela vida de lado
passar para o outro lado do lado de cá
andar assoviando e olhando os pássaros
sentindo a brisa abafada de um final de tarde
ouvindo o silêncio adormecido do céu
curtindo as sombras generosa das árvores
apalpando o sabor de cada oxigênio respirado
e provando o moer do tempo no interior da carne

Vou deixar aquela vida de lado
e levar dela algumas sobras no interior da memória

GARIMPEIRO DO TEMPO

Na peneira do tempo
sobram frutos apodrecidos
das mangueiras da infância
a adubar o solo do menino
que hoje pisa como se fosse adulto

Do chão batido que me restou
extraio dos escombros deixados pelos dias
que os anos há muitos anos levou
artefatos de uma vida passada
enterrados um pouco abaixo de onde estou

No alagado ambíguo e impreciso da memória
argilas fluem soltas pelo escoar corrente das horas
e neste lodaçal bateio frenético como garimpeiro
pequenas pepitas e grãos de lembranças
que valem mais do que qualquer diamante ou ouro

No vasto território da minha desgastada memória
vagueio que nem fantasma de uma casa abandonada
em uma rua que tem o mesmo nome que sempre teve
em um endereço que continua sendo a morada do ontem
onde brinco sem perceber o mastigar vertiginoso do tempo

NO AGITADO MAR DOS PENSAMENTOS

Por que penso o que penso
eu que penso que penso tantas coisas?
Mas quando penso sobre o que penso
penso que penso sempre o que sempre penso

Qual foi a última vez que pensei
um pensamento para chamar de meu
um pensamento que fosse um pensamento novo
um pensamento que jamais pensei nele antes?

Tenho pensamentos
que nem aos meus pensamentos revelo
Tenho pensamentos caducos
outros inusuais aos pensamentos dos outros
pensamentos ferrugentos e desusados
pensamentos masculinos, femininos e ambidestros
inclusive tenho pensamentos importados
introduzidos desde ante do final do século passado

Tenho pensamentos para quase todo gosto
alguns picantes, salgados, metálicos
outros que de tão amargos têm sabor de vinagre
mas também existem pensamentos adocicados
que sorriem em minha mente quando sonho acordado

Amiúde desconfio de alguns pensamentos
quando me vejo pensando como foi que eles
chegaram ao interior barulhento de mim
Todavia descubro pensamentos insubordinados
indomáveis que nem cavalos selvagens
que bagunçam o armário do fundo esquerdo
que é lá onde guardo o pouco das minhas certezas

Pensamentos são células neurais conversando
em um incessante bate-papo que chego
até mesmo a ficar muitas vezes cansado

Entretanto quando meus pensamentos viram palavras
vencendo a barreira do ordinário e do trivial
corro em direção à ponta delicada dos dedos
e aguardo ver se eles se tonam poemas

PARADOXO DO AMOR

Nenhum homem me ama
Talvez meu pai
Mas este morreu
Quando eu era menino

As mulheres que eu amo
Não são iguais
Ou sou eu que amo diferente
Tudo aquilo que me é divergente

Dizem que se ama com o coração
Mas coração é um músculo oco
Do tamanho de uma mão fechada
Que se contrai e depois se dilata

Quem em mim ama é minha alma
Esse vácuo onde me hospedo
Que tem farta fome de imensidade
E que é bem maior do que eu sou

Não sei se amasse pela esquerda
Se seria mais certo ou menos duvidoso
Mas o único sentido e direção do amor
É seguir para onde está o objeto amoroso

Ontem minha esposa me disse
Que quando quero eu sou perfeito
Mas se fosse perfeito não haveria espaço
Para lhe amar com este meu imperfeito amor

PEQUENO POEMA ONÍRICO

O despertador não tocou

Continuo sonhando

O DESTINO DAS CALÇADAS

O destino das calçadas
é o encontro com as esquinas

Se não houvessem as esquinas
as calçadas apenas se findavam
no terminar definitivo das ruas

MINHA MOCIDADE

Minha mocidade
vem de longe
lá do passado do século XX

Minha mocidade
é uma camisa desabotoada
em meio a um guarda-roupa arrumado
que existe vivendo dizendo não

Minha mocidade
é que nem bicho indomável
feroz, selvagem e ferino
e ai de quem lhe encostar a mão

Minha mocidade
é ardente e audaciosa
que tem algo de estonteada loucura
que a uso em quase toda ocasião

Há quem não entenda minha mocidade
quanto a isso não posso fazer nada
afinal levei muito tempo para nela chegar
e se entranhou nas costelas do interior de mim

Vou levar minha mocidade até à velhice
para bagunçar o que o destino me reservou

DE SEGUNDO EM SEGUNDO

De segundo em segundo
tudo aos poucos se vai
ferros ficam enferrujados
casas são demolidas
alimentos apodrecem
solas dos sapatos se desgastam
paredes acabam descascadas
roupas ficam desbotadas
filhos saem de casa
empresas pedem falência
carros se transformam em sucatas
o corpo produz menos colágeno
cerdas das escovas de dentes se estragam
o gato da vizinha não está mais lá
retratos ficam sem lembranças
e até as lembranças também acabam

De segundo em segundo
aos poucos a morte retorna
ao lugar que a vida antes lhe havia tomado

A GÊNESIS ESQUECIDA

Venho de muito longe
de tão longe que já não consigo evocar
o solo molhado do útero da minha mãe

De onde vim nada mais resta
do que um punhado de pó
que o tempo como tudo comeu

Estou de tal maneira distante
da minha entrada ao mundo
que nem mais ouço o som lagrimal
com o qual lá longe me inaugurei

Neste palco em que por hoje ando
estou passo a passo remoto do meu olhar
espantado pela luz primeira do primeiro dia
que a cada ano celebro sem me lembrar

Do mosaico quebradiço da memória
em algum lugar em que a palavra não alcança
deve estar ocultada aquela célula ancestral
onde guardei os sonhos cantados da minha mãe

NO FIM DA VELHICE

Quando terminar esta minha velhice
vou fazer de conta que não existi
e me esconder debaixo da cama
em um amanhã que não mais me pertence

Quando terminar esta minha velhice
vou sentir falta do meu travesseiro
em cujo interior deixarei todos os sonhos
que não lembrarei na imortalidade do esquecimento

AMNÉSIA DOS DIAS

Já vivi milhares de dias
mas deles apenas lembro
de poucos
muito poucos
espaçados dias

Dos dias que me lembro
recordo somente alguns minutos
a maioria não mais que segundos
e o resto das tantas horas
que fazem os dias serem dias
são de mim descartados
assim como os dias não lembrados
(Um dia sem lembranças
é um dia morto no interior
necrosado dos calendários)

Triste dos dias desmemoriados
cujo destino é desaparecer
soterrado no solo empoeirado
e enfarinhado do tempo

PUER AETERNUS

A infância nunca acabou
a adolescência jamais findou
foi o adulto que hoje sou
que nasceu no interior
pueril e mancedo de onde vim

Ninguém se livra da própria meninice
e das inquietações primaveris da alma

PARADOXO DO ERRO

Se antes soubesse o que agora sei
não teria errado o tanto que tanto errei
porém se não errasse o muito que errei
hoje não saberia o que agora bem sei

De erro em erro aprendi o que sei
e se viver mais anos dos anos que ainda terei
deverei errar mais erros para amanhã saber
o que no presente ainda nem sequer sei

Outrora errei em várias provas de Português
fui impreciso quando foi preciso
dei mancadas e fiz coisas erradas
de tão descuidado não me cuidei
e cheguei a falhar com que amo ou já amei

Ortega y Gasset revelou que a verdadeira
riqueza humana é o tesouro dos seus erros
por isso deixo aos meus poucos herdeiros
o espólio dos meus deslizes, cabeçadas
tropeços, mancadas e frequentes enganos

ANDRÔMEDA

Depois que voltei de Andrômeda
não achei mais minha casa
onde meu menino brincava de astronauta
explorando planetas e galáxias
enquanto eu viajava para frente
no tempo-espaço como cosmonauta
na nave em que eu mesmo havia criado
no ambiente lúdico da imaginação

Em meio às cordas cósmicas
por onde zanzei meus infantes anos
tudo o que era mundano mudou
Minha casa, minhas mãos
os anos nos calendários
as festas de aniversários que perdi
e este rosto no espelho
que aqui não estava
quando fui para Andrômeda

ÁRVORE GENEALÓGICA

Tornei-me pai
quando tua carne disse sim
e tua mulher tornou-se mãe
e juntos construimos
à distância netos

POESIA NÃO PAGA AS CONTAS

Poesia não paga as contas
poesia é algo que se encontra
ou é ela que nos encontra

Poesia não paga as contas
poesia é uma resposta sem resposta
como uma interrogação no meio da alma

Poesia não paga as contas
Poesia é espécie de fissura
pela qual se olha o íntimo fundo das coisas

Poesia não paga as contas
poesia é um sopro vindo não se sabe de onde
que desvela o véu que encobre a vida

Poesia não paga as contas
poesia é um início continuado
até ao término que não acaba nunca

Poesia não paga as contas
poesia é a linguagem dos afetos
e o aletrar das sensações

Poesia não paga as contas
poesia é cutucar o que está quieto
e o tranquilizar das inquietações

Poesia não paga as contas
poesia é o silenciar dos barulhos
e o escutar do inexprimível

Mas se poesia não paga as contas
para que serve a poesia afinal de contas?
Talvez, quem sabe, ela seja
uma centelha plantada em nós por Deus

DIAS DIFÍCEIS

Em dias difíceis
Nada é tão dócil quanto tuas mãos
Nada é mais adocicado que o molhado dos teus lábios
E nada é mais aconchegante que o aninhar do teu colo

Em dias difíceis
Vou me entrincheirar sob tua sombra
Vou me abrigar entre teus braços
E vou roubar de tua noite um sonho teu

Em dias difíceis
Quero a serenidade da tua face
Quero a lindeza formosa dos teus olhos
E quero bailar ao som das tuas risadas

Em dias difíceis
Junto a ti tudo fica mais fácil

ANJO DA GUARDA

Meu anjo da guarda
tem o jeito da minha mãe

Meu anjo da guarda
cuida de mim quando estou resfriado
e me prepara chá de alho com limão

Meu anjo da guarda
tem olhos claros da cor da esmeralda
como se fosse descendente de holandês

Meu anjo da guarda
fala com sotaque pernambucquês
Com chios nos fonemas /s/ e /z/

Meu anjo da guarda
tem cara de galego
mas parece ser neto de português

Meu anjo da guarda
é bom e misericordioso com meus erros
e me diz "menino faça isso mais não"

Meu anjo da guarda
toda vez que saio de casa
me espera voltar rezando o terço

Meu anjo da guarda
espanta os fantasmas do quarto
velando o sossego dos meus sonhos

Meu anjo da guarda

foi minha mãe quem me legou
a este filho que hoje é ateu
mas no fundo continua temente a Deus

CHOROS, CHORAMINGOS E LÁGRIMAS

Lágrimas foram feitas
para se usar

Há lágrimas de alegria
de tristeza
de raiva
de amargura
de medo
de arrependimento
de lamúrias
e de dor

Lágrimas são sentimentos molhados
a escorrer salgada nos rostos
destilando o oculto de cada olhar

Existem lágrimas que vêm
de águas verdes
outras de águas castanhas
de águas avelãs
cinzas
pretas
azuis
marrons
há até lágrimas vermelhas
jorradadas pelo sangrar da alma
porém nunca vi
no fatigar dos meus anos
lágrimas rosas
delicadas
gentis
e carinhosas

em que eu nelas possa me banhar

Se um dia encontrar
ao menos um pingo de uma lágrima rosa
vou com seus olhos me casar

AGORA

Neste instante
neste exato momento
ainda não é a hora

Agora
neste lugar do tempo em que me encontro
que começou não sei quando
nem saberei quando irá terminar
milhões de sinapses nervosas
Me inquietam por dentro
e assim vou pulando de agora em agora
enquanto a minha hora não chegar

Será que é isso que é a vida
um rápido momento em movimento
no interior de um outro prolongado momento
que é bem maior do que meu frágil agora
este pequeno cenário do tempo onde estou

Nos retratos que carrego de mim
o tempo parece parado
ainda que esteja sempre a escutar
o tiquetaquear de cada agora que se vai embora

COMO JÁ DIZIA SARTRE

Quando me lembrei de mim
já havia nascido
e penteado os cabelos
frente ao espelho
dos olhos da minha mãe

Não me lembro
do meu primeiro aniversário
porém se ainda hoje faço aniversários
é porque um dia já fiz o primeiro aniversário

Não me lembro
da vez que experimentei melão
mas como não gosto de melão
é porque não devo ali ter gostado

Não me lembro
de quando provei o sal do mar
entretanto minha esposa vive me dizendo
que meus beijos são muito salgados

Das milhares de horas em que fui forjado
há tanta coisa que não me recordo
e por isso eu devo ser uma amnésia que fala
mas que não se lembra do que antes foi falado

Minha certidão de nascimento
antecede a minha essência

NO MEIO DAS MULTIDÃO

Todos os dias dezenas de pessoas
passam na rua pelo nosso lado

Dezenas de corpos anônimos
centenas de sonhos malogrados
milhares de silêncios aprisionados

Vidas vêm e vidas se vão
no corre-corre agitado das calçadas

No cruzar de tantas histórias
biografias não escritas não serão lembradas
e uma multidão de fotografias na futuridade
estarão apagadas, rasgadas ou incineradas

No meio dos desejos alheios que desconheço
os meus se movem evitando o toque

Olhares esquivados
bocas caladas
ouvidos tampados
afetos ignorados
a finta dos ombros
o gingar dos quadris
incontáveis abraços sonogados
e toda uma biblioteca de livros fechados

No congestionado baile da vida
para cuja festa fomos convidados
desejos parecem não querer se encontrar

TE AMO PORQUE NÃO TE AMO

Não te amo
o amor das revistas de amor
o amor sentimental das novelas
O amor dos filmes de Hollywood
ou o amor dos finais felizes de antigamente

Não te amo
com a afoiteza ousada de Romeu
com a timidez muda de Cyrano de Bergerac
com o fascínio desesperado de Neruda
ou com o resplandecer das flores de cerejeira

Não te amo
com o amor trágico de Orfeu
com os envenenados lábios de Tristão e Isolda
com o inquebrável laço invisível do fio vermelho
ou com a completude de quem encontrou a outra metade

Te amo um amor falho
imperfeito assim como é meu jeito
um amor um tanto destrambelhado
que às vezes manca outras vezes é apumado
que xinga, beija, esperneia e gosta de ser arrojado

Não te amo porque te amo
pois te amar até que seria fácil
mas amo o amor que nutres por mim
e amo amar ter você sempre por perto
nem que seja dormindo lá no outro quarto

TE CONHEÇO, MENINO

Te conheço, menino
desde o tempo das tuas memórias recentes
embora seja cedo para lembrares de mim
na altura destes meus tantos esgotados anos

Te conheço, menino
calça curta de pernas magra expostas
e com os cabelos longos aloirados
diferente dos meus sobreviventes grisalhos

Te conheço, menino
sonhando crescer e chegar maioridade
se tornando advogado engravatado
enquanto eu sou um psicólogo experimentado

Te conheço, menino
com este mesmo rosto que as fotos guardaram
sem o ressecamento do fazer diário das barbas
frente ao espelho que teus olhos ainda não viram

Te conheço, menino
e um dia haverás de também me conhecer

O SEIO DA MINHA MÃE

Do seio de onde vim
de onde lactei os minutos que fizeram
as horas dos dias dos meses do ano
da minha mais tenra infância
suguei este meu gosto em gostar
dos livros que minha mãe nunca leu

Da lactose adocicada no colo dos afetos
desbravei sinapses no engatinhar de mim
a explorar aquele enorme peito que me acolhia
e eu nele, aos poucos, fui me descobrindo

No degustar abrandado das ternuras
apalpei a textura macia das mamas
e conheci o tamanho das minhas mãos

Devo àquele seio distante na memória
onde as palavras não alcançam
o desabrochar de quem hoje sou
no esquecimento de quem ontem fui

Tenho saudades do seio
onde ficou meu primeiro retrato

OLD MAN

Te amo com o amor de ontem
um amor antiquado que nem nos retratos
que guardam o rosto dos meus antepassados

Te amo um amor longo
que vem dos tempos distantes
quando os homens usavam chapéus
as mulheres se abanavam com leques
as crianças trajavam calças curtas
e as braguilhas eram com botões
ao invés de serem com fecho-éclair

Te amo um amor remoto e recuado
corado de preto, branco e cinzento
um amor com cheiro de papel novo e tinta fresca
que nem as fotonovelas que se lia antigamente

Te amo um amor vintage
que embora velho e arcaico
tem o atrativo de um charme nostálgico
um amor um tanto ferrugento
que hoje já não se usa mais
no decorrer da liquidez de que falava Bauman
mas o que é que eu posso fazer
se só sei amar aqui no presente
como se vivesse amando lá de onde vim
que foi em meados do século passado

I am old man
e meu coração é totalmente retrô

A ETERNA INSATISFAÇÃO INCONCRETA DAS COISAS

Conheci uma baqueta que desejava ser pufe
enquanto o pufe queria ser uma cadeira
e a cadeira ideava ser um sofá

Já o sofá sonhava ser uma cama
e a cama imaginava um dia se tornar um quarto
Porém o quarto não gostava de ser quarto
e vivia se achando que era uma sala

Mas a sala que era pequena cobiçava ser maior
como se fosse um salão de uma casa
Contudo a casa que ficava ao lado
do apartamento de quarto e sala
onde havia uma cama, um sofá
uma cadeira, um pufe e uma banquetta
hoje já não existe mais
foi derrubada e em seu lugar
construíram um edifício
que era o mais alto da cidade

Por sua vez a cidade que era interiorana
queria ser uma capital
a capital queria ser um país
o país queria ser um continente
o continente queria ser o mundo todo
o mundo queria ser uma galáxia
a galáxia queria ser o universo
e o universo não queria ser nada

QUASE POESIA

Um verso a mais
e era um poema

Um verso a mais
e eu era poeta

Um verso a mais
e eu escrevia um livro

Um verso a mais
e eu era lido

Um verso a mais
e eu chegava lá

Um verso a mais
e eu era azul

Um verso a mais
e eu era feliz como os imortais

O ANTES E O DEPOIS

O antes já passou
ele não existe mais

O antes é um agora que se foi
logo depois do depois chegar
pois é tarefa de todo depois
levar o agora para antes
e o antes para mais distante

O destino do antes é ser passado
para atrás de quem somos
do lado de cá da memória
aumentando em lembranças
o livro inacabado de nossa história

Se não houvesse o antes
não haveria o depois
e o agora não seria provisório
nem a vida seria transitória

Como já dizia Santo Agostinho
Deus
que mora fora do tempo
criou o tempo e nele a vida fugitiva
ao criar o antes e o depois do agora

E neste agora em que agora estou
sou um inchaço perambulante
de tantos antes que aqui me trouxeram
até chegar o dia em que o agora
não terá mais nenhuma serventia
pois não haverá mais nenhum depois

LE BRUIT ET LE SILENCE

De repente
um imenso estrondo
ecoou pelo vazio ao redor
acordando até Deus

Depois
um escuro silêncio
ocupou o lugar do azul
em meio a indiferença do Universo

DOMINGO COM CARA DE QUARTA-FEIRA

O domingo acordou com cara de quarta-feira.
As formigas seguem o ritmo frenético dos instintos,
enquanto machos fertilizam as rainhas
e depois morrem.
As abelhas polinizam a flora,
e a flora alimenta os cavalos, as vacas e as ovelhas.
Os estrumes deixados adubam o solo
de onde nascem as árvores que sombreiam as praças,
e borboletas voam livres do rastejar das lagartas.

Os relógios caminham para o meio-dia,
no céu não se vê o brilho das estrelas.
mas Marte continua por lá.

Alguém passa,
alguém grita,
alguém chora.
alguém se cala,
enquanto as floriculturas vendem coroas de flores
e as maternidades estão quase todas lotadas.

No Universo tudo rodopia
neste indiferente domingo
com cara de quarta-feira

INVASORA DO TEMPO

& eis que ela chegou
discreta
calada
sutil
e sorrateira
como uma tarde
atravessando o meio-dia

& ela se infiltrou nos minutos
e se embrenhou nas horas
se enfiou nos dias
se alojou nos anos
se entranhou nas décadas
e juntos atravessamos o século
nós que viemos do milênio passado

INVASORA DO TEMPO

& eis que ela chegou
discreta
calada
sutil
e sorrateira
como uma tarde
atravessando o meio-dia

& ela se infiltrou nos minutos
e se embrenhou nas horas
se enfiou nos dias
se alojou nos anos
se entranhou nas décadas
e juntos atravessamos o século
nós que viemos do milênio passado

A LINGUAGEM ONÍRICA DA ALMA

Ainda é cedo para acordar do sonho
pois aqui onde a realidade não me alcança
minhas lembranças bailam misturadas
ao som desafinado de uma sinfonia calada

Da lixeira das sobras do cotidiano
retiro um amontoado de imagens
com as quais pavimento estradas
a me levar ao interior inominado de mim

Aqui dentro sou outro sendo o mesmo
sou o dono do castelo embora não more nele
sou um pássaro sem asas a voar desvairado
no policromado céu da fantasia e da imaginação

Aqui dentro sou guerreiro invencível
salvando Dulcineias encarceiradas
sou explorador de espaços siderais
o mais hercúleo de todos os Hércules

Não importa se o sonho é uma invenção da alma
o que importa é que ele aconteceu ao clarear
do escuro mais íntimo que há aqui em mim

FASCÍNIO

Fascina-me
ser quem sou
como aqui cheguei
e para onde ainda irei

Fascina-me
ter sobrevivido
às guerras que não presenciei
ao iceberg que afundou o Titanic
à gripe espanhola que não contrai
ao meteoro que dizimou os dinossauros
aos terremotos em terras que nunca pisei
e aos vivos que mortos um dia me deixaram

Fascina-me
as entrelinhas do que hoje vejo
a curva que o vento faz nas esquinas
o desprender das coisas que aprendi
a nostalgia do cheiro dos livros novos
apreciar o minuto que passa devagar
o silencioso sussurro que vem dos retratos
o alaranjado vermelho matinal dos horizontes
e o encontrar dos versos ocultos nos cenários

Fascina-me
a satisfação do olhar do meu espelho

BALBUCIOS VOLUNTÁRIOS

Vou soletrar teu nome
como se gago fosse
para que tuas vogais e consoantes
demorem um pouco mais em minha boca

MEDO DO QUARTO ESCURO

Tenho medo do quarto escuro
que me espera no outro lado da noite que não verei

Tenho medo de não despertar das pálpebras fechadas
e ficar aprisionado para sempre no negrume do quarto
grudado a um sonho mutilado pelo minuto afiado
que me cortou do amanhecer do dia em que não estarei

No espaço vazio do meu não comparecimento
ainda ecoará em silêncio meu medo do quarto escuro

METAMORFOSE

Conheci meu menino na infância
Aquele corpo franzino
seu jeito dissimulado
de parecer bem-educado
os cabelos bem penteados
que por baixo escondiam
o gestar dos futuros pecados
e os olhos verdes claros
como claras são as alvoradas
ainda não usavam óculos
nem conheciam cemitérios
como o de Santo Amaro
que ficava por detrás do muro
que dava para a frente da casa
onde todos com ele moravam

De repente
o corpo cevou
o jeito mudou
os cabelos rarearam
deixando à mostra os pecados
os olhos anoiteceram
não havia mais muro
separando a casa
que de chofre vazia ficou

Não me dei conta dessa passagem
tão certa
tão previsível
tão definitiva
como toda a infância
que um dia

pra sempre
um dia se vai

A CASCA DO OVO

Quando arrebentar as paredes da memória
ultrapassar as balizas a que fui confinado
escapar da morfologia subjetiva da minha objetividade
me desapegar das doutrinas que me catequizaram
e deixar de lado as aparências das velhas fachadas
vou respirar o ar puro que até então me foi sonegado
e conhecer o vizinho que existe por detrás de mim

É no romper da casca
que se conhece a gema do ovo

A LONGEVIDADE DOS DIAS

Hoje vou comemorar
um dia a mais na minha velhice
e se houver mais dias para comemorar
em breve farei novo aniversário

Quando chegar o dia
em que não tiver mais nenhum dia para celebrar
vou deixar de vez esta minha imortalidade

COMETA HALLEY

No Universo tudo vai
tudo volta

É girando que os dias se movem
e no rodopiar da Terra
em torno do Sol
é que o ano passa
e faço aniversários

Em 1986
o cometa Halley passou
mas eu estava dormindo

Em 2061 ele volta a passar
e eu estarei dormindo

O CALENDÁRIO INVISÍVEL DE DEUS

Hoje é o oitavo dia
da undécima hora
da terceira semana
do décimo primeiro mês
do milésimo sexto ano
do quadragésimo quinquênio
do triplo do dobro
do sétimo milionésimo triênio
do debutar do quinto século
do segundo centésimo
do sexagésimo bilionésimo segundo
do antepenúltimo minuto
da décima oitava hora
posterior ao sétimo dia
do primeiro mês anterior
ao trigésimo nono século
do nonagésimo quinto milênio
do dia em que a luz se fez
no interior escuro e vazio do Universo

Feliz aniversário

2001 UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

Faz vinte e cinco anos
que o século XXI chegou
tanto barulho
tanta zoadá
várias incertezas
novas esperanças
uma profusão de fogos de artifícios
iluminavam o céu noturno das cidades
e o mundo não terminou
nem o bug do milênio se realizou

Há vinte e cinco anos atrás
eu era vinte e cinco anos mais jovem
ainda tinha fios de cabelos pretos
usava camisas xadrez fora das calças
as torres gêmeas continuavam lá
Arthur Clark não havia morrido
meu rosto era o mesmo de ontem no espelho
meus olhos eram mais inquietos do que hoje
e meus lábios até então, Cecília
não tinham o sabor amargo que nem os teus

SISTEMA LÍMBICO

Meu sistema límbico
é confuso e alvoroçado
às vezes é amável
outras tantas assustado
e tem dias que fica arretado

Meu sistema límbico
é escuro e acinzentado
com um punhado de neurônios oxidados
alguns me são desconhecidos
por não serem ainda explorados

Meu sistema límbico
é sensível e emotivo
na maioria das vezes desregulado
e assim por qualquer motivo
pode ficar excitado e empolgado

Meu sistema límbico
também é criativo
fértil, fecundo e imaginativo
vive me soprando coisas no ouvido
até mesmo quando estou dormindo

Meu sistema límbico
tem pavio curto
saca seu revólver bem rápido
e antes que eu possa segurá-lo
vejo que já fiz um estrago

Meu sistema límbico
ama

me alegre
me entristece
e de quando em vez me deixa emburrado

No hipocampo do meu sistema límbico
respira o menino em sua infância
correndo, jogando e brincando
e todos meus mortos estão vivos
porque ali não existe aniversários

Meu sistema límbico
é o solo arenoso das minhas emoções
e a preamar dos meus sentimentos

SISTEMA LÍMBICO

Meu sistema límbico
é confuso e alvoroçado
às vezes é amável
outras tantas assustado
e tem dias que fica arretado

Meu sistema límbico
é escuro e acinzentado
com um punhado de neurônios oxidados
alguns me são desconhecidos
por não serem ainda explorados

Meu sistema límbico
é sensível e emotivo
na maioria das vezes desregulado
e assim por qualquer motivo
pode ficar excitado e empolgado

Meu sistema límbico
também é criativo
fértil, fecundo e imaginativo
vive me soprando coisas no ouvido
até mesmo quando estou dormindo

Meu sistema límbico
tem pavio curto
saca seu revólver bem rápido
e antes que eu possa segurá-lo
vejo que já fiz um estrago

Meu sistema límbico

ama
me alegra
me entristece
e de quando em vez me deixa emburrado

No hipocampo do meu sistema límbico
respira o menino em sua infância
correndo, jogando e brincando
e todos meus mortos estão vivos
porque ali não existe aniversários

Meu sistema límbico
é o solo arenoso das minhas emoções
e a preamar dos meus sentimentos

A PEQUENA LEVEZA DO SER

Nunca me medi
em centímetros ou metros
Nunca me pesei
em gramas ou quilos
Mas meu menino
tem a leveza do tamanho
de uma infância

MISTUREBA DESVAIRADA

Vou misturar o hoje com o ontem
a terça com a quarta-feira
o sábado com o domingo
o vermelho com o amarelo
a aurora com o crepúsculo
o quente com o frio
o claro com o escuro
o chá de boldo com vinagre
o limão com a melancia
o desejo com o desapego
o adocicado com o amargo
o áspero com o aveludado
a coragem com a pusilanimidade
a embriaguez com a sobriedade
e o ateísmo com a religiosidade

E com toda essa mestiçagem
vou refazer tudo de novo
como se fosse um deus desatinado
brincando de inventar o seu próprio Universo
somente para ver depois no ele vai dar

POEMAS ROUBADOS

É preciso saber
roubar do breve instante
a poesia que logo nos será sonegada
e entender que a vida
é um prolongado poema
a ser sempre descoberto
e constantemente inacabado

NO ÍNTIMO DO DIA

O dia mais um dia, amanhece, e eu estou dentro dele.

Os ruídos miúdos da casa e o barulho das ruas acordadas, fazem-me saber que ainda estou vivo.

Saio dos sonhos noturnos, sem me lembrar deles, para buscar meus desejos diurnos. Às vezes me pergunto para onde vão os sonhos sonhados, deixados nas fronhas amarrotadas dos travesseiros? Se um dia eu não mais amanhecer, quero ir para o cemitério dos meus sonhos evaporados.

Mas o dia continua, e ele tem a pressa dos relógios. Caminhar no interior de um dia é sempre para mim desafio, espanto, assombro e deslumbramento. Não há dia em que não sinta o pulsar da vida no interior silencioso das artérias e no além das minhas fronteiras.

Nenhum dia é igual ao outro. Os dias só são iguais para a Terra, o Sol e o Universo. Se um dia parecer como um dia já apareceu, tem alguma coisa de errado nele. Porém, os dias estão sempre certos: amanhecem, entardecem e anoitecem. Se algo não está pertinente ao incerto que a vida é, sou eu e minhas repetidas rotinas, que não me deixam enxergar o outro lado; cheirar o inesperado; saborear todos seus doces, azedos, amargos e salgados; escutar o até então inaudível e tatear pelos entremeios das invisíveis frestas do cotidiano.

Há dias que são azuis, como os dos sonetos de Carlos Pena Filho. Outros, verdes, violetas ou amarelos. Há dias rosados. Há dias acinzentados. Há dias até que passam em branco. Tem dias mais bordôs do que outros e alguns chegam a ser amarelo-arroxeados, porém tem dias que são tão pretos que neles não se enxerga nada.

Quando mais jovem gostava dos dias esquentados, vermelhos, amarelos e muitos alaranjados. Porém, o tempo dos agitos, dos açodamentos, das avidezes e dos afobamentos, são tempos velozes e inquietos, impregnados de ansiedades, formigamentos, frenesins e sobressaltos. Eles hoje são os dias que em parte me fizeram, e que trago neste labiríntico amálgama chamado memória.

Hoje prefiro os dias beges, mesmo que sejam dias quentes, chuvosos, friorentos ou até mentolados. Não é fora de quem sou que vivo o dia: é no meu interior, às vezes confuso, às vezes sereno, outras vezes pacificado, que o dia lá fora se infiltra em mim, e aqui dentro é que ele se faz. O dia é o momento da vida. E é no agora, dos vários agoras do dia, que quero sorvê-lo sem a inquietação dos agonizados.

Como o poeta António Machado, vou passear pelo dia como se pisasse no mar. Das pegadas que deixo na superfície líquida das águas, vou trazendo a sensação molhada de que ela me dá.

Tenho pena dos distraídos e dos desatentos. Não sabem eles que a vida está no oxigênio que se respira, no passar vagaroso das nuvens, no pausar descansado do dia à tarde, no recolher do Sol ao seu quarto, e no acender das estrelas que o céu sem azul nos revela. Somos todos feitos de dias. É no somatório deles que calculamos nossos aniversários.

E quando este dia terminar, vou voltar pros meus sonhos esquecidos nos travesseiros ? quem sabe alguns deles ainda estejam lá...

A GATA DA DONA FRANCISCA

Junto da casa da minha avó
Dona Francisca tinha um gato siamês
gordo, branco e de pelos curtos
com imensos olhos de azuis fundos
como se fossem duas safiras
feitos são os olhos dos anjos que nos guardam

O gato de Dona Francisca
passava as tardes na janela
estirado sobre suas patas domésticas
observando as crianças brincarem na rua
e os velhos conversando nas calçadas

Parecia ver o tempo lento passar
mas gatos não sabem ler relógios
nem que data é o dia de hoje
(gatos não carecem de números
embora sete sejam suas eternidades)

Tinha medo do gato de Dona Francisca
nunca sabia o que ele estava pensando
talvez me achasse tão apetitoso
tal qual lhe são os desejados ratos

O gato de Dona Francisca não fazia
coisa nenhuma ou absolutamente nada
apenas espreitava fixo o entardecer
como se aguardasse caviloso a madrugada

Os felinos não sabem, mas também eles
atravessam a vida nas janelas
nas poltronas, nos sofás e nos telhados

até que as tardes desapareçam
e ele se mudem para o sótão da minha avó
pois é lá que na minha infância,
era o lugar onde morava o paraíso dos gatos

Não gostava de dormir na casa da minha avó
achava os quartos mal-assombrados
e toda vez um pouco antes das pálpebras hibernarem
ouvia vindo de cima o miar manhoso dos gatos

Hoje a casa da minha avó já não existe
derrubaram-na para alargar a rua
onde antes vivia o gato de Dona Francisca
com seus imensos olhos de azuis fundos
feitos são os olhos dos anjos que nos aguardam

Em que parte do céu é o céu dos gatos?

SE O MUNDO ACABAR NUMA SEXTA-FEIRA

E se tudo acabasse numa sexta-feira?
Não haveria mais as peladas de sábado
as missas dominicais que minha mãe frequentava
os galletos poeirentos comprados nas esquinas
os salões de cabelereiros e manicures lotados
as filas compridas para o cinema no shopping
as cervejas geladas à beira das praias e piscinas
e não se teria mais qualquer aniversário

E se tudo acabasse numa sexta-feira?
Os carros ficariam sujos e não lavados
muitos namoros seriam abortados
o luau de amanhã seria desmarcado
roupas novas não seriam estreadas
nenhum morto mais seria velado
e o queijo que deixei na geladeira
iria ficar azedo e estragado

E se tudo acabasse numa sexta-feira
o que é que iríamos fazer com o resto do calendário?

NO OUTRO LADO DA RUA

No outro lado da rua
Uma tapa me espera
Um grito me assusta
A pedra atirada machuca
A faca penetra entre as costelas
E um tiro quase que me pega

No outro lado da rua
As calçadas são desérticas de anjos
Amores se vendem nas mercearias
Vampiros tocaiam nas esquinas
O céu é mais escuro do que um quarto apagado
E todas as fadas madrinhas já foram enterradas

No outro lado da rua
Meu menino é proibido de ir
E se um dia eu for para o lado de lá
Ele vai ficar no lado de cá
Em sua infância de classe média deslumbrada
No interior de um Recife que não existe mais

O TEMPO DE MATUSALÉM

Não conhecemos pessoas
conhecemos o tempo que nos dão
para com elas convivermos
e que é insuficiente para conhecê-las

Acaso pudéssemos viver
o tempo que viveu Matusalém
ainda assim estaria a um terço
da metade de conhecer
a mulher com quem casei
desde duas décadas anteriores
ao final do século passado

ESQUECIMENTO

E pensar que um dia pensei
em não mais pensar em você

Agora sei
quando penso em você
que se não mais pensasse em você
haveria em mim uma lacuna
do tamanho de um buraco negro
a me sugar no vazio dos pensamentos
até que tudo que vem de mim
viesse se ausentar e desaparecer

ETNERF OA OHLEPSE

eS somracoloc o aid
an etnerf ed mu ohlepse
ele áritelfer a etion

No inverso dos espelhos
a vida é vivida ao contrário

O CICLO DA VIDA

No amanhecer da vida
o mundo parecia congelado
tudo estava pronto e acabado
já estava ali apenas para me moldar
no cenário que nada fiz para ser criado

Meus adultos eram gigantes
enormes divindades a serem imitadas
conforme à suas imagens e semelhanças
como me ensinaram os padres
e eles eram deuses inelutáveis

Ao meio-dia da vida
aquele mundo concreto se afracou
as verdades eram questionáveis
as divindades eram vacilantes e frágeis
e tudo se desmanchou no ar

E eis que chegou a tarde
com tudo que lhe é solvente
impermanente e transitório
e o mundo mudou de cor
textura, cheiro e sabor

No entardecer estava cansado
sentei no banco de uma praça
dei pipoca aos pombos
apreciei o pôr-do-sol
e cochilei em sonhos esquecidos

Agora na noite em que me encontro
perambulo insone pela casa

em busca de um abridor de latas
para abrir um leite condensado
enquanto espero o chegar da madrugada

O DEIXAR DOS DIAS

O dia se esqueceu de mim
tão logo dobrou o horizonte
e foi para o outro lado do mundo

Um dia queria que o dia me levasse
lá para o Japão onde o Sol brilha
nesta noite escura em que me encontro

Porém me restam as estrelas
que daqui vejo da janela do quarto
iluminando o vazio do dia que se retirou

E amanhã quando o dia for meu ontem
irei para as horas de um outro dia
levando saudades órfãs do dia que me deixou

DOMINGO COM CARA DE QUARTA-FEIRA

O domingo acordou com cara de quarta-feira.
As formigas seguem o ritmo frenético dos instintos,
enquanto machos fertilizam as rainhas
e depois morrem.
As abelhas polinizam a flora,
e a flora alimenta os cavalos, as vacas e as ovelhas.
Os estrumes deixados adubam o solo
de onde nascem as árvores que sombreiam as praças,
e borboletas voam livres do rastejar das lagartas.
Os relógios caminham para o meio-dia,
no céu não se vê o brilho das estrelas,
mas Marte continua por lá.

Alguém passa,
alguém grita,
alguém chora,
alguém se cala,
enquanto as floriculturas vendem coroas de flores
e as maternidades estão quase todas lotadas.

No Universo tudo rodopia
neste indiferente domingo
com cara de quarta-feira

O UIVO

A árvore com seus galhos cansados
envergados pelo esculpir do tempo
sombreia o passar remansoso da tarde
encobrimdo o tédio dos homens sentados
enquanto crianças correm pelo parque
suadas pelo vaporizar fugaz dos instantes
e pelo deslizar escorregadiço da infância

Mais adiante
quando a noite for madrugada
e tudo ali houver se tornado silêncio
um velho cachorro acostumado às pulgas
uiva para a Lua como se ela lhe desse ouvidos

POR ONDE PASSO

Por onde passo
ninguém me aplaude
alguns ensaiam vaias
outros nem me olham
e os dias seguem indiferentes

Por onde passo
deixo rastros
que logo serão apagados
pelo suor evaporado das ruas
pela brisa refrescante dos ventos
e pelo pisotear dos pés alheios que não seguem

Por onde passo
retiro pedaços de paisagens
que levo na algibeira esquerda da memória
onde guardo guimbas de cigarros fumados
resíduos dos minutos que ainda me sobraram
e o puído retrato em que estou nos braços da minha mãe

Por onde passo
somente eu faço meu caminho
tão microscópico e tão minúsculo
que o polvilhar das borras do tempo
haverá de entapetar e depois meramente encobrir

SIMULAÇÕES E SIMULACROS

Vou esconder as lágrimas
e mandar sorrisos
encobrimdo as feridas
com coloridos band aids
vestindo a melhor roupa
como se fosse antigos domingos

Vou falar palavras ordeiras e gentis
para simular o rebuliço que trago por dentro
e fastiar o tédio
amansar o cavalo
domar o leão
e encantar a serpente
soprando na flauta músicas que não entendo

Vou disfarçar o cansaço
mascarar a tristeza
amordaçar o medo
enxugar a sangria
sonegar a agonia
escurecer os cabelos grisalhos
e me fantasiar de pura euforia

No simulacro em que crio
vou viver enrustido e encolhido
entocado feito animal acuado
perseguido e assustado
apenas para parecer que tudo está bem
e que sou (quase) sempre animado e feliz

ADEUS, NOITE

Todo dia quando acordo
me despeço da noite que não vi ir embora
levando com ela sonhos gastos que já não lembro

Quantas coisas ainda irei perder
nas tantas noites que me restam
até que não mais recorde que tive memória?

Se me fosse permitido escolher sumir
queria partir com a noite que não me despedirei
pois é com ela que eu e meus sonhos iremos embora

PRA ALÉM DA MARRAKESH

Vou para além de Marrakesh
onde o vento não faz a curva
e meus cabelos não vão assanhar

Vou para além de Marrakesh
encontrar as horas que se foram
e os minutos que nem vi passar

Vou para além de Marrakesh
me deitar em um leito de rosas
e passar os dias sorrindo à toa

Vou para além de Marrakesh
passear por ruas que serão minhas
cobertas com brilhantes que mandei colocar

Vou para além de Marrakesh
onde na porta tem uma careta
para a tristeza com medo ali não entrar

Vou para além de Marrakesh
lá em que tudo é tão perfumado
feito o La Vie Est Belle que mamãe usava

Vou para além de Marrakesh
comer doces saborosos de ambrosia
e depois com meu anjo da guarda brincar

Vou para além de Marrakesh
fazer as pazes comigo mesmo
e nunca mais, nunca mais me deixar

CONVERSA DE ELEVADOR

- Bom dia

- Bom dia

* * *

- Até mais

- Tchau, tchau

ORFANADES

Quando nasci já era órfão de avô
Na infância me tornei órfão de pai
Na adolescência fiquei órfão de mãe

Agora que cresci e virei adulto
após tantos outros velórios visitados
transformei-me em órfão profissional

Amanhã terei de ser órfão de mim

TEMPO MALGRADO

Desperdiço o hoje
e amanhã não terei lembranças do agora

Minha memória é um escombro
onde brotam parcas bromélias e rosas
em meio a tantas coisas estragadas

No âmago de quem sou feito
trago um enorme terreno baldio
de um bocado de tempo em mim dilapidado

PORTA ENTREABERTA

E quando tudo não mais
representar a inquietação de viver
e a alegria sofrente de amar
nem mesmo uma valsa vienense
nas cordas da minha alma vibrar

E quando tudo se for
inclusive a completude ao redor
feito bolha de sabão ao se desintegrar
e o medo de perder não mais retornar
pois nada mais há a perder ou lembrar

É então chegada a hora
de apagar os retratos
me despojar dos relógios
desbotar os calendários
descer do tablado e sair do teatro
deixando a porta entreaberta
para os próximos que ainda vão entrar

DA CARÊNCIA DE QUE SOMOS FEITOS

Tem coisas que urgem dentro da gente
que surge como se viessem do nada

Vestígios mal resolvidos do ontem
sonhos incompletos e inacabados
sirenes de ambulâncias antecipadas
o grasnar de uma ave engaiolada
e uma pressa, uma pressa danada

No território ilimitado da alma
há mais pensamentos do que
as moléculas de água em um oceano
e é no emergir das premências
que se revela o afleimar da alma

Se fossemos feitos da mesma substância
de que é feita o éter da eternidade
poderíamos adiar para o amanhã
o afã desta nossa repentina mortalidade

DA CARÊNCIA DE QUE SOMOS FEITOS

Tem coisas que urgem dentro da gente
que surge como se viessem do nada

Vestígios mal resolvidos do ontem
sonhos incompletos e inacabados
sirenes de ambulâncias antecipadas
o grasnar de uma ave engaiolada
e uma pressa, uma pressa danada

No território ilimitado da alma
há mais pensamentos do que
as moléculas de água em um oceano
e é no emergir das premências
que se revela o afleimar da alma

Se fossemos feitos da mesma substância
de que é feita o éter da eternidade
poderíamos adiar para o amanhã
o afã desta nossa repentina mortalidade